

Autora dos bestsellers · *A minha verdade é o amor* · *Espero por ti este Inverno*

LUANNE RICE

NO SÉTIMO CÉU

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Romance

*Nunca é demasiado tarde
para encontrar o verdadeiro amor
ou dizer finalmente adeus
a quem partiu para sempre*



Quinta Essência*



NO SÉTIMO CÉU

Luanne Rice

Capítulo 01

Mais um outono chegara a Fort Cromwell, em Nova York, e ali estava Sarah Talbot para vê-lo. Sentada na varanda da frente de uma casinha branca, tomando chá de maçã com canela, ela imaginava o que faria em seguida. Alguns colegiais da vizinhança lavavam seu carro. Borrifos da mangueira molharam-lhe as faces. Enrolada numa manta de lã xadrez, ela virou o rosto para o sol e imaginou que as gotas eram de água salgada, e que estava em sua casa, na ilha Elk.

Um sedã azul percorreu a rua devagar. Parecia um carro municipal. Tinha as palavras FORT CROMWELL VNA impressas na lateral. Quando parou na entrada da garagem de Sarah, uma mulher baixinha, elegante no seu jaleco branco, saltou.

- Que está fazendo aqui? - perguntou Sarah a sorrir.
 - Que bela recepção! - disse a enfermeira.
 - Achei que já tinha acabado seu trabalho comigo - Sarah comentou, despenteando distraidamente os espessos cabelos tosados.
 - Acabado com você? Minha filha me mataria. Além disso, acha que é assim que eu trato meus amigos?
 - Sou sua paciente, Meg.
 - *Era*, Sarah. *Era*. Viemos aqui para levá-la a um passeio.
 - Passeio? Onde? - Sarah deu uma olhada para o carro e reparou que Mimi estava no banco de trás.
 - Feliz aniversário - disse Meg, curvando-se para dar-lhe um abraço.
- Sarah levantou-se e abraçou a enfermeira. Chaves, canetas e um estetoscópio tilintaram nos bolsos de Meg. O abraço trouxe uma sensação terna a Sarah, que mordeu o lábio.
- Como você soube? - perguntou quando se separaram. Naquele dia, Sarah completava 37 anos. Até o momento, o aniversário passara em silêncio: nada de festa, cartões, nem telefonemas de casa. Na janela de trás do carro, Mimi erguia um cartaz rosa choque. Nele escrevera com tinta esferográfica prateada cintilante: QUE ESTA DATA SE REPITA POR MUITOS ANOS!
 - Li sua ficha médica - disse Meg, abrindo um largo sorriso. - Vamos lá.

Will Burck estava no hangar, a cabeça mergulhada sob o capô do *Piper Aztec*. O outono era sua temporada de maior movimento. Precisava de todos os três aviões revistos e prontos para voar. A região do lado era um ponto turístico, com seus numerosos moinhos de cidra e trilhas cobertas de flores. Burke oferecia passeios aéreos de 15 minutos, em particular vôos populares durante a Feira de Fort Cromwell. E o final de outubro trazia os pais de alunos, nos fins de semana, a duas áreas escolares e universitárias, com vôos de ida e volta à cidade de Nova York fretados com antecedência.

Ao ouvir o ruído de pneus rangendo no cascalho miúdo do lado de fora, ele limpou sua chave de soquetes num trapo azul e guardou-a numa caixa de ferramentas vermelha e alta. Conferiu o relógio de pulso: 16:00h. Uma amiga da filha reservara uma rápida excursão de aniversário - decolar e pousar, uma volta panorâmica na área do lago e das montanhas. Enfiando a camisa de trabalho para dentro da calça jeans, Will Burke atravessou o hangar e foi ao encontro das clientes. Na verdade, não se sentia muito inclinado a interromper o trabalho, mas a tarde estava ensolarada e o ar fresco, animador. Viu-se sorrindo quando elas frearam.

Meg e Mimi Ferguson saltaram do carro. A filha de Burke, Susan, às vezes trabalhava como *baby-sitter* de Mimi e, pelo que ele se lembrava, a menina devia estar com uns nove anos. Em seguida, saltou uma pessoa nova - uma mulher pequena, magra, do tamanho de uma adolescente mirrada. Tinha a pele clara e translúcida, e a cabeça coberta por cabelos crespos, cós de pêssago - de um louro queimado. Ela contemplou o céu encantada, como se jamais o tivesse visto tão azul.

- Prontas para voar? - ele perguntou.
- Qual é o avião, Sr. Burke? - quis saber Mimi, excitada.
- Aquele - ele disse, apontando um *Piper Club* de dois assentos.
- E cabemos todos lá? - perguntou Mimi, decepcionada.
- Ora, Mimi... - censurou-a Meg.
- Sinto muito, Mimi - disse Will. - O avião grande está passando por uma troca de óleo. Se eu soubesse...
- Sabe de uma coisa, Mimi? - disse a mulher magra, com entusiasmo. - Por que você não voa no meu lugar?
- É seu vôo de aniversário - explicou Mimi. - A idéia foi minha, e a gente quer que você vá.
- Feliz aniversário - disse Will à mulher.
- Obrigada.

Mais uma vez aquela expressão de assombro, como se ela jamais tivesse sido tão feliz. Encarou-a direto nos olhos, e Will experimentou o mesmo choque que sentia quando encontrava uma pessoa que conhecia de algum lugar e passara por uma drástica mudança de aparência. Já vira aquela mulher na cidade, mas parecia muito diferente.

- Está pronta? - ele perguntou.
- Estou.
- Vamos. - Então, dirigindo-se a Mimi, disse: - Sabe, Susan está no escritório. Ela vai ficar feliz em ver você.

O pai de Segredo a havia trazido para o aeroporto. Ela tinha tido uma crise alérgica, e a situação ficara fora de controle. Na escola, a enfermeira tentara telefonar para a mãe, mas, claro, ela não estava em casa. Por isso Segredo a fizera telefonar para a Aviação Burke e chamar Will. Sem a menor dúvida, o pai iria buscá-la. E fora. Ela agora pintava as unhas, sentada à mesa dele, com as costas curvadas para a frente. Pela grande vidraça da janela, via Mimi, sua mãe e

a amiga paradas perto da pista de aterrissagem, conversando com ele. De todas as crianças que Segredo atendia como *baby-sitter*, Mimi era a melhor. Uma menininha muito interessante. Tinha sonhos e metas, e sabia que na vida havia muito mais coisas que a escola daquela cidade tão insignificante, assim como soubera a própria Segredo.

- oi, Susan - disse Mimi, irrompendo pela porta.

- Susan? Aqui não tem nenhuma Susan! - retrucou Segredo.

- Ah! É mesmo, esqueci. - Mimi deu um sorriso largo. - Segredo. Você mudou de nome. O que está fazendo?

- Outubro é o mês dos trabalhos de bruxaria e, como você sabe, eu sou bruxa; estou pintando as unhas como convém a uma feiticeira. - Ela agitou os dedos para Mimi, lançando-lhe um sortilégio.

- Uau! - Mimi exclamou.

Segredo usara tinta indiana e uma caneta de bico de pena para pintar delicadas teias de aranha sobre as unhas com esmalte azul-claro.

- Você trouxe aquela senhora aqui para o passeio de avião - disse Segredo, tornando a olhar pela janela. - Ela ficou surpresa?

- Muito surpresa. Adorei a sugestão que você me deu.

- Hum... - murmurou Segredo. Examinando a mulher, observou algumas coisas: era magra demais, seus cabelos tinham uma aparência terrível e havia muito tempo que ela não via um rosto tão bonito quanto o dela. - Ela está doente mesmo?

- *Estava*. Minha mãe cuida de muita gente, e durante algum tempo dizia que Sarah ia morrer. Mas agora diz que talvez não. Isso me alegra de verdade, mas não entendo muito bem.

- Você é muito jovem para entender - disse Segredo com benevolência. Embora Mimi fosse mais velha do que ela era quando seu irmão Fred morrera, Segredo começou a sentir comichões na garganta. Em seguida, veio aquela sensação pesada no peito, e ela estendeu o braço, deslizando a mão pela primeira gaveta da mesa do pai, à procura do inalador que sempre guardava ali. Inspirou profundamente.

- Você está bem? - Mimi sempre se preocupava com os ataques de asma de Segredo.

Elas tinham-se conhecido pouco depois que Meg Ferguson fora enfermeira de Segredo depois de uma crise séria, quando precisara recorrer a uma bomba de inalação durante dias.

- Estou ótima.

- Que bom que tem um inalador aqui.

- Mas não levei hoje para a escola, por isso tive que sair mais cedo.

Assim que disse isso, Segredo sentiu-se mal por mentir, a Mimi e à enfermeira da escola. Ela *levava* o inalador, mas estava chateada. Sentia-se solitária; quando surgira a oportunidade com o ataque de falta de ar, pedira que ligassem para o pai.

Solitária. Segredo sentia-se assim o tempo todo, dos pés à cabeça. Sentia saudades do irmão. Morando com a mãe, sentia saudades do pai. Debaixo do

mesmo teto, sentia saudades da mar. Metade do tempo sentia saudades das pessoas sentadas à sua volta. Se passeava com as colegas da escola na avenida mais badalada do comércio, fechada ao trânsito, sentia saudades das amigas, que estavam ali pertinho.

Como agora. Ali, sentada com Mimi, fitando a pista de pouso pela janela, observava a senhora doente de cabelos terríveis entrar no avião com aquele olhar lindo e radiante, e sentia saudades *dela*. Sentia uma saudade enorme dela, embora jamais a tivesse visto antes.

Voaram para o Norte. O piloto levou-a a sobrevoar o lago e a costa ocidental, onde a folhagem era banhada pela luz de um alaranjado incandescente. As rochas escarpadas e vermelhas cintilavam, e o lago era de um azul-marinho intenso.

- Já estive num avião pequeno antes? - perguntou o piloto.

- Sim - Sarah respondeu.

- Sabe por que achei que era sua primeira vez? Mimi e a mãe estavam muito empolgadas quando combinaram o vôo para você.

- Talvez eu tenha comentado com Meg que adoro voar, embora não voe mais como antes. Passei dezenas de fins de semana num avião pouco maior que este, voando de Boston para casa, no Maine.

- Eu também sou da Nova Inglaterra. - Will balançou a cabeça. - Este lago é bonito, mas não é...

- O Atlântico - ela completou, abrindo um sorriso.

Ele riu - era o comentário de um homem com água salgada nas veias, que por algum motivo, como Sarah, se vira morando no norte de Nova York.

- Eu me chamo Will Burke - ele disse.

- Sarah Talbot.

- Prazer, Sarah.

- Quem era a pessoa que vi na janela dos fundos do aeroporto? - perguntou Sarah. - A mocinha olhando pela vidraça.

- Minha filha, Susan.

- Adolescente?

- Quinze anos. Sentindo-se perto dos trinta.

- Conheço essa síndrome - disse Sarah, com os olhos voltados para o leste, como se pudesse ver, além de cinco estados, uma ilhota no litoral da costa do Maine.

Continuaram seguindo para o norte, embora já tivessem chegado a meio caminho do ponto. Abaixo, via-se uma infundável floresta de pinheiros, e o sol poente lançava reflexos dourados nas altas copas das árvores.

Sarah sentiu os olhos encherem-se de lágrimas.

- Não achei que estaria aqui - disse. - Para mais um aniversário.

Will virou-se para encará-la.

- Mas está.

Ele puxou os controles e o avião começou a subir. Deixaram a terra para trás e decolaram, ganhando a amplitude do céu. Sarah sentiu-se tomada pelo

frescor da aventura. O avião mergulhou de bico. Fizeram um *looping* após outro, depois mais um. A mão de Will estava tão perto que ela teve vontade de segurá-la. Foi um impulso repentino, que logo passou. O avião se estabilizou. Mesmo terminados os 15 minutos de Sarah, continuaram voando para o norte por mais algum tempo antes de voltar.

- Ela gostou do passeio?

Sentado à mesa da cozinha, lendo o jornal vespertino, Will não ouviu bem a pergunta. Levantara-se às 5:00 da manhã.

- Desculpe, Susan - disse bocejando. - Você me perguntou alguma coisa.

- Susan? - ela perguntou, franzindo as sobrancelhas.

- Quer dizer... - Will tentava lembrar-se. - Setembro?

- Pai, já deixei de ser Setembro há semanas. Não dá para acreditar que não sabe sequer o nome de sua filha. Tente Segredo.

- Isso mesmo - disse Will, dobrando o jornal. Não entendia essa mania de troca de nomes, nem gostava, mas sua filha ficara traumatizada com a perda de Fred, depois o divórcio, e por isso insistia em questões que não pareciam tão importantes. - Tudo bem, Segredo. Qual foi a pergunta?

- Ela gostou do passeio? Aquela senhora.

- Sarah? Acho que sim - Will respondeu, lembrando os olhos luminosos da senhora.

- Vocês ficaram lá um tempão. Trinta e cinco minutos.

- Meu relógio deve ter parado - Will tentou não rir.

Sempre que a filha detectava o mínimo traço de interesse dele por uma mulher, tornava-se ultravigilante. Na certa receava que o pai fizesse o que a mãe fizera com Julian: partira para esqui num fim de semana e voltara casada.

- Seu relógio nunca para, papai. Você é o Sr. Horário. De zero a cem horas, não para de contar. Até me fez ficar especialista - ela deu uma olhada no relógio da parede, que marcava 18:30. - Como agora, são 1830 - Susan brincava com o pai dizendo o número inteiro como aparecia no mostrador. - Dos nossos anos na marinha, certo?

- Bem, acho que perdi a noção do tempo.

- Você nunca perde a noção do tempo, papai. Sei disso. Basta pensar.

Fez uma pausa. Preparara uma enorme salada para o jantar dos dois, e trazia-a numa travessa de madeira para a mesa. Alface, tomate, pepino, cubinhos de pão torrado e uvas brancas. Apresentou-a com tímida expectativa nos imensos olhos azuis.

- Uau! - ele exclamou. - Está deslumbrante.

- Obrigada. A maioria das pessoas não pensaria em incluir uvas, mas acho que dão uma grande incrementada. E você?

- Eu concordo, com certeza. - Ela sabia que passaria no McDonald's para um *chessburger* duplo depois que deixasse a casa.

- Bem, não se apegue demais a ela.

- A quem? - ele perguntou, embora conhecesse a resposta de antemão.

- Aquela senhora, Sarah.

- Meu bem, eu só a levei para um passeio de aniversário. Só isso.

- Ela está doente, papai. Vive completamente sozinha em Fort Cromwell; as Ferguson queriam ter certeza de que o último aniversário da amiga fosse feliz.

- Não foi o último aniversário dela - disse Will.

- Se fosse o meu, eu gostaria de saber. Gostaria de ter aquele tempo maravilhoso de antes. Voltar a Rhode Island, por exemplo.

- Isso ainda vai demorar muito tempo.

- Não demorou para Fred. O último aniversário dele passou, e ele não soube. Quando chegou o último dia, ele nem mesmo soube *que era o último dia*. Como é que isso pode acontecer, papai? A gente acorda feliz e bem numa manhã e depois, mais ou menos às 14:00 horas, está afogado? - Segredo fitava-o dentro dos olhos, sem nenhuma acusação na expressão.

- Não sei, minha querida - disse Will, porque honestidade era o melhor que podia oferecer-lhe.

- Mamai já não liga mais para isso. - Havia ressentimento na voz dela.

- Ela nunca vai deixar de ligar para isso. Ninguém consegue deixar de ligar para a perda de um dos filhos, meu bem.

- Sempre que falo nele, ela me manda calar a boca, porque isso aborrece *Julian*. E ele é apenas um panaca rico, que passa o tempo todo apostando em corridas de carro e indo a palestras. E onde os dois estão esta noite?

- Não diga "panaca", Susan. Uma peça de teatro, acho que foi o que ela disse.

- Idiota, então. Estúpido. Chato. Verme asqueroso.

- Susan... Segredo - corrigiu-se Will, cansado. - Para com isso, está bem?

- Desculpe, papai - ela disse, borrifando vinagre em sua salada. Só se servira de folhas de alface.

Supondo que a filha deixara os bons ingredientes para ele, Will serviu-se de uma porção extra, para agradá-la.

- As uvas foram uma boa pedida.

- Obrigada. Ela parecia bonita.

- Quem, meu bem?

- Aquela senhora, Sarah.

- E era - disse Will.

- Espero que esteja bem - disse Segredo. - Porque a morte cheira mal.

Sarah começara a abrir a loja durante algumas horas todos os dias, em geral das 10:00h da manhã até às 2:00h da tarde. Adorava quando o sol matinal entrava pelas altas vidraças, projetando a luz e sombras nas claras paredes amarelas. Hoje se sentia um pouco cansada. Imaginou-se acomodada para tirar uma soneca em meio às coisas que vendia - edredons, acolchoados e travesseiros, alguns recheados com penas brancas dos gansos da fazenda do pai, no Maine.

A campainha acima da porta da loja tilintou. Sarah deu uma olhada por cima de uma lista de artigos à venda e sorriu para as duas universitárias que

entravam. As moças ficaram olhando fixo para ela por alguns segundos. Percebeu que continuava parecendo estanha com aqueles cabelos em tufos.

- Olá - disse. - Se precisarem de ajuda, é só pedir.

- A gente pede. Obrigada - respondeu a moça mais alta, sorrindo para a amiga, que se deitava na cama mostruário, belamente arrumada com um fofinho edredom em matelassê, recheado de penas.

- É esta a cama que eu quero.

A segunda moça deu um sorriso.

- Quer? - perguntou Sarah.

- O serviço de lavanderia na faculdade não fornece roupas de cama suntuosas - explicou a moça alta. - A gente está fantasiando.

- Fiquem a vontade - disse Sarah. - Todos merecem sonhos agradáveis.

- Não tenho cartão de crédito - disse a outra moça -, mas eu posso ligar para os meus pais e eles lhe derem o número da conta, posso encomendar peças de solteiro em sua loja e levar para o campus?

- Podemos fazer esse tipo de acordo - concordou Sarah. - Eu mesma mando entregar.

A moça deu uma risadinha nervosa e suspirou mais uma vez.

Sarah lembrou-se dos seus dias de faculdade. Os lençóis finos demais e as mantas velhas e gastas haviam sido inspiração para abrir sua própria loja, a Sétimo Céu. Abandonara Wellesley após o primeiro ano, ainda caloura. Após abrir a primeira loja, em Boston, montou um estoque de artigos recheados de pena, feitos pelo pai, que ficara na fazenda.

A fazenda estivera à beira da falência. A mãe morrera quando Sarah tinha 14 anos. Sarah e o pai jamais falaram disso, mas ela sabia que o salvara. Conseguira seu próprio financiamento, expandira-se na rede de encomendas pelo correio, inspirara-se em roupas de cama da França e da Itália. A loja original continuava em Boston, mas depois de oito anos e do último de uma série de casos amorosos ridículos, ela ampliara o negócio para aquele vale rico de faculdades no norte de Nova York, onde já estava instalada havia dez anos.

O telefone tocou.

- Sétimo Céu, bom dia.

- Feliz aniversário - disse a voz grave.

- Obrigada.

Com o coração contraído, não conseguiu falar. Tinha a sensação de que, se respirasse, a linha cairia.

- Estou um dia atrasado. Me desculpe.

- Tudo bem. Nem percebi - mentiu Sarah.

- O que você fez? Saiu para jantar ou coisa assim?

- Fiz um passeio de avião - ela respondeu. - Para ver as folhas. Todas vermelhas, alaranjadas, amarelas, como uma grande tigela de flocos de cereais. Não pude parar de rir. Quer dizer, sobrevoando aquela linda paisagem de outono, e pensando em cereais. Lembra-se do meu cereal favorito?

- Hum. Acho que não.

- Como é que você está? - ela perguntou. Imaginava-o parado na grande cozinha do porão, uma fogueira ardendo na velha lareira de pedras. Fechando os olhos, viu-se de volta à ilha Elk, a baía escura, a casa branca arrumadinha, os campos cheios de gansos brancos.

- Bem.

- É mesmo? Continua morando aí? Por que...

- E você? - ele perguntou, parecendo mal-humorado. - Como está?

- Estou ótima - ela virou-se de costas para que as universitárias não a houvissem. - Terminei a quimioterapia mês passado e as radiografias parecem boas. Não há qualquer sinal de tumor. Fiz uma série de exames de ressonância magnética e estou inteiramente limpa.

- Está curada?

- Sim - disse Sarah, mordendo o lábio. Conhecia as estatísticas, taxas de sobrevivência de cinco anos, casos piores.

- Que bom - ele disse. Fez-se um longo silêncio. - Isso é bom mesmo.

- Seu avô está aí? - ela perguntou.

- No celeiro. Acabei de entrar para preparar o almoço - pigarreou. - Achei simplesmente que devia ligar para lhe dar os parabéns.

- Fico feliz por ter ligado, Mike. Sinto saudades de você. Eu queria que...

- Quando é que vem ao Maine? Quer dizer, vovô gostaria de saber. Ele me pediu para lhe desejar um feliz aniversário. Quase esqueci.

- Foi dele a idéia de telefonar?

- Não, foi minha. E então, quando é que você vem?

- Não sei.

A idéia de ir para a ilha enchia-a de ansiedade, mais do que sabia ser bom para sua saúde. O médico lhe recomendara que evitasse tensões. Só de pensar em ver Mike com seu velho e amargurado avô, o espírito de Sarah hesitava.

- Para o Dia de Ação de Graças seria bom - sugeriu Mike.

- Vamos ver.

Houve um silêncio incômodo entre eles. A mente de Sarah corria a toda velocidade com perguntas, acusações, declarações de amor. Como o filho pudera deixá-la ir para lá? Desde o dia da morte de sua mãe, Sarah não via a hora de partir da ilha. Decepcionara demais o pai e, mesmo em seu silêncio ressentido, ele se recusava a deixá-la esquecer. Mas ao mesmo tempo, Mike fora viver com o avô, em busca de ligações com Zeke Loring, o pai que morrera antes mesmo de ele nascer.

- Com licença! - chamou a moça que se deitara na cama. - Acho que quero comprar algumas coisas. Pode ligar para minha mãe?

- Acho que é melhor eu ir - disse Mike. - Vovô está esperando para o almoço.

- Meu bem, estou feliz por ter ligado. Você não pode imaginar como me fez feliz. Foi dez vezes melhor do que qualquer presente que já ganhei em toda minha vida.

- Tchau, mãe.

Ao virar-se para as moças, ela sorria. Tinha o rosto tranqüilo quando confirmou com a cabeça que a moça podia ligar para a mãe. Executou maquinalmente os procedimentos de praxe para a venda de um edredom recheado de penas, pensando no negócio com as moças do Marcellus College, as universitárias que eram seu ganha pão.

Mas seu coração estava muito distante, com o filho, Mike Talbot, seu adolescente desgarrado que abandonara os estudos, a pessoa que Sarah Talbot amava mais que a si mesma, o garoto que planejava levar adiante sozinho, sem ajuda, as tradições familiares de confecção de edredons e acolchoados e de economia rural, sob a asa dominadora do pai dela, o irado George Talbot da ilha Elk, no Maine.

Era em momentos assim que Sarah, tirando uma nota de venda para um acolchoado recheado de penas de trezentos dólares, gostaria que tivesse simplesmente deixado a velha fazenda extinguir-se.

Capítulo 02

Segredo pedalava a bicicleta pela cidade. O ar estava frio de enregelar, e seus dedos estavam endurecidos. Ela sorveu os primeiros flocos da neve do ano com a língua. O nariz e as faces ardiam. Mal se passara o dia das Bruxas, e já se formara uma camada de gelo na superfície do lago. Nenhum lugar da terra era mais frio que Fort Cromwell. Em comparação, Newport era tropical.

Todas as lojas pareciam aconchegantes. Pedalando mais devagar, ela olhava uma por uma. Algumas ainda tinham lanternas feitas de abóbora, que imitavam cabeças humanas. Outras se haviam adiantado e já se preparavam para o Natal. A loja de acolchoados Sétimo Céu parecia especialmente convidativa, sem quaisquer decorações festivas. A tabuleta era suficiente: uma nuvem mágica e o número sete num céu encantado. Luminárias de metal dourado resplandeciam; os edredons pareciam espessos e envolventes. Desejando se aquecer, Segredo estacionou a bicicleta e entrou.

- Olá - a senhora chamou detrás.
- Olá - respondeu Segredo. Tentando parecer uma autêntica compradora, franziu o cenho e se pôs a examinar as etiquetas de preço.
- Avise se precisar de ajuda.
- Pode deixar - disse Segredo, revistando uma cesta cheia de pequenos travesseiros de veludo de seda. Em algum lugar nos fundos da loja, alguém preparava uma infusão de cidra aromatizada com ervas.
- Aceita um pouco de cidra quente? - perguntou a voz.
- Bem, eu não devia... - Segredo já se sentia culpada por enganar a senhora. Não tinha a menor intenção de comprar coisa alguma.
- Tem certeza? Está muito frio lá fora.
- O quê? Não entendi.
- Tem certeza de que não quer uma xícara? Está muito frio lá fora.

Segredo riu baixo sozinha. Ergueu os olhos e pela primeira vez viu realmente a dona da loja. Era Sarah Talbot, a senhora doente, amiga de Mimi Ferguson.

- Oh, oi.
- Oi, tudo bem? Eu a conheço. Você estava no escritório do aeroporto no dia que fiz meu vôo de aniversário.

- Sim. Meu pai é o piloto.

- Um excelente piloto. Tem certeza de que não gostaria de um pouco de cidra?

- Acho que sim, só um pouquinho. - Segredo esperou Sarah encher duas canecas marrons. - Meu pai teve ofertas da TWA, da Delta. Podia voar em qualquer parte do mundo, mas gosta de ser seu próprio patrão.

- Sem dúvida ele parece competente - comentou Sarah, estendendo-lhe uma caneca.

- Ele se especializou na marinha. Mas já era piloto antes disso. E foi muito valioso para a marinha; sabia fazer tudo. Voar, nadar em tempos de desastre, conduzir homens. Sempre manteve a cabeça fria durante as manobras. O golfo Pérsico, por exemplo. Ele esteve lá.

- Você parece uma filha orgulhosa do pai. O norte de Nova York fica muito distante da costa para uma família da marinha.

- É mesmo. - Segredo sentiu a asma se avizinhar de seus brônquios à medida que aguardava as perguntas costumeiras: "Por que estão aqui? Tem irmão ou irmãs?" Mas, graças a Deus, as perguntas não vieram. Em vez disso, Sarah estendeu-lhe a mão.

- Não fomos oficialmente apresentadas. Sou Sarah Talbot.

- Sou Segredo Burke.

- Que nome lindo!

Segredo lançou-lhe um olhar para ver se estava sendo falsa, mas Sarah tinha os olhos cheios de admiração.

- Obrigada - disse Segredo. - Na verdade, eu já estava me preparando para mudá-lo. Pensava em Neve.

- Perfeito para o inverno.

- Sarah é seu nome verdadeiro?

- É, sim. Arrastei-o por aí minha vida toda. No Sétimo período experimentei Sadie, mas não era eu.

- Não mesmo - concordou Segredo. - Você é definitivamente Sarah. - Observou-a com aprovação. - Eu só estava reparando nos seus cabelos.

- Meus pobres cabelos - disse Sarah, enrubescendo. - É isso aí, eu os perdi. Eram castanhos e agora, veja. Ficaram dessa cor esquisita.

- Você pode clareá-los. - Dicas de beleza eram um de seus melhores talentos. - O jeito como estão crescendo é tão bonito... Meio *punk*. Podia deixá-los louros platinados, quase brancos; ficaria maravilhosa.

Nesse momento, soaram os sinos acima da porta. Um bando de mocinhas universitárias entrou. Sarah cumprimentou-as e elas retribuíram a saudação.

Segredo aninhou-se em seu lugar no canto da cama. Sarah serviu cidra às universitárias, mas quando terminou de fazê-lo, voltou para sentar-se junto dela. Lado a lado, sorveram a bebida aos golinhos. As moças eram freguesas

pagantes, mas mesmo assim Sarah permaneceu sentada com Segredo. Como se fosse sua amiga. Como se fosse só dela.

A feira de Fort Cromwell sempre era realizada no sábado, entre os feriados do Dia das Bruxas e o de Ação de Graças. Todo mundo ia. Sarah fora com Meg e Mimi. Vagavam a esmo, apreciando porcos premiados e bezerros campeões. Mimi ganhara uma câmera pelo aniversário e batia fotos de tudo.

- Quer andar na roda gigante? - perguntou Meg.

- Vão vocês duas na frente - disse Sarah. - Vou procurar o quiosque onde vendem chocolate quente.

Combinaram de se encontrar dali a uma hora na tenda de tatuagens pintadas. Ao dirigir-se à praça de alimentação, Sarah sentia-se muito animada. As feiras sempre lhe proporcionavam essa sensação: a multidão, os animais, sinetas tocando em toda parte. Cumprimentou alguns conhecidos.

Usava um chapéu-coco preto, jeans pretos e a velha jaqueta de couro, de aviador, que fora de Zeke. Raras vezes a usara quando Mike se achava por perto. Embora tivesse muitas poucas coisas do pai de Mike, todas pareciam levar o filho a fazer perguntas que ela não podia responder.

- Um chocolate quente - pediu ao homem atrás do balcão.

A xícara de papelão estava quentíssima. Olhando em volta à procura de guardanapos, ela viu um balcão com ketchup, mostarda, guardanapos e canudos. Um homem bloqueava seu caminho. Alto, de ombros largos, trajava uma jaqueta de couro quase exatamente igual à sua.

- Com licença - disse Sarah, curvando-se por trás dele para pegar um guardanapo.

- Olá, Sarah - ele disse.

Era o piloto, Will Burke. Ao esforçar-se para apanhar o guardanapo, ela praticamente se enfiara embaixo do braço dele, que segurava seu cachorro-quente à distância para evitar que o molho condimentado gotejasse sobre ela.

Will recuou sorrindo e disse:

- Que bom ver você aqui.

- VOCÊ também. Como tem passado?

- Muito bem. E você?

- Esplêndida. Esplêndida de verdade. O que o trouxe à feira? Está aqui com Segredo?

- Segredo? - ele franziu as sobrancelhas. - Ah, Susan. Você a conhece?

- Ela passou na minha loja.

Will balançou a cabeça.

- Segredo. Isso me surpreende todas as vezes. Demos a ela um nome tão bonito: Susan.

Sarah assentiu com a cabeça. Ele parecia ter alguma coisa a lhe pesar a mente, mas ela não o conhecia o bastante para perguntar.

- É uma boa menina - disse Sarah. - Não importa o nome que assumo.

- Quer dizer que não se preocuparia com isso?

- Pessoalmente, não.

- Hum... - Ele franziu mais uma vez as sobrancelhas. - A mãe dela acha que é um sinal de problema. Algum tipo de pedido de ajuda. Não sei.

- Eu não tenho intenção de contradizer sua mulher.

- Ex-mulher.

- Mas para mim não parece grave, de modo algum. Ela tem 15 anos, está experimentando coisas novas, apenas tentando compreender quem é. Entende?

Will assentiu com a cabeça. Claro que se sentia melhor, pois começara a comer seu cachorro-quente. Os rostos e as mãos resistiam à ação do tempo. Tinha cabelos castanhos ondulados, com mechas grisalhas nas têmporas. Para um homem que estivera na marinha, pareciam um pouco longos. Seus olhos azuis, de tom escuro, eram impressionantes.

- Ela está aqui? - perguntou Sarah, olhando em volta.

- Segredo? - Will abriu um sorriso. - Não, ficou em casa. Vim a trabalho. Levo pessoas a passeios, como o que eu fiz com você.

- Foi um passeio maravilhoso. Tenho pensado nele com frequência. Foi a primeira vez que eu soube... - ela sorveu um gole de chocolate - que voltei a ficar bem de novo - e sorriu.

- Me alegra muito saber disso - disse Will. Tocou-lhe o braço.

Uma idéia passou pela cabeça de Sarah. Devia ter estado se formando antes. Durante as últimas noites permanecera acordada na cama, imaginando se deveria passar o Dia de Ação de Graças em casa, e pensando como chegaria lá, se fosse. Agora, ao fazer a pergunta, pareceu-lhe que já tinha tudo planejado.

- Você já fez vôos fretados de longa distância? Ao Maine, por exemplo?

- Sim. Inúmeras vezes. Aonde no Maine?

- Ilha Elk. No extremo norte, muito longe, depois da baía Penobscot, quase no monte Deserto.

- Lá tem aeroporto?

- Não chega bem a ser um aeroporto. Apenas uma pista gramada.

- Meus aviões gostam de pistas gramadas. Quando quer ir?

- Esse é o problema. No Dia de Ação de Graças. Sei que na certa você tem planos, por isso... Ou vai trabalhar nesse fim de semana?

- Vou.

- Bem... Daria para calcular o preço e me informar?

- Parece uma boa idéia. Só temos que tomar cuidado com as condições atmosféricas. Meu avião grande tem a maioria dos instrumentos, mas é mais caro.

Sarah fez que sim com a cabeça e engoliu fundo. A tomada de providências para o transporte aproximava-a cada vez mais da viagem de fato. Rever Mike! Sentiu uma risada nascer no seu peito, e ela começou a liberá-la, até se dar conta de que o retorno à ilha Elk a faria enfrentar o pai pela primeira vez em muitos anos. Ele nunca se refizera da surpresa de vê-la crescer e abandonar a ilha pela faculdade, nem do desgosto de uma volta ao lar que durou apenas o tempo suficiente para engravidar e causar um escândalo. Acuado pela dor da perda da esposa, o pai de Sarah foi ficando cada vez mais ressentido com o passar dos anos. Sarah tentara levar Mike à fazenda nas férias de verão, há muitos anos, mas depois de algum tempo, a indiferença do pai a detivera.

- Ligo para você - ela disse, apertando a mão de Will.
- Combinado - disse ele, conferindo as horas no relógio de pulso. - Acho que é melhor eu voltar para o trabalho. - Saiu andando, mas logo depois, voltou-se e chamou por ela: - Ei, Sarah.

- Que foi?

- Segredo mora com a mãe e o padrasto. Quer dizer, ela é minha família, mas não mora comigo, e vai passar o Dia de Ação de Graças com Alice. Portanto, nenhum problema com relação à viagem ao Maine.

- Oh! Sim.

Tentava pensar no que dizia em seguida, quando um bando de adolescentes arremeteu em sua direção. Um deles agarrou o chapéu-coco e Sarah sentiu que ele tentava tirá-lo de sua cabeça. A aba do chapéu roçou a cicatriz, e ela sentiu uma físgada de dor. O garoto soltou, sem graça.

- Desculpe! - berrou um deles.

Sarah ficou boquiaberta; por um momento terrível olhou para Will e viu sua própria vergonha nos olhos dele.

Baixando logo a cabeça para que ele não a visse chorar, sentiu os braços daquele homem a envolverem. Ele segurou-a junto ao peito.

- Seus cabelos são bonitos - sussurrou.

- São medonhos - soluçou Sarah. - Meu filho vai odiá-los.

- Não, não vai - tranquilizou-a Will.

- Ele fugiu quando fiquei doente. Mike nunca me viu desse jeito. E meus cabelos não vão crescer até o Dia de Ação de Graças.

- Bem, então ele vai vê-la, e daí? - sussurrou Will, com a boca junto ao ouvido dela. - Eu mesmo vou levar você lá.

- Se é que eu vou...

- Você vai. Não vai recuar agora.

- Como é que você sabe? - ela perguntou, curvando-se para trás para ver os olhos dele.

- Porque você é a mulher mais corajosa que eu já conheci.

Segredo sentou-se no banco de trás do *Range Rover* de Julian. Fervia de raiva. A mãe dela e Julian lhe haviam prometido ir à feira, mas em vez disso seguiam em outra direção.

- Não dá para acreditar nisso - disse alto. - Vão me fazer perder a feira por um porta-guarda-chuva.

Julian riu baixo para si mesmo. Alice o fitou com um sorriso de lábios franzidos, como se se desculpasse, ainda que achasse aquilo engraçado. Alice era linda, uma boneca de porcelana. Cabelos dourados e rosto perfeito.

- Que grande injustiça - disse Segredo.

- Tenha um pouco de paciência - disse Julian pelo espelho retrovisor.

- Não é só um porta-guarda-chuva - explicou a mãe -, mas um deslumbrante móvel antigo, vitoriano, entalhado, com ganchos, um espelho imenso e um banco. Vai ser leiloado agora à tarde e ficaria maravilhoso no salão azul.

- Isso é essencial numa casa grande - disse Julian. - Precisa de montes de coisas bonitas para enchê-la. Agora que tenho você e sua mãe comigo, quero que a casa fique mais linda que nunca.

- Não sou materialista - disse Segredo. - Não preciso de coisas.

Afundou ainda mais no banco e puxou o capuz do casado de malha mais para baixo. Fitando a nuca de Julian, desejou ter os poderes necessários para fazê-lo desaparecer de maneira tão dramática quanto chegara.

Durante um ano, ele fora apenas o patrão da mãe. Tinha uma empresa chamada Von Froelich Precisão, que construía carros de corrida para sujeitos ricos. Alice trabalhara antes como secretária dele, e sempre chegava em casa com histórias sobre pessoas famosas com quem falava.

De repente, semanas após o início do trabalho, começara a falar sem parar em Julian von Froelich. Enquanto o pai de Segredo se enterrava no jornal, Alice construía uma nova vida naquela esfera extravagante e dissoluta. Segredo e Will viviam como zumbis entorpecidos, ocupados demais em sentir falta de Fred para perceber que a mãe deixava a família para trás. Os pais tinham-se divorciado um ano antes. A mãe casara com Julian um mês depois.

- Quando vamos chegar à feira? - perguntou Segredo. Queria ver o pai, que iria sobrevoar os principais pontos turísticos até as 3:00h. - São quase duas da tarde.

- AS pessoas que pensam pequeno terminam com vidas pequenas - disse Julian.

- Concordo - disse Segredo.

- Você é boa demais para a feira, Susan. Está abaixo de você. Quero lhe mostrar coisas lindas...

- Eu estava pensando em outra coisa.

- É? Em que? - perguntou Julian, captando seu olhar pelo retrovisor.

O padrasto tinha olhos verdes, carentes, como um filhote de cachorro, que a faziam sentir-se péssima. Queria que ela gostasse dele, mas ela jamais gostaria. Ele usava os longos cabelos escuros amarrados atrás num rabo-de-cavalo bem comprido.

- Nas pessoas que não param de comprar coisas - disse Segredo, em voz baixa. - Sinto pena delas.

- Susan - disse Alice. - Você adora fazer compras. Não...

- Não, deixe ela falar - disse Julian, parecendo magoado. - Quero ouvi-la.

- Nada - disse Segredo, acolhendo-se. Pensou na casa adaptada de uma antiga cocheira, cheia até a borda de arcas de pau-rosa, bancos de teça. - Você podia abrir sua própria loja.

- Sim, mas não preciso - ele disse.

- Meu bem, com todas as coisas lindas que Julian lhe dá, você não está parecendo muito agradecida - disse Alice.

- Papai me dá tudo que eu preciso.

Julian emitiu um ruído pelo nariz.

- Que foi? - perguntou Segredo, sentindo uma coisa pesada no peito.

- Você tem razão. Está absolutamente certa - disse Julian.

- Então por que você fez aquele ruído? - Segredo começava a sentir a respiração difícil.

- Oh, por nada. Está correto. Seu pai lhe põe roupas nas costas. Se as roupas práticas de Cromwell são boas para você, então tudo bem.

- São! - Segredo quase gritou.

- Você ainda é um pouco jovem, Susan, mas um dia os nomes Armani e Prada talvez lhe digam alguma coisa. Quero tratá-la como uma princesa. Ser piloto é o máximo, mas e o salário?

- Julian, acho que já basta - disse Alice.

- Só quero que ela entenda como o mundo funciona.

- Não fale do pai dela - advertiu Alice, baixando a voz. - Não lhe diga nada de ruim sobre Will.

Mas era tarde demais. Segredo estava tendo um ataque de asma. Lutava para respirar. O ar produzia um som irritante ao entrar nos pulmões. O peito lhe doía, a garganta arranhava, mas isso não era o pior. O coração de Segredo estava sendo esmagado. Tateando a mão pelo bolso, encontrou o inalador. Bombeando-o uma vez, levou-o à boca e respirou fundo. O aerossol sibilou. A mãe olhou para trás e com os olhos perguntou-lhe se estava bem. Segredo fez que sim com a cabeça, os olhos resplandecendo cheios de lágrimas. Olharam-se fixamente, as duas querendo algo que jamais poderiam ter.

Sarah sentou-se na ponta da mesa de exame com um guarda-pó de papel, esperando que o Dr. Goodacre fosse vê-la. Toda visita mensal exigia longos intervalos de paciência. Ele era neurocirurgião; a maioria dos seus casos era de vida ou morte. Recebia vítimas de acidentes de colisão frontal, motociclistas atirados de cabeça sem capacete, pessoas que acordavam com tumores cerebrais.

Por fim, o Dr. Goodacre cruzou a porta. Alto e extremamente magro, vestia um terno escuro, coberto por um jaleco branco de laboratório. Tinha cabelos pretos e curtos. Sem sorrir, estendeu o braço e tirou de trás da porta a ficha médica de Sarah.

- Olá, Sarah. - Franzindo as sobrancelhas, o médico começou a ler. Sua expressão severa não a assustava. O Dr. Goodacre salvara-lhe a vida, e ela o adorava de todo o coração. - Sentiu alguma dor?

- Só quando toco a cicatriz.

- Dormência? Formigamento?

- Não.

- Não teve mais nenhum ataque? - perguntou, lendo.

- Não, desde julho.

Sarah fechou os olhos. Odiava ataques. Tivera três, entre eles o que a alertara para a existência de alguma coisa errada. Nove meses antes, sua saúde era em tudo perfeita; ela corria mais de 11Km por dia, treinando para a primeira maratona. Um dia acordou caída no chuveiro. Acabara a água quente. Não conseguia lembrar-se de como entrara ali e precisou de toda sua força para arrastar-se até o telefone e discar para o serviço de emergência.

A princípio pensaram que ela tinha tido um derrame. Mal podia falar. Tinha visão dupla. Os cardiologistas solicitaram eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, tomografias computadorizadas. Os exames revelaram atividade epilética, e um dia depois o departamento de neurocirurgia descobriu o tumor cerebral.

- Tudo bem. - Ele largou a ficha médica. Curvou-se e chegou mais perto para examiná-la. Depois disse: - Sente-se ereta e feche os olhos. Estenda os braços esticados para frente. Agora para os lados.

“Como asas”, ela pensou, “como um avião a caminho do Maine.”

- Toque o nariz com o dedo indicador esquerdo. Agora com o direito. Olhos fechados. Muito bem.

Sarah havia procurado pela primeira vez o Dr. Goodacre para ouvir uma segunda opinião. O primeiro médico lhe dissera que tinha sarcoma osteogênico - o tumor mais mortal possível -, e que mesmo com cirurgia ela teria apenas 15 dias de vida. Sugerira-lhe ir a Paris, comer seus pratos prediletos e despedir-se das pessoas que amava.

Mandara-a para casa. Em choque, ela se enroscou, transformando-se numa bola. Fora aquilo que sua mãe sofrera? Chorando, rezara para ela. Fraca e doente, precisara de uma enfermeira particular para tratá-la. Meg Ferguson passara a visitá-la. Seis dias depois de sua sentença de morte, Mike partira para o Maine. E dez dias depois, Sarah aceitara o conselho de Meg: procurar uma segunda opinião. Foi então que visitou o Dr. Goodacre.

- Estou pensando em fazer uma viagem - dizia-lhe agora.

- Está? - ele perguntou, examinando-lhe a nuca.

- Ao Maine. Ver meu filho.

- Ah... - ele disse, sondando a cicatriz.

Seu tumor fora localizado na meninge, cada uma das três membranas entre o crânio e o cérebro, que envolvem o encéfalo e a medula espinhal. Agarrara-se ao nervo sinus, mas o Dr. Goodacre extirpara 99% dele. Para chegar ao interior, cortara uma fatia larga do couro cabeludo de Sarah. Em forma de U, parecia um grande sorriso em sua nuca.

- Lembra-se de que lhe falei dele? - ela perguntou. - Mike. Fugiu de casa para viver com meu pai no Maine, na mesma época que eu o conheci.

- Está me perguntando se acho que você devia ir? - disse diretamente o Dr. Goodacre.

- Estou, sim.

- Não vejo nenhum motivo por que não - ele disse. Recostou-se num armário e, pela primeira vez desde que entrara na sala de exame, olhou diretamente para ela. - Já perguntou à Dra. Boswell?

- Não. Eu deveria?

A Dra. Boswell, oncologista de Sarah, prescrevia-lhe dois períodos de quimioterapia e supervisionara o tratamento de radiação. Mas o Dr. Goodacre era o melhor. Fora ele quem identificara o tumor como linfoma de grande célula, muito menos mortal que o sarcoma osteogênico.

- Pedirei à enfermeira que ligue para a Dra. Boswell - disse o Dr. Goodacre. - Se ela não fizer qualquer objeção, eu também não farei.

- Sério?

- VOCÊ sabe o caminho que enfrentamos, Sarah. E reagiu bem ao tratamento.

- Só não quero uma recaída - ela disse, tremendo.

- Eu sei. Não podemos predizer. Seu tumor era... - O olhar no rosto dele disse tudo. Ela poderia sobreviver, poderia não sobreviver. - Fique alerta. Se sentir dormência ou formigamento, ligue-me imediatamente. Mas não vejo nenhum motivo para não ir.

- Obrigada - disse Sarah, entusiasmada como se tivesse acabado de ganhar uma corrida.

- Vou vê-la aqui em um mês - ele disse, preparando-se para sair.

- Dr. Goodacre - disse Sarah, precisando reunir um pouco mais de coragem. Jamais lhe perguntara nada pessoal. - Como está passando o seu pai? - Da última vez que estivera ali, ouvira a enfermeira dizer que o pai dele tivera um ataque cardíaco.

- Melhor. - O Dr. Goodacre lançou-lhe um olhar curioso. - Mas ele mora na Flórida. Coube ao meu irmão mais velho cuidar dele.

- E seu irmão faz um bom trabalho?

- É um anjo - disse o Dr. Goodacre com compaixão. Abriu-se um largo sorriso e fitou direto nos olhos de Sarah. - Eu gostaria que todo mundo tivesse alguém como ele. - Demorou-se por um momento, saindo em seguida. A porta fechou-se silenciosa atrás dele.

Sozinha no quarto, Sarah sentiu o coração acelerar. Jamais tivera um anjo na vida. Mas então pensou em Will Burke segurando-a na feira, levando-a de avião para casa. Levando-a para ver Mike.

Capítulo 03

Will subiu de carro a longa alameda no meio de uma floresta de pinheiros brancos na entrada da garagem da Colina Windemere. Nevara na noite anterior e a pista abria-se num imenso gramado coberto de neve, cercado por sebes de buxo encimadas de braço. Era o fim da tarde da sexta-feira, e ele estava ali para pegar sua filha.

A imponente mansão de pedras de Julian dominava, ativa, o cenário hibernal. Viam-se duas Ferraris antigas e um Porsche 356 na garagem da casa, adaptada de uma antiga cocheira. Will parou o carro, tentando não se ressentir de que um só cara tivesse tudo aquilo, além de Alice e Susan.

Esperando a filha, surpreendeu-se ao ver Alice sair pela porta da frente. A visão dela o fez prender a respiração. Continuava sendo a mulher mais linda que já vira, com a pele macia, olhos azuis amendoados e sedosos cabelos dourados.

- Susan me pediu para lhe dizer que vai se atrasar alguns minutos - disse Alice apressada, os braços cruzados no peito.

- Não tem problema. - Will saltou do carro e encostou-se na porta. Vestia jeans e um velho suéter verde.

- A asma tem sido terrível para ela nos últimos dias - disse Alice. - É completamente psicossomática. Susan força os ataques só para interromper seja o que estiver acontecendo. Não a estou culpando. Ela tem sofrido muito, mas precisa ser o centro das atenções o tempo todo.

- Eu fazia isso quando tinha 15 anos - disse Will, sorrindo.

- Parece até que um dia *deixou* de ser.

Ela estava brincando? Will não sabia dizer. Alice olhava fixo suas botas, um par de velhas Dunhams. Ele imaginou se ela se lembrava que as comprara no primeiro inverno que haviam passado juntos em Fort Cromwell, há cinco longos anos atrás.

- Eu gostaria de lhe perguntar sobre o Dia de Ação de Graças - começou Will.

Alice ergueu a cabeça, num movimento súbito.

- Ela fica comigo. Temos planos...

- Alto lá - disse Will, erguendo a mão. Um mínimo de conversa logo gerava um clima tenso. Cada assunto parecia uma negociação.

- Ela fica comigo nos feriados. Foi parte do nosso acordo.

- Sim, eu sei. Relaxe, Alice. Eu só estava perguntando. Tenho um vôo fretado para o Maine. Achei apenas que você deveria saber que vou me ausentar da Cidade.

Alice assentiu com a cabeça, a expressão severa.

- Ela vai ficar bem. Segredo vai ficar ótima - ele disse.

- Segredo? Pare com isso, Will! - explodiu Alice. - Não entre nessa porcaria de Segredo. Já basta a história das horas. É realmente perturbador. Julian acha que ela precisa de uma terapia.

- Já é um bom sinal de que não precisa. Não lhe contou que passamos por isso quando nos mudamos a primeira vez para Fort Cromwell?

- Claro que sim. Ele conhece o Dr. Darrow.

Descruzando os braços e abrindo as mãos em sinal de frustração, Alice expôs suas jóias: o maior anel de diamante que Will já vira, e um aro de diamantes e esmeraldas no estilo das alianças de casamento. Ele expirou devagar.

- Oi - chamou a filha, saindo de repente pela porta da frente com a mochila, o saco de lona e um pequeno embrulho. E ali ficou, como uma estrela: sorriso radiante, pose teatral, braços muito abertos para saudar seu público em adoração. Os pais se achavam muito aborrecidos para retribuir qualquer sorriso. Por fim, Will estendeu os braços para abraçá-la quando ela correu em sua direção pela neve.

- Oi, papai. Dá para a gente ir pela cidade? Preciso deixar uma coisa para uma amiga no caminho.

- Claro.

- Vou precisar do número de algum telefone de onde você vai passar o Dia de Ação de Graças - disse Alice bruscamente. - Apenas para o caso de...

- Você vai a algum lugar no Dia de Ação de Graças? - perguntou Segredo.

- Só a trabalho.

- Vai *trabalhar* no Dia de Ação de Graças?
- Vou levar a amiga das Ferguson, Sarah Talbot, de avião ao Maine.

Segredo olhou para o embrulho.

- É ela quem você vai levar?
- Pegou o inalador? - perguntou Alice, puxando-a para um abraço.

A visão da ex-mulher segurando a filha trouxe lembranças demais de volta à mente de Will, e ele teve de desviar o olhar. Fitando ao longe a casa, viu Julian saindo. Hora de se mandar.

- Está pronta, Segredo? - perguntou Will, pegando a bagagem da filha.
- Por favor - rogou Alice. - Odeio esse nome.
- Não precisa me chamar de Segredo - informou a garota. - Já troquei.

Desde a meia-noite de ontem meu nome é Neve.

- Susan... - Alice a repreendeu, num tom ameaçador.
- Ora, como vai? - disse Julian, aproximando-se. Tinha a aparência alta e esguia de um homem que se exercitou ou correu muito. Usava uma jaqueta cara de camurça, com o logotipo de seu carro de corrida bordado na frente.

- Olá, Julian - saudou-o Will, apertando-lhe a mão.
- Sabe por que sou Neve? Por causa de Freddie. Ele adorava o inverno. Andar de trenó. Esquiar. Vocês se lembram quando fomos todos ao monte Tom?

- Susan, querida, pare - pediu Alice.
- Ele me ensinou a fazer anjos em Newport. A gente deitava de costas na neve, olhando o ancoradouro lá embaixo, e ficava ondulando os braços para o céu várias vezes. Lembram?

- Eu me lembro - disse Will.
- Pare, querida - insistiu Alice, segurando o pulso da filha, as lágrimas correndo-lhe pela face. - Mudar de nome não vai trazê-lo de volta.

- Neve... caindo do céu, cobrindo as docas. Ele nem ligava. Freddie morreu em setembro, por isso eu era Setembro. Ele guardava meus segredos, por isso virei Segredo. E ele adorava, adorava, adorava a neve; por isso agora sou Neve.

- Oh, meu Deus - murmurou Alice, enterrando o rosto nas mãos.
- Não pode dizer alguma coisa à sua filha? - perguntou Julian com rispidez a Will, passando os braços em volta de Alice e encarando o ex-marido dela.

Will não respondeu. Tomou as mãos da filha e envolveu-as nas dele.

De tanto sofrimento, ela perdera o controle. Olhando no fundo de seus olhos, o pai tentou aproximá-la de si, mas Susan não permitiu. Encarava Julian com ódio no olhar.

- Não fale com meu pai desse jeito - ela disparou.
- Ouça, Susan - disse Julian -, eu já tolerarei ver você desrespeitando sua mãe mais do que podia. Se seu pai não diz nada, eu digo. Pare com essa palhaçada e acabe com esse maldito nome agora mesmo!

Will nem sequer sentiu o movimento que fez. O soco começou a se formar em algum ponto de suas entranhas, e na hora que chegou ao punho fechado, Julian já estava estendido na entrada de sua garagem; o sangue que lhe escorreu do nariz tornou a neve rosada.

Os nós dos dedos de Will doíam.

- Lamento muito - disse, calmo, parado acima do marido da ex-mulher. - Mas não tolero ver você falando dessa maneira com minha filha.

- Seu louco maníaco - esbravejou Julian, esforçando-se para se levantar.

Will voltou-se para a filha, tentou acalmá-la com um sorriso.

- Sarah acha que é um nome lindo - disse a menina com os olhos cheios de pânico, como se o mundo a houvesse traído.

- Sarah? Quem é Sarah? - perguntou Alice, mas nenhum dos dois respondeu.

- Vamos lá, Neve - disse Will, as mãos tremendo. - Hora de partir.

Os dois entraram no velho jipe azul de Will e foram embora.

Sarah só abriu a loja na manhã de sábado, quando ouviu as sinetas acima da porta tilintarem. Will Burke e a filha chegavam, com duas sacolas de confeitaria.

- Viemos ontem à noite, mas você já tinha fechado - disse a mocinha.

- Vocês me pegaram fazendo gazeta - disse Sarah. - Quis ir ao cinema, por isso fechei mais cedo. O que trazem aí?

- Trouxemos seu café da manhã - respondeu Will, numa jaqueta de esqui verde-musgo. Os cantos dos olhos azuis vincavam-se à luz do sol.

- Devem ter lido minha mente - ela disse, abrindo um largo sorriso. - Estou morrendo de fome.

- Está mesmo? - perguntou a mocinha.

- Sim, Neve.

- Como soube que troquei de nome?

- Você me disse que queria ser Neve no inverno, não disse? Basta olhar lá fora. - Sarah apontou a rua coberta de neve.

Neve e o pai se entreolharam. Algum sentimento violento turvava os olhos da jovem. Ela inspirou bem fundo. Tirando do pescoço o cachecol de lã escocesa, estendeu-o na cama revestida de damasco.

- Vamos nos sentar ali - disse Sarah, apontando algumas cadeiras e abrindo espaço na mesa para as rosquinhas, o café e o suco.

- Eu soube que vai ao Maine - disse a menina, pondo uma pequena sacola branca na mesa. Sarah fez menção de abri-la, mas ela pediu-lhe com um gesto que esperasse mais um pouco.

- Maine? Sim, vou.

- Segundo a previsão do tempo, parece que os cinco dias vão ser frios, mas claros - comentou, Will, estendendo-lhe uma xícara cheia de café.

- Por que o Maine, tão longe? - perguntou Neve.

- Para ver meu filho, Mike.

- Ele não mora com você? Mora com o pai?

- Neve... - censurou-a Will.

- Tudo bem. Gosto de falar dele. Há mais ou menos um ano, ele abandonou o ginásio e fugiu para o Maine, para salvar a fazenda do meu pai.

- Você foi criada numa fazenda? - Neve perguntou.

- Fui - Sarah apontou para um canto do recinto onde havia uma pilha de edredons recheados de pena de ganso. - Estão vendo aqueles ali? Foram feitos em nossa fazenda. Há uns 18 anos eu abri uma loja como esta em Boston, porque a fazenda estava prestes a afundar. Minha mãe adoeceu quando eu era bem nova, e morreu quando eu tinha 14 anos. Meu pai... ficou desesperado. Encontrou alguém de Thomaston que queria comprar todos os gansos, e conhecia um homem de Camden que queria comprar a terra. Como nenhuma das duas coisas combinava comigo, abandonei a faculdade para abrir meu próprio negócio.

- Salvaram a fazenda? - perguntou Neve.

- Na verdade, não posso dizer que a *salvamos* propriamente - disse Sarah, imaginando os prédios caindo aos pedaços, a tia Bess com sua antiga máquina de costura de pedal -, mas até agora, ele tem conseguido mantê-la. Juntos, nós cobrimos apenas os impostos.

- Seu pai deve amá-la muito - disse Neve.

Sarah tentou sorrir.

- Ele é um homem de opiniões fortes. E a maioria delas se choca com as minhas.

- Situação difícil - comentou Will, parecendo compreender.

- Não há motivo para não tentar - disse Neve. - Ele também é uma pessoa. Odeio pensar no que seria da gente se eu tivesse desistido de você, papai. E você vem falar de situação difícil...

- Ei! - exclamou Will.

Se reagiu brincando, ou se sentiu-se ferido, Sarah não saberia dizer.

- Pior que difícil - continuou Neve, olhando de relance para Sarah.

- Os pais não levam nada numa boa - afirmou Sarah, embora, por algum motivo, seu pensamento derivasse para Zeke que, em certo sentido, levava tudo na melhor. A partir do momento em que ela lhe falara da gravidez, ele jamais quisera vê-la de novo. O pai quase enlouquecera.

- Eles não facilitam nada - disparou Neve.

- Que foi que eu fiz para me meter numa fria dessas? - reclamou Will.

- Por acaso, estou me referindo ao fato de você ter dado baixa na marinha e de arrastar, a mim e à mamãe, pelo caminho do inferno, largando a gente neste ridículo fim de mundo - disse Neve, olhando ferozmente para o pai. Em seguida, receosa de estar ofendendo Sarah, tocou as costas da mão dela. - Desculpe. Sei que aqui é bom para algumas pessoas, mas a gente precisa do mar.

- Eu entendo perfeitamente. Meu filho dizia a mesma coisa para mim, e ele tinha razão. Saí de Boston e me mudei para cá.

- Se eu tivesse uma fazenda de família para onde fugir, poderia ir para lá.

- Não fuja - disse Will.

- Ele tem razão, Neve. Não vale a pena. - De repente, Sarah sentiu frio. Vestiu uma blusinha de seda e cruzou os braços.

Neve insistiu:

- Não vejo por que não. Mike se mandou, e você está indo atrás dele para o Dia de Ação de Graças, para sua família ficar unida. Assim é que deve ser.

- É um belo pensamento, mas a realidade vai ser um pouco diferente - disse Sarah. - Meu pai não comemora o Dia de Ação de Graças há anos. Desde que minha mãe morreu.

- Então por que a convidaram?

- Foi o filho dela que a convidou - disse Will, embora ela não lhe tivesse contado isso.

- Ele convidou. Sabe que eu gosto do Dia de Ação de Graças mais do que qualquer outro feriado?

- Por que gosta tanto? - perguntou Will.

- Passei a gostar no ano em que meu filho nasceu - Sarah o encarava no fundo dos olhos. - Eu simplesmente não sabia como aquilo seria incrível.

Will assentiu com a cabeça.

- Ter filhos.

- Ser mãe de Mike me tornou uma pessoa diferente. Fiquei perdidamente apaixonada por ele - disse ela, com olhos resplandecentes. O mundo passava a fazer sentido. Eu via tentilhões vermelhos no comedouro dos pássaros e imaginava que Deus os fizera para mim e Mike. Eu me sentia tão agradecida que, quando chegou o Dia de Ação de Graças naquele ano, passou a ser meu feriado preferido.

- E você contou a Mike?

- Todo ano. O tempo todo.

- Nunca é o bastante dizer a eles - sussurrou Will. - Temos de dizer o tempo todo que os amamos.

Sarah curvou a cabeça.

- Por isso é que vou para o Maine.

- Faz muito tempo - disse Will.

Ela balançou a cabeça. Recompondo-se, ergueu os olhos.

- Receio que a fazenda seja um lugar errado para ele, que lhe faça mal. É muito isolada. O pai dele era da ilha, mas já morreu, e o meu... Bem, a perda de minha mãe o tornou muito amargurado. Jamais se refez do desgosto. Jamais. Temo que sua infelicidade se transmita para Mike. Tia Bess era a pessoa mais sorridente que existia no mundo quando morava em Providence, mas quando o marido morreu, ela voltou para a ilha, e vocês deviam vê-la agora. Morar sozinha com meu pai todo esse tempo a transformou numa ameixa seca. Eu me sentia culpada por partir, mas precisava.

- Você cuidou de sua mãe? - perguntou Will.

- Cuidei - disse Sarah, baixinho.

- E agora vai voltar. Por Mike.

- Exatamente. - Ela levou sem perceber a mão à cabeça, onde se localizara o câncer. - Quero vê-lo logo, antes que seja tarde.

- Antes que se transforme numa ameixa seca - disse Neve.

- Antes que ele esqueça por que você gosta tanto do Dia de Ação de Graças - disse Will.

- Pai, abasteça o avião grande. Eu vou com vocês.

- Não - disse Sarah. - A ilha está a maior confusão. A casa não tem aquecimento suficiente; os gansos fedem que é um horror.

Estava preocupada, não querendo que aquilo se tornasse uma excursão.

- Você não pode ir, querida - disse Will. - É meu trabalho, não uma viagem de férias. E sua mãe precisa de você junto dela no Dia de Ação de Graças.

- Ela tem Julian. Papai, eu...

- Não, Neve. Você fica. Não se fala mais no assunto.

Na véspera do Dia de Ação de Graças, Sarah acordou com uma ligeira febre. Seus músculos doíam e a garganta a incomodava.

- Por favor, hoje, não.

Não podia cair de cama com gripe logo agora. Antes de escurecer, naquela noite, veria Mike. Devagar, levantou-se da cama. AO abrir as cortinas, viu o céu límpido e brilhante, azul-claro.

Depois de tomar uma chuvaçada e beber um suco de laranja, sentiu-se bem melhor. A gripe apenas pousara nela, em vez de instalar-se para um ataque verdadeiro. Isso a fez lembrar de sua doença, de tudo por que tinha de sentir-se agradecida. Sarah passara a acreditar nos pequenos milagres da vida, e sabia que acabara de viver mais um.

- Mag Ferguson apanhou-a de carro às 9:00h para levá-la ao aeroporto. Já pronta, à espera, Sarah vestira roupas de viagem: jeans, um suéter de pescador e uma longa japona azul-ferrete da marinha.

Com a cabeça enfiada na mala do carro, arrumando as coisas a fim de abrir espaço para as malas, Meg não viu Sarah de imediato. Quando ergueu os olhos, ficou boquiaberta e exclamou:

- Minha nossa!

- Estou ridícula? - perguntou Sarah, cobrindo a cabeça com as mãos. Mal conseguia olhar para Meg.

- Está deslumbrante.

Meg, que não era exatamente dada a penteados muito elaborados, recuou para examinar melhor a amiga, como uma especialista. Sarah oxigenara os cabelos, graças ao misterioso pacote que Neve lhe deixara sobre a mesa. Meg tinha cabelos castanhos lisos e mechas rebeldes afastadas e presas de um lado. Usava o uniforme de sempre: saia e suéter cobertos por um jaleco branco de laboratório. Mas olhou para Sarah como se fosse uma estilista de fama mundial.

- Não dá para acreditar na diferença. Quer dizer, parece coisa de Paris.

- Não está exagerado? Pareço eu mesma?

- Para falar a verdade, você parece diferente. De qualquer modo, já tinha aquela estrutura óssea de modelo, e agora, com esses cabelos platinados... Uau! Muito chique, Sarah! Aposto que Will Burke não vai conseguir pilotar direito...

Sarah balançou a cabeça, sem graça.

- Que importância teria isso para ele, Meg? Will é apenas um carinha simpático que vai me levar de avião para o Maine.

- Sim, com certeza - disse Meg, irônica. - Mimi tirou uma foto de vocês dois na feira. Precisa de ver a expressão dele...

- Só estava sendo simpático. - Sarah sentiu uma vontade louca de ver a tal foto. - Alguns garotos tentaram surrupiar meu chapéu.
- Bem, você não precisa de chapéu algum hoje. Pronta para partir?
- Tudo pronto - disse Sarah, subindo no carro.
- O Dr. Goodacre lhe deu sinal verde?
- Deu, sim - Sarah perguntou-se se devia comentar sobre a febre com que acordara.

- De qualquer modo, você se sente ótima, e isto é o que importa.
- Se aquilo voltasse, eu acho que não resistiria.
- Oh, Sarah...

Haviam conversado sobre isso várias vezes. Sarah sabia que quando tumores como o dela voltavam e ocorria metástase, as taxas de sobrevivência despencavam. O novo tratamento seria tão agressivo quanto o primeiro, e o resultado, incerto. O simples pensamento a fazia sentir tomada pelo pavor.

- Nunca mais irei, você sabe - disse Sarah.
- Não irá o que?
- Fazer outro tratamento de radiação ou quimioterapia. Esta é a minha última chance, e vou me agarrar a ela com unhas e dentes.

As máquinas idênticas do bimotor zumbiam alto. O céu os envolvia no infundável azul. A luz do sol fazia as asas resplandecerem prateadas e, embora usasse óculos escuros, Sarah não parava de entrecerrar os olhos. Voavam em silêncio, observando com atenção a terra estender-se lá embaixo. Um rádio chiava, e vozes lhes falavam. Sarah tinha a sensação de passar por torre após torre, como se os controladores de tráfego aéreo fossem uma ordem superior benevolente, supervisionando a marcha deles de Nova York para o Maine.

- Neve disse que você serviu na marinha.
- É, servi.
- Mas não foi lá que aprendeu a voar, foi?
- Não. Sempre adorei voar. Fui criado em Waterford, Connecticut, perto de um pequeno aeroporto, e aprendi a voar antes mesmo de aprender a dirigir um automóvel. Meu primeiro emprego foi como piloto de vôos fretados de Waterford para a ilha Block.

- Neve tem muito orgulho de você.
- Will ficou calado algum tempo.
- Não sei por quê.

Sarah sentiu o peso do autodesprezo na voz dele. Imaginava por que ele passaria seu feriado levando-a de avião ao Maine, em vez de ficar com pessoas que o amavam.

- O porquê não tem importância - ela disse. - Porque sentem orgulho da gente, ou porque nos amam. O que importa é que eles se orgulham de você e o amam.
- É assim com você e Mike? - ele perguntou.

- Faço o melhor que posso para ignorar os resultados. Olhe lá! - Muito ao longe, via-se uma linha prateada. - Sabe quanto tempo faz que vi o mar pela última vez? Três anos. No mínimo.

Will olhava fixamente para a barra do Atlântico. Surgira como um fio de prata no horizonte, e se dispersava num lençol azul-prateado, reluzindo com resplandecente luminosidade.

- Sei exatamente qual foi a última vez que o vi - ele disse. - Quando nos mudamos de Newport para Fort Cromwell, cinco anos atrás. Logo depois que deixei a marinha. Desde então, nunca mais vi o mar.

- Bem, está vendo agora - ela disse com suavidade, olhando para Will.

Após mencionar Newport, as linhas do rosto dele se contraíram num espasmo de dor. Ele sentiu o olhar fixo dela e num movimento súbito virou o rosto. Pegando a mão dele, ela baixou os óculos escuros para ter certeza de que ele podia realmente ver seus olhos, e sorriu.

- Nunca mais quis voltar. Porque sempre que o vejo, penso em mim lá. E em meu filho, Fred. Ele se afogou no Atlântico.

- Sinto muito.

Will balançou a cabeça. As linhas de seu rosto se distenderam. Olhou direto nos olhos dela e mais uma vez balançou a cabeça.

Começavam a se aproximar. Sarah via as ondas quebrando as pedras. Pequenas cidades pontilhavam as enseadas. Will chamou uma torre e anunciou os planos de aterrisar e reabastecer em Portsmouth, no estado de New Hampshire.

Sarah fechou os olhos. Quanto custava sobreviver? Respirando fundo, fez uma oração por Will e por um garoto que ela jamais conheceria.

Neve não conseguia prendê-lo por mais um único minuto. Inspirara uma dose colossal do inalador, para o caso de um inoportuno acesso de asma. Passara alguns momentos tensos. Era só o que faltava, dar um grande espirro agora, e o pai girar o avião no sentido contrário, de volta a Fort Cromwell. O trem de aterrissagem tocou o chão, e a aeronave pousou. Aconchegada no seu esconderijo, atrás dos encostos das poltronas, coberta por uma velha manta verde, ela esticou os músculos. Espetando a cabeça para cima, correu os olhos em volta.

Lá estava Sarah entrando no hangar, e o pai falando com o sujeito da bomba de combustível. Percebeu para onde Sarah se dirigia, e se cronometrasse o tempo com exatidão poderia sair de fininho e também chegar lá sem ser vista. Neve precisava mesmo ir ao banheiro. Sarah entrava num dos compartimentos. Ela entrou no da outra extremidade.

Ao ouvir Sarah puxar a descarga, percebeu que tinha muito pouco tempo para tornar a entrar furtivamente no avião. Enfiando a cabeça pela fenda da porta do compartimento, avistou uma coisa que a fez arquejar alto e deixar escapar:

- Nossa!

Sarah estava ali parada diante dela, os cabelos louros platinados e muito curtos, deslumbrante.

- Oi, Neve - disse Sarah.

- Como soube que era eu? - perguntou a mocinha, ainda se esforçando para ver pela fenda.

- Reconheci sua voz.

- Está furiosa comigo, Sarah?

- Isso não vem ao caso.

- Vai contar para o meu pai?

- Acho que devo. Por quanto mais tempo você planejava se esconder?

- Só até ficar tarde demais para voltar.

Sarah fechou os olhos e curvou a cabeça.

- Não vamos voltar.

- Você sabia o tempo todo que eu estava a bordo?

- Isso me ocorreu como uma possibilidade - respondeu Sarah, não parecendo muito amistosa.

- Desculpe. - Neve abriu a porta bem devagar. O tom zangado de Sarah a confundiu, mas agora, cara a cara com ela, pôde dar uma boa olhada. Os cabelos de Sarah surgiram quase brancos e sedosos, tão lindos que dava vontade de tocá-los. - Fiquei espantada porque não dá para acreditar como você está maravilhosa - disse Neve, baixinho.

- Oh - disse Sarah, parecendo em dúvida e olhando-se no espelho.

- Está mesmo, verdade. Parece uma reforma geral de aparência, tipo *Vogue*.

- Obrigada - disse Sarah, surpreendendo Neve ao dar-lhe um abraço apertado, num movimento impetuoso.

Neve cerrou os olhos e retribuiu o abraço. Quando chegou a hora de se soltarem, a garota não quis deixá-la ir. Sentia-se muito feliz porque Sarah não a odiava. Agarrou-se a ela mais um pouco, sentindo o choro preso na garganta.

- Eu jamais teria tido coragem, não fosse por você - disse Sarah. - Vamos procurar seu pai.

As duas se puseram a caminho do avião. Ao saírem para a luz do sol, Neve viu o pai parado perto do *Piper Aztec*, de costas para ela.

- Mas me diga só uma coisa: como você desconfiou que eu estava a bordo? Viu meu sapato, ou alguma coisa assim?

Sarah balançou a cabeça.

- Não. É apenas uma coisa que eu também teria feito.

- Temos uma passageira clandestina - anunciou Sarah com tranquilidade.

Will voltou-se, ficando cara a cara com a filha. Tentou controlar a fisionomia, para fazê-la parecer severa.

- Susan!

- Papai, não me obrigue a voltar.

- O que está acontecendo aqui?

- Quero ficar com você, só isso. Fiquei *preocupada* com você.

- Fiz uma promessa a sua mãe, Susan. Ela quer você com eles nos feriados, e pronto.

- É só o Dia de Ação de Graças, pai. Você sabe que ela só liga mesmo para o Natal. Por favor, deixe eu ir com vocês.

Sarah movia os olhos de um Burke para o outro. Neve tinha os olhos no pai. Os rostos dos dois estavam cheios de grandes esperanças contidas.

- Se eu tiver de percorrer toda a distância de volta até Fort Cromwell para levar essa mocinha, a gente vai perder metade do dia. Eu o contratei porque era o melhor piloto das redondezas. - Sarah apontou para Neve. - Ela própria me disse isso. Agora eu tenho uma missão a cumprir. Quero ver meu filho. Gostaria que me levasse para o Maine. Agora. - Sarah deu um passo atrás e cruzou os braços.

- Mamãe vai entender - disse Neve, aproximando-se mais do pai e puxando-lhe a manga da camisa. - Vai, sim.

- Então é melhor você ligar logo para ela. Conte o que está acontecendo; depois me deixe falar com ela.

- Pai, me desculpe por quase estragar o seu vôo.

- Só não deixe que isso se repita. - A voz de Will soou severa, mas em seus olhos havia um lampejo de encantamento.

Mike Talbot não parava de olhar para o céu. Esvaziara e agora varria o pequeno galpão de depenar aves, fechando-o pela primeira vez desde que viera para a ilha. O avô era um homem obsessivo. Na certa planejava trabalhar no Dia de Ação de Graças, mas Mike tinha outras idéias.

- O que está acontecendo aqui? - perguntou o avô, seguindo dois gansos que desciam pelo caminho coberto de neve. Tinha o rosto enrugado e queimado pelo vento. Gesley, a cadela *collie* manca, acompanhava-o de perto.

- Estou fechando - disse Mike.

- Quem mandou fazer isso?

- Mike sentiu o rosto ruborizar.

- Eu mesmo decidi fechar, vovô.

O velho estreitou os olhos.

- Jamais o considere obtuso antes, mas que espécie de agricultor fecha na véspera do Dia de Ação de Graças?

- Não temos perus, vovô. Além disso, mamãe vai chegar...

- Ave é ave, Mike - resmungou o avô. - Tem gente que gosta de aves suculentas e com sabor de caça, e não ressecadas como aqueles grandes perus estúpidos. Tudo carne branca. Dá vontade de vomitar. - Com ar de reprovação, sentou-se para recuperar o fôlego no cepo de tronco onde se abatiam as aves a machadadas.

- Você está bem, vovô?

- Claro que estou - respondeu ele sombrio, levantando-se mais uma vez. Pegou o machado e olhou em volta, à procura de algum ganso.

Nevara todos os dias naquela semana; assim, as aves brancas fundiam-se com o cenário. Mike viu-as mais embaixo, perto da baía, ciscando à cata de grãos. Mesmo após todo aquele tempo, não podia deixar de desejar que as estúpidas aves descessem gingando até a água e fugissem nadando.

- Vou pegá-los, vovô.

Ainda com as botas até a altura dos quadris sujas de sangue, quase escorregou na trilha coberta de gelo. Os gansos grasnaram, estridentes. Mike se aproximou por trás.

- Fugam - sussurrou, para que o avô não ouvisse. - Dêem o fora, suas aves estúpidas. Voem e fugam!

Claro que os animais não voaram nem fugiram; nunca o faziam. Seguiram confiantes, os passos compassados e silentes, para o pequeno galpão de depenar as aves.

- É melhor a gente pôs mãos à obra - disse o avô, bruscamente. - Um cara da Pousada de Mayport vem trazendo o barco para pegá-los.

Cambaleou um pouco, por causa da artrite. Como quase perdeu o equilíbrio, Mike o ajudou a firmar-se. George Talbot tivera outrora mais de 1,80m, mas a velhice o encurvara.

Apesar disso, movia-se com desenvoltura. Pegou um ganso, estendeu o pescoço dele no cepo e cortou-lhe a cabeça com uma horrível machadada. O segundo era sempre pior; Mike achava que a ave sabia o que estava para lhe acontecer. Mas tudo terminava antes que tivesse tempo de piscar.

Os dois levaram os gansos mortos para a pequena cabana de depenar. O avô pôs as botas até a altura dos quadris, e os dois calçaram luvas. Mike ligou o gerador, e logo a máquina de depenar se pôs a zumbir. O avô trabalhava tão depressa que Mike o acompanhava com dificuldade. Girava o ganso sobre a máquina, que funcionava como dedos mágicos, virando as penas para um lado e para o outro, desgrudando-as da pele. Soltas pela máquina, saíam facilmente na mão.

- Mamãe deve chegar a qualquer momento - disse Mike.

- Fiquei surpreso por ela se dar o trabalho de vir. Bem, afinal, a que horas vai chegar?

- A qualquer momento, antes de escurecer. Foi o que me disse.

- Ela sempre foi assim. Sim, sempre. Nunca consegue se obrigar a ser exata no que faz. Se alguma coisa progride, ela passa para a seguinte.

- Hum... Não se. Se mamãe diz que vai estar aqui, ela vai. Isto é o que conta.

- Muitas coisas contam neste mundo, Mike. Ela não perdeu tempo para dar o fora da ilha depois que a mãe morreu.

Mike não queria nem olhar. Quase todas as vezes que o avô falava da mulher, ficava rouco.

- Você está bem, vovô?

O velho assoou o nariz e respondeu:

- Ora, a gente vai alimentá-la bem quando estiver aqui. Ensopado de rato-d'água almiscarado. Vou pôs alguma carne naqueles ossos e fazê-la recuperar um pouco da saúde.

- Ela está com saúde.

O avô lançou-lhe um olhar esquisito.

- Foi isso que lhe disse? Pois era isso que a mãe dela não parava de dizer. As pessoas adoecem e morrem, e pronto. Será que o tempo aqui não lhe ensinou alguma coisa mais realista?

- Eu sou realista.

O avô riu.

- Você ainda tem um longo caminho pela frente.

Capítulo 04

Mike hesitou ao ver o avião aterrizar. Duas vezes naquele dia ele próprio arara a pista de pouso, com a grama coberta de neve. O trêmulo aviãozinho passou aos solavancos pelo percurso acidentado, batendo em cada sulco deixado por seu removedor de neve. Mike não conseguiu permitir-se respirar de verdade.

Dando a partida no grande jipe, conduziu-o pela neve até a extremidade da pista. Parou ao lado do avião e saltou. A mãe abriu a porta e acenava como louca, mas não conseguia soltar o cinto de segurança.

- Oi, Mike! - ela gritou.

- Oi, mãe!

O piloto fez-lhe uma espécie de aceno, contornando o avião para desenganchar o cinto de segurança da mãe. O cara era alto mesmo, de ombros largos, e projetava uma comprida sombra ao sol da tardinha, exatamente como o piloto de um filme. Mike notou o carinho com que ele a tratava, e imaginou que na certa se apaixonara por ela. Outro homem. Grande surpresa.

- Mike - disse ela, atravessando a relva nevada em direção ao filho.

Ele cruzou os braços. Não pretendia fazê-lo; o gesto o pegou de surpresa. Não compreendia por que de repente sentia vontade de afastar-se.

- Oi, mãe - disse mais uma vez.

Ela parou de repente.

- Mike, você crescer uns oito centímetros. - Sarah lançava os olhos azuis de um lado para outro. Examinava-lhe os olhos, os cabelos, a pele, absorvendo tudo.

- Está com os cabelos lindos. É o vovô que o obriga a mantê-los curtos?

- Sou eu que quero. - Mike deu de ombros.

Deixou cair as mãos do longo corpo. A mãe podia abraça-lo agora se quisesse. Mas ela não o fez. Parecia muito séria.

- Que foi? - ele perguntou.

- Estou olhando para você. Só isso.

O vento tornara-se mais forte e açoitava a neve pelo campo. O piloto prendia o avião no chão com estavas e uma marreta. O feixe de luz do farol varava o céu. Mike, com a cabeça, indicou o piloto.

- Ele vai ficar?

- Vai - disse Sarah. - Não faz sentido obrigá-lo a me deixar aqui e depois refazer todo o caminho de volta para me buscar.

Mike não disse nada. Apenas saiu andando e aproximou-se para ver o piloto bater as estavas no terreno congelado, passar fios de náilon pelas asas e rodas e amarrá-los com a precisão de um marinheiro.

- Quer uma mãozinha? - perguntou.
- Obrigado - disse o piloto, estendendo-lhe um fio, uma estaca e a marreta.
- Pode prender estar na parte de trás?
- Claro.
- Sou Will Burke.
- Mike Talbot.

Cumprimentaram-se, apertando as mãos. O piloto deu um leve sorriso. Seu aperto de mão foi firme. Mike sentiu o estômago relaxar um pouco. Avaliou a distância correta, cravou a vara de metal, passou a linha de náilon pelo buraco do cabo e apertou-a com um sólido nó de catau. Quando ergueu os olhos, a mãe tinha aquela expressão orgulhosa no olhar que a fazer parecer meio sonolenta, como à beira de chorar ao som do hino nacional ou coisa parecida.

- Estou tão... - ela engoliu em seco - contente por ver você.
- É... eu também.
- Então me abrace.

Mike fez o que a mãe pediu. Ali ficaram, com o vento a embalá-los de um lado para o outro. Ela lhe parecia menos, com a compleição de um pássaro, uns cinco quilos mais magra do que na última vez que a vira. Chorava. Ele sentiu-a tremendo. As lágrimas lhe inundaram, quentes, os próprios olhos.

- Ei, mãe... Por favor, heim?
- Eu sei. - Dando um passo atrás, ela remexeu no bolso. Mike enfiou a mão na jaqueta e estendeu-lhe um lenço.
- Obrigada - ela disse, assoando o nariz como um ganso. Devolveu-lhe o quadrado branco, duro de goma. - Ninguém lava e passa roupa tão bem quanto Tia Bess.

- É mesmo.

Tornando a pôr o lenço no bolso interno da jaqueta, ia sugerir pegar o jipe e irem para casa, quando sentiu faltar-lhe o ar. Como se houvesse levado um chute no plexo solar, não conseguia respirar.

- Quem é essa aí? - perguntou, olhando por cima do ombro da mãe.

A linda garota descia do avião. Usava uma jaqueta grande da marinha, jeans justos, tênis novos em folha. Tinha as unhas pintadas de laranja-escuro. Avistando Mike, ela sorriu e aproximou-se.

- Esta é Neve - disse a mãe, também sorrindo.
 - Neve? - perguntou Mike.
 - Você deve ser Mike - disse a garota.
 - Eu mesmo. Olá.
 - Somos amigos de sua mãe. Meu pai e eu.
 - Grandes amigos - disse Sarah, passando o braço pelos estreitos ombros de neve.
 - Sua mãe não via a hora de chegar aqui - disse o piloto.
 - Não via mesmo! - exclamou a mãe, abraçando Neve com força.
- Mike reparou como os olhos dela transmitiam felicidade. Avançou em sua direção.
- Você está diferente, mãe.

- Sarah, posso perguntar se ele gosta... - Levantando-se nas pontas dos pés, Neve sussurrou alguma coisa no ouvido de Sarah.

- Vá em frente - disse a mãe.

- Gosta dos cabelos dela? - perguntou Neve.

- Heim? - perguntou Mike, franzindo as sobrancelhas. Os cabelos da mãe estavam realmente muito curtos e loiros. Ele sorriu. - É, ficou legal.

- A idéia foi minha - disse Neve, radiante.

- É mesmo? - surpreendeu-se o piloto, sorrindo como Mike. - Ficou muito bom mesmo.

- Pai, você é tão cego... Só agora esta *reparando*, depois dessa distância toda até o Maine?

Mike arregalou os olhos para Neve. Percebeu seus olhos enormes, os cabelos castanhos. Engolindo seco, desviou-os.

- Está frio - disse. - Vou levar todo mundo para casa.

Pararam todos diante da velha casa da fazenda. Os mais velhos seguiam à frente dos mais moços. As lembranças de toda a infância avançavam sobre Sarah. Morara naquela casa até ingressar na faculdade. A mãe morrera no andar de cima, no quarto da frente.

- Não posso acreditar que estou aqui - sussurrou.

- Você parece assustada - sussurrou-lhe Will de volta. - É a sua casa.

- Por isso mesmo. - A frase que dissera lhe pareceu tão engraçada que desandou a rir.

Will passou os braços pelos ombros dela. Os dois ficaram parados na alameda de pedras, esperando que ela recuperasse o fôlego. Sarah girou os olhos pela velha casa. Era uma antiga casa de tijolos, vigamento de madeira, com dois andares na frente e um nos fundos, encimada por um telhado de um lado ao outro, muitas vezes interrompido, em declive atrás. Uma das mais antigas do Maine. Tinha a pintura branca descascada em alguns lugares. Um degrau da frente rachara.

- Ainda não pude consertar esse degrau. Assim que tiver um tempo de sobra vou substituí-lo - disse Mike.

- Você? - perguntou Sarah, surpresa. A manutenção da casa sempre fora trabalho do pai. Não o via há vários anos e de repente percebeu que receava o que iria encontrar.

- Pronto? - perguntou Will, a mão no braço de Sarah.

- Sim - ela respondeu, dando três pancadas na porta com a grande aldrava de metal, girando a maçaneta e entrando.

George Talbot se achava logo adiante, no vestíbulo da frente. Sarah olhou-o fixamente. Envelhecera, ela pensou. Meu pai é um velho.

- Ora - ele disse, olhando para ela. - Ora, Sarah.

- Olá, pai.

- Que foi que fez, trouxe a tropa? - ele perguntou, lançando um olhar feroz para Will e Neve.

- Sou Will Burke, senhor - e apertou-lhe a mão. - E esta é a minha filha, Neve.

- Como vão Você é o novo namorado?

- O piloto, vovô - disse Mike, entrando.

- Sua filha me contratou para trazê-la até aqui de avião - disse Will.

- Deve ser bem caro, tratar com um piloto particular para cobrir toda essa distância desde Nova York.

- O que prova o quanto ela queria chegar aqui logo - rebateu Will.

- Oh! - exclamou George Talbot.

Sarah viu a confusão turvar os olhos do pai. Ele tinha muito pouco contato com outras pessoas. Era terrivelmente tímido, e isso sempre o fazia parecer hostil. Ela tomou as mãos dele. Apertou-as com delicadeza, olhando-o dentro dos olhos. Os cabelos grisalhos dele, que Sarah guardava tão vividamente na memória, haviam embranquecido por completo.

- Olá, pai - disse ela mais uma vez. - Meus amigos vão me levar de volta no domingo, por isso achei que seria melhor que eles ficassem. Vou arrumar algumas camas para elas...

- Viaja toda essa distância, e só vai ficar quatro dias?

- Sim. Não acho certo deixar a loja por mais tempo.

O pai a encarou, decepcionado, depois desviou os olhos para Neve.

- Gosta de ensopado de rato-d'água, mocinha?

- Quem, eu? - perguntou Neve. - Negativo, sou vegetariana.

George pareceu perplexo.

- Não se preocupa em fazer com que ela tenha uma alimentação equilibrada? - perguntou a Will.

Will riu. Balançou a cabeça.

- Ela tem idéias próprias, decide tudo sozinha.

- Sei como é isso, Sr. Burke - disse George, lançando um olhar incisivo à filha. - Bem, é melhor descermos para jantar. Bessie está surda como um batente de porta, senão teria subido para receber vocês. Não queremos deixá-la de fora. - Arrastando os pés até a escada, pôs-se a descer para a cozinha. Deteve-se por um momento. - Parece estranho que sua mãe não esteja aqui, não, Sarah? Eu nunca me acostumo com isso, não importa quanto tempo passe.

A cozinha do porão estendia-se por todo o comprimento da casa. Cinco janelões davam para a baía Elk, com um assento na parte interior que percorria toda a extensão do aposento. O fogo crepitava na ampla lareira de pedra.

A mesa fora talhada de um enorme carvalho que tombara. Uma grande chaleira de ferro fundido cozinhava o ensopado. De pé diante do fogão, Tia Bess supervisionava Mike, que distribuía a comida em rústicas travessas de louça. Tia Bess, tão rechonchuda quanto o irmão era magro, usava seu vestido azul-marinho de bolinhas brancas para ocasiões especiais.

- É tão bom ter moças em casa - ela disse.

- Que bom ver você, Tia Bess - disse Sarah.

- O mesmo lhe digo eu, Sarah. - Desviando os olhos para Neve e depois para Will, acrescentou: - Sarah é como a filha que nunca tive.

- Sarah tem mãe - disse George, lançando à irmã um olhar reprovador.

Sarah não pôde olhar para o pai. Tia Bess contraiu a boca em sinal de decepção, mas captando o olhar da sobrinha encolheu os ombros. O clima da mesa era tão tenso quanto Sarah lembrava.

- O ensopado está delicioso - disse Will.

- Uma especialidade do Maine - informou George. - Não sabe o que está perdendo, mocinha - disse a Neve.

- Meu jantar está simplesmente ótimo - disse Neve, comendo o prato de cenouras e couve que Tia Bess cozinhara no vapor para ela.

- Esta é a verdadeira comida da Nova Inglaterra - disse George.

Neve hesitou, virou a cabeça de um lado para o outro.

- A gente é da Nova Inglaterra e nunca comeu ensopado de rato-d'água.

- Oh, é mesmo? Achei que Sarah tinha dito Fort Cromwell - disse Bess.

- Neve nasceu em Newport, Rhode Island - esclareceu Will. - Quando eu servia na marinha.

- Newport? Minha nossa, meu marido e meu morávamos em Providence, e a gente adorava mesmo Newport. Oh, eu...

- Homem da marinha, heim? - perguntou George, cortando Bess no ato.

- Sim, senhor.

- Participou de algum combate?

- De alguns.

- No golfo Pérsico - contou Neve, orgulhosa.

Will encarou George do outro lado da mesa.

- Sarah me disse que você serviu na Segunda Guerra Mundial.

- Isso mesmo. Oitava divisão, do Corpo Aéreo do Exército, na Europa.

- Vovô viajou no avião que levava os outros - disse Mike.

- No Dia D, foi um dos primeiros aviões a sobrevoar a Normandia - disse Sarah, sentindo-se tão orgulhosa quanto Neve.

- Fico surpreso por você se lembrar disso - disse George.

- Oh, eu me lembro - ela disse com ternura. Guardava em Fort Cromwell as medalhas do pai, a Medalha da Aviação e a Cruz do Mérito Aéreo, num pequeno estojo de jóias de cetim cor-de-rosa.

- Golfo Pérsico, não é isso? Qual era seu posto?

- Comandante.

Sarah percebeu a fisionomia do pai abater-se. Ele detestava ser superado em seu grau de importância. Ela se perguntava se o pai iria contar que, quando dera baixa do Corpo Aéreo, chegara ao posto de primeiro-tenente, mas ele permaneceu calado. Empurrando a cadeira para trás, foi até a geladeira e tirou um grande jarro. Despejou o leite num copo longo para si e noutro para Mike.

- Alguém mais? - perguntou.

- Aceito um copo, senhor - disse Will.

George lançou-lhe um olhar de esguelha enquanto enchia mais um copo de leite. Ouvira no "senhor" um tom de respeito, e decidia consigo mesmo se

perdoava Will por ser comandante. Sarah observou atentamente o pai repor o jarro na geladeira, com os olhos faiscando de raiva.

- George era apenas um pouco mais velho do que Mike é hoje quando foi para a guerra - disse Bess a Neve. - Era muito corajoso, e a gente sentia muito medo por ele. Meu pai chorava como um bebê quando levamos George do carro até o trem.

- Bess, já chega - disse George, mas desta vez não conseguiu arruinar o estado de espírito de nostálgico carinho da irmã.

Bess contemplava com amor o irmão que fora para a guerra.

- Ela não tem a menor intenção de aborrecer você ao dizer isso - disse Neve.

- O quê? - perguntou George.

- Só está implicando com você. É o que as irmãs fazem. Não fazem isso para magoar os irmãos.

George exalou um longo e exagerado suspiro. Com respeito e admiração, Sarah observava Neve em ação.

- Vocês têm muita sorte por ainda terem um ao outro - ela disse. - E na sua idade.

- Sorte? - bufou George. - Ela é um peso nos meus ombros!

Bess não podia engolir aquilo.

- Minha sorte é que ele continua saindo para trabalhar todos os dias - disse a irmã. - Rezo a Deus para que me deixe morrer antes de George se aposentar.

Will captou o olhar de Sarah, esforçando-se para não rir. Mike ria abertamente.

- Você não quer dizer isso - sussurrou Neve a Bess num tom confidencial - Vai sentir saudades quando ele se for.

Bess ergueu o olhar para encarar o irmão. Lá estava ele, com seu ar reprovador para aquela menina sem papas na língua. Um pedaço de lenha estalou na lareira, disparando uma galáxia de centelhas chaminé acima.

- Está ouvindo o que ela diz? - perguntou George, com os olhos fixos na irmã. - É melhor começar a ser mais delicada comigo.

- Guarde o conselho para você mesmo. Sua filha chega depois de dez anos, e você fica agindo como um urso-escuro na mata. A gente tem convidados e você fica discutindo comigo, como se fôssemos duas gralhas.

- Não somos como gralhas - disse George, suavizando o tom quase de modo a desculpar-se. - Como, Mike?

- De jeito nenhum - respondeu Mike.

Ele e o avô trocavam acenos de cabeça, e Sarah percebeu naqueles gestos uma atitude protetora em relação a Bess. Mike se tornara parte daquele lar na ilha Elk, e queria certificar-se de que todos soubessem disso.

A manhã do Dia de Ação de Graças despontou cristalina e muito fria. O sol ali surgia como um raio, e Sarah não deixou de acordar a tempo para vê-lo. Mais uma vez sentiu aquela leve ondulação febril, que lhe percorria todo o corpo enquanto se vestia. Mas depois que enfiou a malha térmica inteiriça, os jeans,

uma gola justa, longa, virada para baixo e um suéter grosso, sentiu-se mais uma vez normal. Parou diante da porta fechada do quarto de Mike, ouvindo a respiração profunda e constante do filho. Saiu e atravessou a trilha coberta de neve que ia dar na baía.

As estrelas continuavam visíveis. Sarah ficou parada perto da água na escuridão, as mãos enfiadas nos bolsos. Mas não estava sozinha. Ao ouvir seus passos, um homem sentado numa pedra se levantou e atravessou as superfícies planas deixadas pela maré. Ela o viu aproximar-se, o vulto recortado contra a fria incandescência da aurora. Erguendo os olhos e encontrando uma fisionomia amável, Sarah sorriu.

- Bom dia - disse Will.

- Você se levantou cedo. Incomoda-o ter companhia?

- Não - ele respondeu, ficando ao seu lado. - De modo algum.

A jaquet de couro de Will enrugou-se quando ele descruzou os braços. As ondas quebravam sobre as pedras, a uns cinqüenta metros. Pedregulhos mudavam de forma e deslizavam para dentro da baía. Sarah tocou a mão de Will e apontou.

- Focas - ela disse. - Uma colônia inteira.

- Aquelas pedras?

Ao animais, uns cinqüenta ou sessenta adultos, e no mínimo uns dez jovens, pareciam de fato pedras lisas e cinzentas, com a água subindo em volta deles.

- Caramba! Espere até a minha filha ver esses bichos!

- Crianças adoram focas - concordou Sarah. - Quando Mike era pequeno, não conseguia tirá-lo das pedras. Ele queria caçar focas o dia inteiro.

- Mike é um bom garoto. Fez um ótimo trabalho ontem, deixando a pista de pouso pronta para nós. E parece feliz por vê-la.

- Hum - disse Sarah, tentando ser forte. Mas suas inseguranças predominaram. - Por que diz isso?

- Não sei, foi a impressão que tive. O jeito como ele falou em consertar o degrau ontem à noite. Quer que você tenha orgulho dele.

- A impressão que tive foi de que ele queria me mostrar que não precisa de modo algum de mim. Adotou meu pai e tia Bess como sua nova família.

O sol surgira saindo do mar. Era uma bola vermelha, brilhando por toda a superfície das pontilhadas ilhas da baía, tornando negros e pontiagudos os altos pinheiros recortados contra a luz dourada.

- Por que ele veio para cá? - perguntou Will, tranqüilo.

- Ele fugiu.

- De casa?

Sarah hesitou.

- De mim. - Ela pensava na última briga dos dois. - Arrumou as coisas dele - disse, fechando os olhos ao lembrar-se. - Disposto a ir de carona até o Maine e pegar a barca até aqui. Brigamos e depois eu o alcancei na rodovia. Pedi que pensasse em seu futuro, ficasse comigo até terminar o segundo grau. Ele apenas

me olhou e disse que não podia. Não quis sequer me ouvir. - Sarah respirou fundo. - Parecia que me odiava.

- Por que a odiaria?

- Por vários motivos.

Will não falou logo em seguida. Parecia prestar atenção nas focas.

- Ele não odeia você. Um garoto que odeia a mãe não a convida para passar o Dia de Ação de Graças com ele.

- Ele não quis ficar comido no ano passado. Quando eu descobri que tinha câncer, ele não perdeu tempo em fugir de mim.

- Deve ter ficado apavorado - disse Will. - Não queria perder você, Sarah. Ninguém ia querer.

Vendo o céu passando de cinzento a azul, os dois foram andando devagar, pelo caminho coberto de gelo, até a casa ainda escura.

Enquanto os adultos se ocupavam dos preparativos para o jantar de Ação de Graças, Neve decidiu que precisava de uma excursão pela ilha Elk. Embrulhou-se na parca e inspecionou todos os quartos daquela casinha tortuosa. Por fim, encontrou Mike perto da baía, saindo pela porta de um minúsculo galpão. Ele pareceu desconcertado no momento em que a viu. Trazia uma cesta cheia de penas.

- Que é que tem aí dentro, um tesouro secreto? - ela perguntou, aproximando-se do pequeno galpão.

- Hã? Não - ele disse.

- Então por que pareceu tão receoso de que eu abrisse a porta?

- Acredite em mim, não vai querer fazer isso.

Neve ficou imóvel, examinando-o da cabeça aos pés. Não estivera durante vinte minutos diante do espelho de um banheiro naquela manhã para nada. Desde às 8:00h fora da cama, se embelezando, ali na parte mais deserta e escura do Maine, pensando em como Mike Talbot era bonito.

- Por que não? - perguntou. - Que é isso?

- O pequeno galpão de depenar aves. A visão é meio desagradável. É aqui que a gente tira as penas dos gansos.

- É mesmo? - ela perguntou, os olhos se iluminando. - Aí dentro tem um bando de gansinhos pelados andando em círculo?

- Não. Estão mortos.

- Mortos? - ela perguntou, incrédula. - Tem de *matar* para tirar as *penas*?

- Bem, é isso mesmo.

- Oh, não! - A informação a fez ver a loja Sétimo Céu sob outro ângulo. Neve odiava matar animais. Não podia acreditar que Sarah tomava partido naquilo.

- Você está bem? - perguntou Mike.

- Não, não estou. Não posso acreditar nisso. Simplesmente não posso.

Sentia-se nauseada. Comparada com todas as pessoas que conhecia, mesmo com sua própria mãe, Sarah era a melhor pessoa do mundo. Mas ali

estava ela, vendendo produtos que exigiam chacina daquelas aves lindas. Depois gansos passaram gingando, esfregando o bico nas botas de Mike.

- Vão embora - disse Neve, assustando-os. Sacudindo os braços e afugentou as aves para que descessem pelo caminho que levava à beira d'água.

- Eles não podem voar - explicou Mike. - Têm as asas cortadas.

- Mais crueldade. Morrem pelas penas? Para rechear acolchoados?

- A gente mata para comer - disse Mike. - Meu avô e minha tia morreriam de fome se a gente não tivesse os gansos para vender.

- Ninguém devia passar fome - disse Neve, com nobreza. - Mas edredons e travesseiros recheados com penas?

- Sei como você se sente. Se a gente não precisasse tanto do dinheiro, eu jamais mataria outro ganso.

- Deixe de matar. A gente tem de se manter fiel aos princípios.

- É o que estou fazendo. Mantendo a fazenda viva.

De repente, ele fez Neve se lembrar demais de Sarah. Os olhos eram mesmo muito lindos, profundos e cheios. Ela sentia que quase podia ver-lhe a alma.

- Você não precisa mais matar gansos - ela disse, com ternura, avançando mais um passo em sua direção. - Pode voltar com a gente para casa. Quando formos embora no domingo. Tem lugar no avião.

Neve pôde ver, pelo modo como ele desviou o olhar, que Mike ficou muito nervoso.

- Não posso - ele disse; a voz era quase um cochicho. - Tenho coisas a fazer aqui.

- Oh - disse Neve e os dois não se falaram mais, até ouvirem Tia Bess tocando a sineta, avisando-os que o almoço de Ação de Graças estava servido.

O prato principal era ganso. Fora assado até a pele ficar bem dourada e estaladiça. Sarah preparara o recheio de maçã seguindo a receita da mãe, e Will amassara as batatas para o purê. Tinham nabos e cherívias do celeiro de raízes, e Bess preparara ameixas embebidas em conhaque e recheadas com fígado de ganso.

- Não está meio pomposo? - perguntou George, franzindo o cenho para o banquete. Parecia chateado, em particular por causa das velas brancas, compridas e finas que Bess desenterrara de uma de suas caixas de Providence.

- É uma comemoração de feriado, George - disse Bess.

- Não gosto de velas. Gosto de ver o que como.

- Os peregrinos comiam à luz de velas. Acho romântico - disse Neve, e Sarah percebeu Mike começando a enrubescer.

- Will, venha trincar o ganso - chamou Bess.

Todos tinham-se trocado e vestiam suas melhores roupas. O pai usava calças de flanela cinzenta e camisa branca. Sarah viu-o coxear pela cozinha, e derrubar as ferramentas da lareira ao acrescentar ao fogo mais um pedaço de lenha.

- Diabos - ele praguejou, queimando a mão ao puxar o atiçador de chamas.

- Venha cá - disse Sarah, puxando-o até a pia e abrindo a torneira. A água gelada do poço saiu aos borbotões, e ela pôs a mão do pai sob o jorro.

- Não consigo ver nada com esses raios de velas - ele disse.

- Pai, são só 3:00h da tarde. Plena luz do dia. Se comer à luz de velas faz Tia Bess feliz, deixe-a fazer assim.

- Isso é frivolidade e arrogância - grunhiu o pai. - Só para mostrar às visitas que ela vivia em grande estilo com o sei lá qual o nome dele.

- Tio Arthur.

- O executivo. - Quer apagar essas velas, Sarah, por favor?

- Mamãe adorava luz de velas - Sarah replicou.

A mão rude do pai amoleceu. Todo seu corpo relaxou.

- Sim, ela gostava - ele disse.

- Principalmente nos feriados. Sempre acendíamos velas do Dia de Ação de Graças, se lembra.

- Tinham de ser brancas. "Barcos e velas têm sempre de ser brancos", ela dizia. Sinto falta dela todos os dias.

- Eu sei que sente, papai.

Sua raiva, ou alguma coisa semelhante a isso, voltara. George Talbot esforçou-se para enxergar no fundo dos olhos da filha, como se quisesse pegá-la numa mentira.

- Como é que vai essa sua doença? - perguntou.

- Está ótima.

- Que quer dizer com ótima? Não pode estar ótima. Ou acabou ou não. Mas não pode estar ótima.

- Pai, a medicina percorreu um longo caminho desde que mamãe morreu. - Fechara a torneira de água fria, mas continuava segurando a mão dele. Percebeu Mike do outro lado da sala olhando para ela e ouvindo com atenção. - Estou ótima - ela afirmou mais uma vez.

O pai soltou a mão.

- Que conversinha de duplo sentido, confusa. Apague essas velas, Bess. Falo sério. Agora.

Mas as velas continuaram acesas. As famílias se sentaram à grande mesa, nos mesmo lugares que haviam ocupado na noite anterior. Já parecia quase uma tradição. Will fora convidado a trincar o ganso. Ele achava que Neve ia sentir falta da mãe, mas não devia ter-se preocupado. Ela se perdera em adolescente encanto por Mike Talbot; não conseguia tirar os olhos dele.

Will se sentia da mesma maneira em relação a Sarah. Ela usava um lindo vestido longo de veludo verde, que lhe assentava como uma luva, realçando-lhe as formas do corpo. Sentou-se em frente a ele. Will não sentia nada parecido com aquele bem-estar há vários Dias de Ação de Graças, mas sentia-se assim agora. Bem-estar, tudo certo. Sentar-se perto de Sarah fazia-o feliz. Ela o acalmava e excitava ao mesmo tempo, de um jeito que ele não se lembrava de ter sentido em muitos anos. Como se a conhecesse e ela também o conhecesse por toda a vida.

- Eu gostaria de rezar a ação de graças - disse Sarah.

Com exceção de George, que sentara de ombros caídos, postura relaxada e expressão carrancuda no rosto, todos os outros cruzaram as mãos diante do peito e curvaram a cabeça.

- Abençoa-nos, Senhor - começou Sarah. - Graças pela comida que vamos comer. Graças por nossa saúde. Graças por nos reunir nesta ilha. Graças por termos uns aos outros. Graças por todos os que amamos, especialmente aqueles que não podem estar conosco.

- Fred - sussurrou Neve.

- Fred - repetiu Will.

- Mamãe - disse Sarah.

- É - disse George. - Minha Rose.

- Arthur - disse Tia Bess.

Mike atalhou:

- Posso dizer uma coisa?

- Claro, meu bem - respondeu Sarah.

- Só isso. - Mike baixou a cabeça ainda mais. - Dou graças por você estar bem. E por estar aqui. - Hesitou um pouco e depois encarou-a com muita intensidade. - Certo?

- Certo - disse Will, porque de repente Sarah não podia falar.

- Amém - disseram todos.

Mais tarde, quando a casa já mergulhara em silêncio e todos haviam deitado, Sarah desceu para sentar-se perto da lareira. Sentia-se perturbada demais para dormir. De olhos fixos nas brasas, sentou-se no banco da janela.

- Achei que tinha sido o primeiro a acordar e o último a ir para cama, mas você me bateu - disse Will, surpreendendo-a ao entrar na sala.

- Não consegue dormir? - ela perguntou.

- Ainda não tentei. - Ao aproximar-se, ela viu que ele vestia parca e botas, salpicadas de neve. - O início de uma tempestade de neve. Eu estava lá fora assim que começou.

- Aqueça-se - Sarah convidou, baixando o assento do banco da janela.

Will tirou as botas e colocou-as perto da porta. Pendurou a jaqueta no cabide e comentou.

- Vivo interrompendo sua solidão.

- Isso é bom. Já tenho bastante solidão em Fort Cromwell.

A neve começara a cair. Batia contra as janelas, soprada do mar pelo vento forte. Do outro lado do aposento, o fogo crepitava, extinguindo-se.

- Como é agradável aqui - disse ele.

Sarah sorriu.

- Eu sei. Fiquei contente quando o vi entrar.

- Não. Quero dizer: tudo aqui. O Dia de Ação de Graças com sua família. Obrigado por nos convidar.

- Vocês são muito bem-vindos. Tenho me sentido culpada por trazê-los a um lugarejo tão distante. Existe algum lugar para onde você e sua família costumassem viajar?

Will fez uma pausa.

- Bem, em geral passávamos o Dia de Ação de Graças com meus pais. Alice e eu morávamos em Newport, e eles em Connecticut; portanto, era fácil. Todos os anos íamos para lá de carro.

- Devia ser maravilhoso - disse Sarah, curiosa em relação a Alice.

- Era. Sinto falta deles. Meus pais morreram com intervalo de seis meses um do outros, há uns cinco anos.

- É bem recente, então. - Sarah olhou ao redor.

- É. Ainda sinto hoje. Minha mãe foi primeiro, um súbito enfarto numa manhã de primavera. Meu pai simplesmente não quis viver sem ela. Morreu dormindo numa noite de setembro.

- Já meu pai não morreu depois da morte de minha mãe, mas mudou. Ele não era tão... duro - disse ela por fim, depois de procurar a palavra certa.

Will assentiu com a cabeça. Ficaram ouvindo a tempestade por alguns momentos.

- Alice assumiu o controle do Dia de Ação de Graças depois que sua mãe morreu?

Will balançou a cabeça e respondeu:

- Alice não é muito o que se poderia chamar de tradicionalista. E mais ou menos na mesma época em que minha mãe morreu, Fred também se foi. De certo modo, o Dia de Ação de Graças se apagou. Alice e eu não duramos muito tempo juntos depois disso.

- Lamento - disse Sarah.

- Eu acreditava no casamento. Achei que devia ajudar as pessoas a atravessarem os momentos difíceis. O nosso simplesmente desmoronou.

- Você sabe por quê?

- Não consegui salvar Fred.

Ela esperou. A neve açoitava as janelas. Poderia ser tão simples assim? Poderia o fim de todo um casamento resumir-se àquelas quatro palavras terríveis?

- Ela também estava lá. Chegou para ver eu não salvar meu filho.

- O que foi que aconteceu?

- Estávamos velejando, todos os quatro. A retranca se soltou e virou, mas Fred não viu. Atingiu-o com tanta força... Teria derrubado qualquer um, e ele simplesmente caiu no mar.

- Oh, Will...

- Era um garoto maravilhoso. Adorava esportes. Beisebol, hóquei. Um grande velejador, adorava a água. Morando em Newport, molhava os pés todos os dias. Sabe? Matava aula só para ir pescar, e eu não conseguia ficar bravo. Sempre que eu viajava, o que era freqüente, ele cuidava da mãe e da irmã.

- Que bom filho - disse Sarah, observando o fogo. Imaginou se Will pensava em seu casamento. "Como será Alice?", perguntava-se. Viu-se sentindo ciúmes da ex-mulher de um homem que mal conhecia, e enrubesceu.

- Não entendo muito de casamento - continuou Sarah. - Você me perguntou esta manhã por que acho que Mike me odeia. Esse é um dos motivos. Não me casei com o pai dele. Tive Mike quando era muito jovem.

- Isso o aborrece? Muitos garotos têm pais que moram separados.
- Eu sei, mas nunca vivemos juntos. Nem casados, de qualquer modo.

Ela se encolheu, lembrando como ficara ferida, debulhada em lágrimas. O pai parado do outro lado naquela mesma cozinha, brandindo um atizador de brasas e ameaçando matar Zeke. Passados todos aqueles anos, a vergonha continuava prejudicando Mike. Imaginando o que Will achava dela, examinou-o.

- Lamento - ele disse.

Sarah deu de ombros, tentado sorrir.

- Pobre menininho. Não gostava quando eu me separava dele. Mas eu trabalhava muito e... era jovem. Tinha namorados. Os amigos de Mike tinham lares agradáveis, e ele também queria aquilo.

Will fitava-a. Estendeu a mão e roçou-a na face de Sarah. Ao ouvir ruídos de passos na escada, os dois ergueram os olhos. Mike entrou na cozinha.

- Oi - disse Sarah, o coração avolumando-se à visão dele.

Mike sobressaltou-se.

- Hum - disse, parecendo carrancudo.

- O que o traz aqui embaixo, meu bem? - perguntou Sarah.

- Vim só verificar o fogo. Ouvi o vento começar a soprar, e alguma coisa batendo na doca. Quero amarrar melhor a lona impermeável.

- Vou ajudá-lo - disse Will, levantando-se.

- Não é trabalhoso - disse Mike, categórico. - Posso fazer sozinho.

- Sei que pode - disse Will, enfiando as botas. - Mas eu gostaria de um pouco de ar, se não se importa de ter companhia.

- Como quiser. - Mike parecia indiferente, mas fitava Will com um olhar furioso. Sarah sentiu um aperto no coração.

- Na marinha - disse Will - sempre vamos em dois ao convés, sobretudo à noite. Em tempestades como essa... é sempre assim.

- Não tem nada de perigoso lá fora. O que você acha? Que alguma coisa poderia sair voando do pequeno galpão de depenar aves e atacar a gente?

Sarah já conhecia bem aquilo: um homem que conhecia tentando ser simpático, o filho agindo com grosseria e rudeza e ela bem no meio.

- Você é sempre grosseiro com os amigos de sua mãe? - disparou Will.

Mike apenas arregalou os olhos. Parecia chocado com as palavras de Will. Durante anos esbravejara com os homens, e em geral eles desapareciam e não respondiam.

- Eu não estava sendo grosseiro - ele disse, desviando os olhos para a mãe num relance.

- Não se preocupe com isso - emendou Will. - Fiquei muito tempo na marinha. Já ouvi pessoas serem rudes antes. Parece que você também saiu de lá.

Mike não disse nada. Apanhou as luvas e uma lanterna e conduziu Will pela porta dos fundos

Capítulo 05

A neve cobria a ilha Elk dos penhascos, ao norte, até a baía. Todos os gatos do celeiro haviam entrado em casa, em busca do calor da lareira, e

deitavam-se enroscados em seus recantos secretos: no alto das estantes de livros, dentro do piano. Gelsey, a *collie* anciã, estendia-se aos pés de Tia Bess, sobre o tapete trançado em que ela trabalhava.

Todos aqueles animais e tantas penas... E Neve não tivera um único ataque de alergia! Sentia o amor e a paz da ilha Elk assumindo o controle de seu corpo. Podia viver lá para sempre. Deitada no sofá, lendo perto da lareira enquanto a neve caía, começou a analisar a situação.

O pai ficaria com ela. Ele e Sarah se davam muito bem; assim ele teria uma amiga da mesma idade. E mais, ele e George tinham seus dias de militares em comum. Tia Bess gostava de todos. Sarah seria como uma mãe para Neve, uma espécie de melhor amiga maternal e sogra eventual. Neve ia se casar com Mike.

Estava todo mundo ali reunido, esperando a tempestade de neve passar. Mike do outro lado da sala, deitado com um travesseiro sobre os olhos. Neve o observava com toda atenção, a maneira como flexionava cada músculo dos braços. Sarah e o pai sentados a uma mesa de jogos, perto da janela, as cabeças curvadas sobre um quebra-cabeça. seu pai sussurrou alguma coisa, fazendo Sarah rir.

Algum dia tinha visto seus próprios pais se divertirem assim? Neve dava tratos à imaginação, tentando lembrar-se. Silêncio, raiva, acusações não proferidas e, depois, *ditas*, com todas as palavras. Daqueles momentos, ela se lembrava. Apesar disso, revendo o passado um pouco antes, quando Fred ainda estava com eles, os dois se amavam. Neve suspirou, pensando na mãe.

Sarah olhou-a de relance, alerta.

- Tudo bem com você? - perguntou-lhe, sorrindo.
- Tudo bem - respondeu Neve, retribuindo-lhe o sorriso.
- Chateada?
- De jeito nenhum.

Aninhada numa manta escocesa gasta, rodeada de gatos esqueléticos, Neve se perguntava se Sarah sabia que era o centro de tudo, a pessoa que reunira todos ali. Era a mãe de Mike, a filha de George, a sobrinha de Bess, a amiga de Neve e de seu pai. Parecia uma existência generosa, apesar da matança dos gansos.

Pensar na mãe toda enroscada em Julian e na vida egoísta dos dois a entristeceu. Encolheu-se e, pela primeira vez, desde que chegara à ilha, começou a respirar com dificuldade.

- Por que não tenta ligar para sua mãe? - perguntou Sarah com tranquilidade, como se pudesse ler a mente de Neve.

- É uma boa idéia, meu bem - acrescentou o pai.
- O telefone fica no corredor - disse Sarah.
- Eu lhe mostro - disse Mike, levantando-se do chão.

Ela sorriu para ele, os cabelos castanhos cobrindo-lhe os olhos, esperando parecer sedutora e misteriosa.

- Por favor, me mostre.

Embora o grosso da nevasca tivesse passado, o céu continuava branco, e rajadas breves ainda caíam. Tendo estados presos em casa por tanto tempo, todos, com exceção de George e Bess, vestiram roupas quentes e saíram a passeio.

O quartinho perto da entrada da casa, onde eram guardados os acessórios molhados, continha objetos semelhantes a raquetes, que se adaptam aos pés para andar na neve, e esquis de corridas pelos campos, mas não pares suficientes dos dois tipos para todos. Os homens prenderam nos pés os sapatos especiais e Sarah e Neve pegaram os esquis, e se impulsionaram para partir, dirigindo-se para a trilha que os levaria à Grande Cabeceira do Atlântico. Sarah sentia-se felicíssima por estar ao ar livre e se mexendo. Pensou um pouquinho no Dr. Goodacre, dizendo a si mesma que pararia se ficasse cansada.

Mike os guiava. Ele e Will faziam o deslizar daquelas raquetes parecer muito fácil, embora na verdade não fosse. Will seguia ao lado de Sarah, nunca a deixando ficar muito atrás. Avançando juntos pela neve intacta, atravessaram um campo imenso, subiram um promontório com uma floresta de pinheiros à esquerda e uma cerca de trilhos desconjuntada à direita. A trilha se estreitou e a terra subia aos poucos.

A velha cerca de trilhos precisava de consertos; em determinados pontos, desabara. A encosta do penhasco precipitava-se uns trinta metros até o mar. Sarah protegeu Neve, empurrando-a mais para perto das árvores. Sentia quase medo de olhar para o filho destemido, correndo a toda velocidade adiante, morro acima. De repente, Mike parou.

- Ei, mãe - chamou. Esperando Sarah alcançá-lo, apontou para o céu. - Ali está ela.

- Quem? - perguntou Neve.

Sobrevoando em círculos, acima, uma águia-careca. Vivia nos penhascos no outro extremo da ilha, mas nunca descera para pescar na baía.

Sarah parou ao lado de Mike, recuperando o fôlego.

- Oh, Mike! Você se lembra? - perguntou Sarah. Sentia dores no corpo por causa do esforço, e o peito a machucava a cada inspiração profunda.

Mike sabia o que ela queria dizer.

- A primeira vez que a gente viu? Claro.

Ele era apenas um menino. Os dois tinham passado uma semana maravilhosa pegando lagostas e observando as águias.

- Não pode ser a mesma - disse Sarah.

- As águias vivem muito tempo - disse Mike. - Com o tempo, sempre vão aparecendo alguns remígios das asas, está vendo?

As penas mais longas, em forma de dedos, nas pontas da asa. Mike tinha razão; Sarah podia ver um grande espaço aberto. Ela assentiu com a cabeça, engolindo seco, em busca de ar.

- Estou fora... de forma - disse.

- Seu desempenho está ótimo, mãe.

- Está? - perguntou Sarah, adorando o elogio.

- Se está! Um quilômetro e meio na neve? Melhor que ótimo. Você e o papai esquiavam? Ou andavam nestas raquetes de neve?

Sarah balançou a cabeça.

- Não. Ele vivia pegando lagostas.
- Todo mundo aqui se lembra dele.
- É uma ilha pequena - disse Sarah, com tato.
- Por que sempre o diminui? - perguntou ele, acalorado.
- Mike, me desculpe - ela apressou-se em dizer.

De repente, Neve soltou gritos estridentes. Apontando o bastão na direção do mar, pôs-se a saltar para cima e para baixo. Olhando ao longe, Sarah viu a baía imensa e escura. O único movimento foi de uma série de anéis concêntricos girando e saltando com o estrondo do epicentro de um terremoto.

Sarah e Mike se entreolharam, dois velhos experientes do Maine, sabendo exatamente o que viam. A baleia assomou clara à superfície. O corpo lustroso, gigantesco, lançou-se para o ar e caiu com um violento baque.

- Nossa! - gritou Neve. - O que foi aquilo?
- Uma baleia jubarte - disse Will, com um sorriso escancarado no rosto.
- Como dá para você saber que é uma baleia jubarte?
- Os lombos brancos da cauda. Aquelas longas barbatanas brancas.
- Asas de anjo - disse Neve. - É o que aquelas coisas brancas parecem para mim.

- *Asas de anjo* - repetiu Sarah, que ficara um pouco atrás, o três observando de olhos arregalados uma baleia que desaparecera no mar.

- Meu pai instalou seus cômicos lá - disse Mike, apontando para a baía.

Como Mike jamais os vira, alguém devia ter-lhe contado, pensou Sarah.

- Os pescadores de lagosta da ilha Elk só saem no inverno - disse o rapaz.
- Eles devem ser durões - comentou Will.
- São os pescadores de lagosta mais durões do Maine - Mike emendou, estreitando os olhos.

No topo da Grande Cabeceira do Atlântico, voltaram para o interior da ilha. Will e Sarah hesitaram, deixando os garotos seguirem na frente. Sarah parecia cansada.

- Quer descansar? - perguntou Will.

Ela negou com a cabeça. Tinha as faces rosadas, os olhos enormes e escuros brilhavam, e sua aparência era surpreendente: calças pretas elásticas, um grosso suéter vermelho salpicado de pequenos flocos de neve e um turbante preto em volta dos curtos cabelos louros, quase brancos.

- Estou ótima.
- Eu também - disse Will, sorrindo.

Ela assentiu com a cabeça.

- Você e meu filho assinaram uma trégua. Obrigada pelo que disse sobre os pescadores de lagosta da ilha Elk.

- Eu falava sério.
- Ele realmente se descontrolou ontem à noite.

- Está protegendo você, só isso.

Os maus modos de um adolescente de 17 anos nada significavam para Will. Só conseguia pensar em Sarah. Ficara contente de os garotos terem ido na frente.

Ele e Sarah continuaram. A princípio, ouviam as vozes deles, mas passados vários minutos a floresta mergulhou em silêncio. Os dois chegaram a uma árvore tombada; Will abriu um espaço com as mãos, retirando a neve, para se sentarem. Sarah fechou os olhos e exalou uma longa nuvem de respiração.

Will olhou para ela.

- Você sempre providencia um espetáculo de águias e baleias?

- Só para você.

Ele tirou os bastões de esqui, pondo-os ao lado do tronco. Sarah parecia sorrir, como se soubesse o que ele ia fazer. O que era estranho, pois ele próprio não sabia.

Ele deslizou os braços em volta dela e a beijou. Ela lhe pareceu muito pequena, delicada como uma criança, mas o abraço foi tão forte que ele sentiu o coração dela batendo sob o grosso suéter.

Sorriam um para o outro, curvando-se um pouco, ainda abraçados com força. Will beijou-a mais uma vez, subindo a mão para segurar-lhe a cabeça. Os dedos encontraram uma cicatriz longa e endurecida sob os cabelos curtos. Ele teve um sobressalto, mas ela não se retraiu. Beijava-o com todo o coração. Ele puxou-a para junto de si.

- Isso é muito interessante - disse Sarah após um momento, apertando as faces dele com as mãos. Embora falasse com humor, sua voz também passava muita seriedade. - Meu pai e meu filho me perguntaram quem você era, o que fazia aqui comigo, e eu disse honestamente que você era meu piloto. E também meu amigo.

- Seu amigo, com certeza.

- Mas, oh... Will.

- Mais que amigos?

- Não acha que sim?

Um grito desfez a paz. Era Neve, bem distante, pedindo socorro. Aprumando-se, Sarah e Will saíram correndo e esquiaram o mais rápido que podiam.

Os garotos estavam mais ou menos meio quilômetro adiantes. Will seguia as pegadas e Sarah esquiava atrás. Saíram da floresta para um campo branco, que se estendia de um lado para o outro da ilha. Neve estava sozinha na borda de uma depressão coberta de neve. Will viu que era um lago.

- Mike afundou no gelo! - gritou a garota.

Will redobrou as largas passadas. Começara a soltar as correias das botas de neve antes mesmo de chegar à filha. Ela estava histérica, os olhos cheios de pânico. Fitava Sarah com horror.

- Eu disse para ele não ir!

Sarah pegou a mão dela.

- Quando? Há quanto tempo?

Will não ouviu a resposta. Desamarrando as botas, chutou-as fora. Jogou a parca na neve. Atirou o grosso suéter de lado, ficando apenas de *jeans* e camiseta com proteção contra a água gelada. Então o comandante William Burke, nadador da marinha treinado para resgates, mergulhou pelo buraco de gelo.

Por dez segundos exatos, Mike achou divertido. Tentando exibir-se, desbastando o gelo para que neve pudesse deslizar em volta nos esquis, ele tropeçara e caíra dentro do lago, ao fender o gelo. Imaginara-o sólido, compacto. Mas fora afundando cada vez mais. A água estava incrivelmente gelada. Seu coração pareceu querer parar de bater. Chegando ao fundo, tentou subir a nado, mas as pesadas botas de neve o ancoravam. Em dez segundos, sentiu os pulmões prestes a explodir.

Sarah corria de um lado para outros pela borda do lago.

- Quanto tempo, Neve?

- Um minuto, Sarah. Acho que um minuto.

Sarah pisou com cuidado sobre o gelo quebradiço e entrou no lago, que aguentou firme sob seus pés. Avançou um pouco mais. O gelo rachou e ela recuou.

- Um galho! - gritou Neve. - Eles podem pegar a ponta de um galho!

Sarah e Neve correram até a pilha de árvores caídas mais próxima. Sarah agarrou a ponta grossa de um longo galho de carvalho, e as duas usaram toda a força para arrancá-lo.

Sarah voltou a pisar no gelo e entrar no lago. Ele rachou, mas não cedeu.

- Deslize-o para cá - disse a Neve.

Neve deu um empurrão no galho.

- Mais! Depressa! - ordenou Sarah, desvairada.

Neve empurrou o galho retorcido com força, atingindo a bota de Sarah. Quando ela saltou sobre ele, o gelo partiu-se por inteiro. O ruído foi alto, como tecido sendo rasgado, e Sarah caiu e afundou direto. Com água até os joelhos, ouviu um gemido de agonia: a própria voz.

- Desculpe, me desculpe - soluçava Neve.

Caminhando com passos pesados e firmes para a terra, Sarah sentiu vontade de gritar até expelir as vísceras. A garota tremia violentamente, da cabeça aos pés, e ela se viu acariciando-lhe as costas.

- Chi... chi... chi... - disse Sarah, também tremendo. As duas se agarraram, de olhos fixos no orifício. - Sabe rezar, Neve? Reze, já!

- Estou apavorada demais para rezar. Não sei o que dizer.

- Sabe, sim. Só acha que não sabe.

Sarah fitou o buraco negro com intensidade como se só aquele olhar pudesse içar o filho e Will do gelo.

- Por fazer, reze, Neve - disse Sarah à meia voz. - Por favor.

- Oh, Freddie - murmurou Neve.

Por quanto tempo podia uma pessoa sobreviver debaixo d'água àquela temperatura tão enregelante? E duas? Abraçando Neve, Sarah fechou os olhos e pensou em seu tumor. Rezara tanto para viver, e Deus achara por bem permitir que assim fosse. Já recebera tantas coisas na vida, por que não mais aquela? Por que não Mike? Diante daquele lago, Sarah sabia que tornaria a aceitar de bom grado sua doença se Will conseguisse salvar Mike.

Ela trocaria sua vida num instante pela de Mike. Deus não podia tirar-lhe o filho lindo.

Neve soluçava ao lado, derreada em seus braços.

- Está tudo bem - sussurrou Sarah.

- Não, não está. Já passou tempo demais.

- Espere!

A água escura ondulou, e a superfície se abriu. Na sôfrega e violenta busca de ar, o ruído dos seres humanos parecia mais potente do que o das baleias. Emergiu uma cabeça, depois outra. Will trazia Mike a reboque pelo pescoço. Num impulso, desabou de lado sobre a borda do lago, rachando o gelo com o pulso.

- Papai - gritou Neve. - Oh, papai!

Molhados, com os cabelos quase congelados, Will e Mike se deitaram no chão coberto de neve. Mike vomitou água, arquejando em busca de ar. Will puxou-o para terreno mais seguro acima, enquanto Neve se esforçava para tirar-lhe as pesadas botas dos pés frouxos.

- Eu o salvei - disse Will, olhando no fundo dos olhos de Sarah.

Ela acocorou-se para beijar primeiro o filho, depois Will Burke.

- Sei que o salvou - disse, os olhos ardendo de alegria e infinita gratidão, e mais alguma coisa que lhe pareceu amor. - Jamais esquecerei.

Em casa, Tia Bess fez chocolate quente, e George pegou mantas pesadas e trouxe-as para a cozinha. Puseram Mike deitado bem perto do fogo. Neve sentou-se aos seus pés.

- Temos de levá-lo a um hospital - disse Sarah.

- Que hospital? - retrucou George, de maneira brusca. - O trajeto da barca vai congelá-lo ainda mais.

Sarah sentou-se ao lado de Mike, esfregando-lhe as mãos geladas. Embora também se achasse semicongelado, Will não se deitara; continuava ao lado dela. A caminho da casa, ainda tinham tido de carregar Mike. No momento em que Will o alcançou, ele já havia quase perdido a consciência. Debatendo-se como se tentasse nadar para a superfície, acertara acidentalmente um murro no olho de Will.

- Eu o levo de avião - disse Will, tentando impedir que os dedos batessem.

George lançou-lhe uma manta.

- Você não está em condições de fazer nada, a não ser se secar e se aquecer.

- Essas mantas velhas e puídas, não - gemeu Tia Bess, num lamento.

- Psss, Bess - chiou George, envolvendo Mike com mantas. - O que precisamos neste momento é de lã boa para manter o calor nos ossos. Pronto, garoto. Que tal?

- Ótimo, vovô - Mike esforçou-se para dizer.

- Meu querido - disse Sarah. - Eu fiquei tão...

- Mãe - disse Mike, balançando a cabeça. - Pare com isso, está bem?

- Deixe o garoto se aquecer - disse George, dirigindo-se a Sarah com mais delicadeza do que habitualmente. - Por que não cuida de Will?

- Não, eu... - Sarah não conseguiu terminar a frase.

Sentiu nos ombros as mãos de Will. Puxando-a ligeiramente, ele a ergueu e falou:

- Ele vai ficar bem.

- Obrigada, Will. De todo o coração. Obrigada.

- Por nada.

- Você está com os lábios roxos.

Will assentiu com a cabeça, e sentiu um arrepio varrer-lhe todo o corpo.

Sarah abaixou-se para pegar uma manta. Na ponta dos pés, passou-a em volta dos ombros de Will, sobre a outra que o sei pai acabara de lançar-lhe. Ele sorriu.

- Melhor? - ela perguntou.

- Muito.

O pai, Neve e Bess se amontoavam em volta de Mike, verificando a sua cor, esfregando-lhe as mãos e pés.

- Você está com um olho roxo - disse Sarah.

- Precisava ver como ficou o outro cara - brincou Will.

Sarah tentou rir, mas ele segurou-lhe as mãos com um pouco mais de força. Ela deu um passo para mais perto dele. Inclinou a cabeça, e lançou-lhe um olhar no fundo dos olhos. Toda a família esta aos pés dos dois, mas ela sentia como se estivesse ali sozinha com ele. Ouviu o pai contar uma piada, Mike rindo.

Will nada disse. Apenas deslizou os braços à sua volta. As mantas de lã pareciam arranhar o rosto dela. Eram mantas de uso externo - para piqueniques, passeios de barco, observação de estrelas. Quantas vezes as estendera no gramado com Mike quando ele era bebê?

As lembranças eram tranquilas e fortes, e fizeram-na chorar. Will a abraçou, deixando-a soluçar baixinho em seus braços.

Quando Mike ficou fora de perigo, foram todos para o andar de cima. Tia Bess acabou impondo sua vontade, pondo os homens na cama e cobrindo-os até o nariz com edredons recheados de penas. Will se sentiu melhor. Deitado de costas, deixou que os enormes arrepios percorressem todo o corpo.

- Papai, você parece possuído - disse Neve. - O corpo tremendo como louco.

- É assim que o corpo se aquece - ele disse, sentindo outro tremor percorrer-lhe as costas. - Vou ficar ótimo. Por que não vai ver como está Mike?

Will sentiu-se culpado por querer livrar-se da filha, mas vira Sarah parada no vão da porta bem atrás dela. Sorria-lhe de uma maneira como ele nunca vira antes.

- Por que não vai, Neve? - ela disse, avançando. - Sei que ele gostaria de vê-la.

Neve virou-se e olhou para ela com todo o afeto do mundo.

- Puxa, Sarah... você me perdoa?

- Perdoar você por quê?

- Por atrair Mike até o lago. Por ter tido aquela idéia estúpida sobre o galho. Não sei!

Sarah balançou a cabeça.

- A queda de Mike não teve nada a ver com você, e a idéia do galho não foi estúpida. Vá vê-lo.

Beijando o pai, Neve dirigiu-se para a porta. Parou, beijou Sarah e saiu.

- Uau! - exclamou Sarah. - Tenho de ameaçar Mike para conseguir que me dê um beijo. Ou suborná-lo. Pensando bem, nenhuma das duas coisas funciona a anos. Lamento ter perdido o controle lá embaixo.

- Não perdeu - disse Will.

- Chorei feito uma lunática, pensando em como era feliz. Eu sou. Você sabe.

- Eu sei. - Ele sorriu, buscando a mão dela.

- Quer dizer, você salvou a vida dele. Foi inacreditável. Você é o meu herói.

- Não sou nenhum herói.

- Não é você quem decide isso.

- Sou um cara experiente da marinha. Não tive opção senão agir daquele modo. - Mas não parava de pensar: "Desta vez deu certo."

Puxar Mike até a superfície do lado fizera-o saber que estivera vivo o tempo todo. O garoto lutara com unhas e dentes, à maneira desesperada de toso os que se afogam. Ao arrastá-lo até a borda, Will enchera o coração com o pensamento em Fred. E ali, deitado na cama macia e quente, fechou os olhos e imaginou o filho.

Menos de cinco minutos após entrar no quarto de Mike, Neve viu o velho George simplesmente se levantar da cadeira e atravessar o corredor até a escada. Nem sequer se despediu.

- Como seu avô pôde sair daquele jeito? - ela perguntou.

- Acho que tinha alguma coisa para fazer - disse Mike.

- Agora você está na minha mão. - Neve sentou-se na borda da cama. - Vou torturá-lo.

- Como? - ele ficou intrigado.

Na verdade, ela não tinha resposta para dar. Sentia-se tão feliz por estar ali sentada, vendo o sangue voltar ao rosto de Mike, e os pés dele se mexendo embaixo dos edredons.

- Você ficou apavorado?

- Não - ele respondeu.
- Achou que ia conseguir se salvar?
- Não, até o último minuto. - Hesitou. - Seu pai teve muito sangue-frio. Piloto, mergulhador... Que mais ele faz?
- Podia ter sido agente secreto, se não tivesse largado a marinha.
- Por que ele fez isso?
- Oh, foi por causa de Fred.
- Fiquei um pouco curioso para saber quem era Fred. Você falou o nome dele durante o jantar de Ação de Graças.
- Era meu irmão. Morreu afogado. Eu estava com ele quando aconteceu.
- Sinto muito. Fazia frio, como hoje?
- Oh, não. Não foi no inverno - ela disse, trazendo à mente o dia claro de setembro logo adiante do ancoradouro de Newport.
- Ele não sabia nadar?
- Era um excelente nadador. Estávamos velejando... meus pais, Fred e eu. Caiu uma tempestade daquelas. A gente vinha voltando para o ancoradouro; meu pai deixou Fred pegar o leme. Soprou uma rajada de vento violenta, mas nos seguramos. A retranca soltou e virou. No mesmo instante, todo mundo se abaixou, menos Fred. Ela o pegou direto na cabeça e o atirou pela amurada.
- Que coisa horrível, Neve.
- Meu pai nadou e nadou, e minha mãe e eu ficamos em pé, tentando ver para onde Fred fora, mas não conseguimos. Dois dias se passaram antes que... o corpo dele fosse dar à praia. Meu pai simplesmente quase morreu. De verdade. - A voz de Neve saiu abafada. Ainda ouvia o pai aos prantos, gemendo e se lamentando atrás da porta do escritório, quando vieram dar-lhe a notícia. - Meu pai é um nadador treinado; você pode calcular o que isso causou a ele.
- É, acho que posso... - disse Mike, avaliando o impacto da tragédia.
- E na certa pode imaginar como foi incrível para ele arrancar você dali hoje.
- Nada pode compensar a perda do seu irmão.
- É... - murmurou ela.
- Fred Burke? - Mike enunciou, perguntando pelo nome inteiro dele.
- Neve enxugou as lágrimas com os dedos e balançou a cabeça.
- Fred Burke.

Na manhã de sábado, todos tomaram café e saíram para cuidar de seus assuntos. Will e George pegaram o jipe e atravessaram a ilha para certificar-se de que a tempestade não causara danos ao avião. Mike saiu em direção a um dos abrigos, e pouco depois Sarah foi atrás dele.

Ela ficou sentada num caixote alto, vendo-o desmontar o motos de um barco pesqueiro de lagostas. Mike instalara ali um fogão a lenha, e arrumara o velho abrigo, tornando-o muito aconchegante. Sarah arqueou as costas para trás, procurando uma posição confortável. Acordara com uma dor na região lombar.

O barco de costado trincado ocupava a maior parte do espaço. Coberto de graxa da cabeça aos pés, Mike vestia um macacão de trabalho azul-marinho.

Franzindo as sobancelhas ao trabalhar, fazia Sarah lembrar-se tanto do pai dele que ela piscou os olhos várias vezes para afastar a visão da mente.

- Tem certeza de que se agasalhou o bastante? - ela perguntou.

- Mãe... - ele disse, advertindo-a.

- Bem, me desculpe. Não é todo dia que meu filho afunda no gelo. - A conversa emperrou, mas Mike não pareceu notar. - Você gosta de velhos barcos de pesca de lagosta - ela disse. - Como seu pai.

Mike balançou a cabeça, mas não disse uma palavra.

- Foi por isso que você veio pra cá? - perguntou.

Ele deu de ombros.

- Prefiro achar que foi por isso do que pelo que venho achando desde então.

- Achando o quê?

- Que você me odeia.

Ele exalou um suspiro de impaciência. Ao pegar uma chave inglesa, virou toda uma bandeja com porcas de rebite. Acocorando-se, começou a catar as porcas com a mão direita e pô-las do lado esquerdo.

- Mike?

- Eu não odeio você, mãe.

- Então por que fugiu?

- Eu não fugi.

- Fugiu, sim! Simplesmente abandonou a escola daquele jeito, saiu porta de casa afora com as tralhas nas costas, e se pôs a pedir carona.

- Eu não estava fugindo. Estava vindo pra cá.

- Por causa de seu pai?

- Ele está morto. Por que seria por causa dele?

- Não seria pra descobrir de onde ele era? - questionou Sarah.

- Não sei. Descobri muita coisa. Mas você pode me dizer mais.

Sarah assentiu com a cabeça. Ezequiel Loring fora o sol, a lua e as estrelas para ela durante uns cem dias. Ela os contara certa vez, um por um, desde o primeiro encontro dos dois, quando ela estava no primeiro ano da faculdade, até o dia em que ele espatifou a caminhonete num carvalho na estrada de Birdsong.

- Zeke sabia consertar qualquer coisa - ela disse. - Era divertido, irreverente, inteligente. Um belo rapaz. Eu podia dizer bonito, mas isso não seria lhe fazer justiça... Ele era lindo, Mike. Como você.

- Hum.

- A gente se conhecia há tempos, mas voltamos a nos encontrar numa noite de abril. Eu tinha vindo para casa nas férias da faculdade, e passeava a pé na orla da baía. Tinha uma meia-lua no céu, e eu olhava para ela. Lembro que ouvi o ronco de um motor. Era Zeke em sua motocicleta. Parou ao meu lado, e eu montei. Ele me levou na garupa por toda a ilha, para contemplarmos a lua.

- É mesmo? - exclamou o rapaz.

- Você conheceu a casinha dele? Do outro lado, perto da Cova, no caminho da fazenda dos pais dele? Eu lhe mostrei uma vez, quando você era menos.

- Eu me lembro. Agora é só uma cabaninha de pesca abandonada, cheia de mato.

- É mesmo? - Sarah ficou surpresa ao ver que aquilo a entristecia. - Eu a adorava. A gente a arrumou e se alojava ali. Mike, eu e seu pai nos amávamos muito. Brigávamos feito loucos, mas queríamos ficar juntos.

- Era lá que a gente ia morar depois que eu nascesse?

- Eu queria que ele voltasse comigo para Boston. Eu estava começando a loja, sabe? Zeke não ganhava muito aqui para o seu sustento, mas adorava a ilha. Acho que era por isso que ele resistia a ir comigo. Não conseguíamos levar muito bem nossas conversas até o fim. - Sarah falava em termos brandos, como para neutralizar o trauma do último dia, quando fora deixada na igreja. Quisera levar seu pescador de lagostas para longe da ilha e determinar a vida dele. Lembrava-se de todos os planos e sonhos.

- Ele queria ficar aqui em vez de se mudar para Boston?

- Em vez de casar comigo, acho.

- Não estou entendendo.

- A gente era muito jovem para se casar, Mike. Mas você ia chegar.

- Ele soube da minha existência? - o rapaz perguntou, parecendo assustado.

Sentiria medo de ouvir a resposta? Que Zeke soubera que iria ser pai e assim mesmo os abandonara? Que morrera num acidente de estrada ao lado de outra mulher?

- Que eu estava grávida, sim, ele sabia. Mas não soube da sua existência, meu bem. Se tivesse conhecido você, teria sido diferente - disse Sarah, mentindo agora, incapaz de suportar a mágoa na voz do filho. Em seu íntimo, ela duvidava que algum bebê induzisse Zeke a ficar. Ele partira numa farra, e uma mulher e um filho não haviam sido convidados a acompanhá-lo.

- A vida teria sido melhor se ele estivesse com a gente - disse Mike. - Poderíamos ter sido felizes juntos.

- Mas não foi o que aconteceu - disse Sarah, cortante. - Seu pai tinha outros planos.

- Era você então que queria ir embora da ilha.

- Ele não teria ficado, de qualquer modo. Não estava disposto a se casar comigo.

- A gente podia perguntar a ele, mãe - disse Mike, voltando-se mais uma vez para o motor. - Mas ele está morto. Eu vi a sepultura.

Sarah permaneceu parada, vendo os ombros tão rígidos do filho, e a sua voz empostada. Ele batia no motor como se quisesse demoli-lo. Uma físgada de dor percorreu-lhe as costas, fazendo-a retraindo-se.

- Sinto muito, meu bem.

- No cemitério. Você já viu?

- Já vi, sim.

- Mãe - Mike deixou os braços caírem na bancada -, por que você ficou doente?

Sarah se levantou e contornou o velho barco desmoronado. Mike chorava agora, embora tentasse esconder.

- Mike - ela sussurrou, passando o braço em volta dele.

- Você está melhor? Porque o vovô diz que não.

- Estou, sim! Olhe para mim. Estou aqui, não estou?

- Isso não quer dizer nada.

- Olhe para mim - ela disse, segurando o rosto do filho entre as mãos.

Riscas de lágrimas e graxa cobriam-lhe as faces.

- Sim, e daí?

- Loura platinada.

- Acha que isso é algum tipo de brincadeira? - ele explodiu.

- Não, Mike. Eu só estava...

- Você não me conhece, nem um pouco - disse ele, cortante. - Jamais conheceu. Acha que por trazer peru para cá vai compensar o fato de eu não ter pai, e pensa que brincando sobre seu cabelo vai me fazer esquecer que tem câncer!

Ela balançou a cabeça.

- Eu não...

- Diga o que quiser, mas tem. Você tem.

- Eu quero conversar com você. Mais que tudo - disse Sarah, quase sem fôlego. - Quero que nosso relacionamento seja melhor. Quero que venha comigo, termine a escola. Se tivesse a mínima idéia de quanto...

- Eu vou ficar, mãe - disse ele, categórico.

- Só estou lhe pedindo que pense nisso.

- Eu vou ficar.

Will e o pai de Sarah haviam passado algum tempo fora, retirando neve do avião. Quando cruzaram a porta dos fundos, Sarah os encontrou no corredor. Sentindo-se transtornada por causa de Mike, tentou parecer esperançosa.

- Tia Bess diz que Neve planejou uma comemoração para esta noite. Encomendou umas lagostas a Hillyer Crawford, mas Hillyer está ocupado demais e não pode trazê-las de carro até aqui. Posso levar o jipe para pegá-las? - perguntou Sarah.

- Os freios estão esponjosos - disse o pai em tom reticente. - Mike ainda não teve oportunidade de pôs as novas lonas.

Sarah sorriu.

- Eu dirijo com cuidado, pai.

- Vou com você - disse Will.

- Você dirige, Will - ordenou o pai. - Ela lhe mostra o caminho.

- Certo - disse Sarah ao pai. Os dois travavam tantas batalhas que aquela não tinha importância.

Momentos depois, Will retirava de marcha a ré o jipe da garagem. Vários gansos haviam saído do celeiro. Gingando em volta, puseram-se bem no

caminho. Sarah baixou o vidro da janela para sacudir os braços e afugentá-los. A dor nas costas disparou fisgadas pela perna.

- Ai! - ela gemeu, vendo estrelas.

- Qual o problema? - perguntou Will.

Endireitando-se no banco, ela senti a dor indo embora.

- Nada.

- Foi um grito bem alto para não ser nada - ele insistiu.

- Talvez eu tenha pinçado um nervo. Ou talvez seja só tensão. Tive uma discussão com Mike.

- Sobre o quê?

- Sobre mim. - Ela sorriu, para que ele não visse o quanto se sentia magoada.

Indicou a Will o caminho para o norte, pela estrada de pista única que cortava a ilha. Sarah mostrou-lhe ao longe a Escola da Ilha, onde estudara até o segundo grau; os melhores lugares para colher uvas-do-norte; a estrada que levava a Krestal Point, onde ficavam todas as grandes casas de veraneio e morara a namorada de verão de Zeke. Sacolejando no jipe, descera a estrada do Porto até o Cais das Lagostas, e compraram de Hillyer um caixote com um quilo de lagostas, e uns moluscos de quebra.

- Eu queria que você me mostrasse outros lugares - disse Will. - Quero conhecer todos os lugares importantes.

- Vamos visitar minha mãe.

- Para que lado? - perguntou Will, e ela o mandou virar à esquerda.

Passaram pelos penhascos que abrigavam as águias-carecas, ao norte. Sarah disse-lhe para virar à esquerda numa estreita trilha tortuosa, que cortava serpeando uma floresta de carvalhos altaneiros.

Saíram na beira do oceano. Em frente, erguia-se solitária uma capela de pedra, rodeada por campos de neve. Ao lado, contornado por uma cerca de ferro forjado, um pequeno cemitério. Will parou o carro, e os dois foram andando pela neve.

A capela era de pedras escuras, pequena e de estilo medieval. Do campanário volumoso pendia uma cruz de pedra presa ao telhado de ardósia por arames grossos, para resistir aos ventos do Atlântico. Três degraus de granito conduziam a uma porta de madeira encimada por um arco. Alguém pendurara nela uma coroa de abertos enfeitada com bagas-da-praia prateadas e fita roxa.

- Meu pai esteve aqui - disse Sarah, os olhos brilhando.

- George pendurou a coroa?

- Todos os anos ele põe uma, no dia seguinte ao de Ação de Graças. Faz isso por ela.

Will ergueu o trinco, deixando o portão de ferro ranger atrás deles. O vento açoitava, deslocando-se do mar, e soprava no ar borrifos salitrados e flocos de neve esparsos. Sarah ajoelhou-se junto à sepultura da mãe. Olhando-a, ele a achou linda, ali perdida em lembranças e oração. O monumento era todo esculpido, com um anjinho voando sobre o mar, o nome Rose Talbot talhado a cinzel acima das datas de nascimento e morte.

- Mão, sinto sua falta - sussurrou Sarah. - Você me faz muita falta.

O vento soprou com força, inundando de lágrimas os olhos de Sarah e colorindo de rosa suas faces. Will passou os braços em volta dos ombros dela, puxando-a para junto de si.

- Está frio - ele disse. - Quero aquecê-la.

- Não quer entrar? Sei onde achar a chave.

Ela destrancou a porta pesada. Por dentro, a velha igreja era escura e úmida. Seis fileiras de bancos de carvalho talhados enchiam o espaço. As janelas de vitral eram azuis e vinho, mostrando santos e barcos. Uma cruz de madeira lisa erguia-se atrás do altar. Sarah olhou em volta. Aproximou-se de um banco, correu os dedos pelo carvalho. A expressão em seus olhos transmitia raiva e confusão.

- Que foi? - perguntou Will.

- Não sei. Com vinte anos de intervalo, Mike e eu fomos batizados logo ali adiante. - Apontou uma pia batismal de mármore. Tinha a forma de uma concha. - Também quase me casei aqui.

- Com o pescador de lagostas?

- Ele não apareceu. Não me quis.

- Que grande idiota.

Sarah deu de ombros.

- Está enterrado lá fora - disse com calma. - Sei que foi por causa dele que Mike fugiu para cá.

- Mike é um bom menino. Vai ficar bem.

- É, sim, mas ainda não acredita nisso. Viajou toda essa distância até aqui só para aprender os modos de vida de um homem morto. A vida numa ilha é tão louca... Não tem futuro. Quero que ele volte com a gente para casa.

- Deixe-o ficar onde quiser - disse Will, abraçando-a. - É só o que você pode fazer.

- Eu digo isso a mim mesma, mas como? Sou mãe dele.

Sarah soluçava em seus braços, e Will acariciava-lhe os cabelos, pensando em Fred. Como deixara seu filho partir? Vivo ou morto, era impossível. Mas aprendera o segredo. Na verdade não temos escolha. Os filhos não nos pertencem. São confiados a nós por um breve período de tempo. E só podemos fazer o melhor possível.

- Você o ama onde quer que ele esteja - disse Will. - Já sabe disso.

- Sei?

- Olhe para você e sua mãe.

- Eu a amo onde quer que eu esteja - disse Sarah, fungando.

- Já aprendeu como fazer isso na condição de filha. - Ele sorriu, enxugando as lágrimas de Sarah. - Agora tem apenas que fazer isso como mãe.

Conduzindo-a de volta pela nave, Will parou na porta. Olhou no fundo dos olhos dela. Depois beijou a mulher que nunca fora uma noiva. Abrindo a porta, saíram no vento frio.

Neve telefonara para a mãe em Fort Cromwell, mas encontrara a secretária eletrônica em vez dela. Ouvira a mensagem: "No momento, Alice e eu não estamos em casa; por favor, deixe o seu recado". "Devem ter saído às pressas para esqui, ou *muito na certa* para ver o carro vencer em Monza", ela pensou.

- Oi, mãe, sou eu - disse Neve. - A gente ainda está na ilha Elk, e vai pra casa amanhã. Não precisa ir me buscar no aeroporto. Peço papai para me levar, assim você não tem que sair. Amo você. Tchau.

Quando ia repor o fone no gancho do aparelho do corredor, teve a terrível sensação de que havia alguma coisa errada. Por que a mãe não atendera? Seu pressentimento era de que estava morta de raiva e magoada.

Discando mais uma vez, rezou para a mãe atender.

- Alô? - disse a mãe. - Susan, é você?

- Sim. Oi, mãe. Tenho ligado para você. A gente não se fala desde meu telefonema do aeroporto de Portsmouth, se lembra?

- Eu me lembro - respondeu a mãe, seca.

- Como tem passado? Como foi o Dia de Ação de Graças?

- Vamos indo. Julian teve um pequeno resfriado. - Alice hesitou. - Como foi o seu Dia de Ação de Graças?

- Foi tudo bem - disse Neve, baixando o tom da voz. Não queria dizer à mãe como fora maravilhoso.

- Fico contente - disse a mãe, e Neve quase podia vê-la comprimindo os lábios até fazê-los desaparecer numa linha fina e rígida.

- Qual o problema? - perguntou Neve.

- Nada, só que... só que... é o primeiro feriado que a gente passa *longe uma da outra* - disse a mãe, irrompendo em lágrimas - desde que você era um bebê.

- Sinto muito, mãe - sussurrou Neve. De repente, ouviu a voz de Julian ao fundo. - Qual o problema? - perguntou mais uma vez.

- Nada - disse a mãe, e agora lhe parecia que as palavras eram falseadas pela presença de Julian, como se a mãe representasse uma espécie de cena para ele. - A não ser que fiquei muito decepcionada com a forma que você escolheu para fazer isso. Se tivesse pedido permissão de maneira mais correta, a gente podia ter tomado as providências necessárias.

- Eu sei - disse Neve, vendo Mike do outro lado do corredor. - Mãe, sinto muito.

- Haverá consequências - disse a mãe, ameaçadora. - Agora espere na linha, Julian quer lhe desejar Feliz Dia de Ação de Graças.

- Tenho de ir, mãe - disse Neve, baixinho. - Tem gente aqui precisando usar o telefone. Eu amo você, tchau. - Pôs o telefone no gancho como se lhe queimasse a mão.

- Eu não estava esperando para usar o telefone - disse Mike, desculpando-se.

- Oh, eu sei - disse Neve. - Foi só uma mentirinha boba para não ter de falar com meu padrasto.

- Você tem padrasto? - perguntou Mike.

Neve assentiu com a cabeça, sentindo-se felicíssima.

- Eu o odeio - sussurrou. - Sei que não devia odiar ninguém, mas odeio...
- Às vezes a gente não tem como evitar.
- Se eu tivesse uma ilha para fugir, fugia. Como você fez.
- Você está aqui, não está?

Tentando sorrir, Neve deixou Mike conduzi-la pelo corredor e subiu a escada dos fundos. Estava escura e cheia de poeira, e cada degrau acoitava um gato dormindo, que saía furtivamente, enquanto os dois subiam. Saíram diante de uma porta fechada. Mike abriu-a, e entraram no sótão. camas velhas, baús e caixas enchiam o amplo espaço. No outro lado, cobertores pendiam de extensas linhas de pesca.

Mike fez menção para que Neve entrasse primeiro.

- É tão aconchegante - ela disse.
- É - ele disse, satisfeito.

Um aquecedor lançava ondas de calor. Ele cobrira um velho colchão com edredons recheados de penas. Três estantes estavam cheias de livros. Uma janelinha dava para a frente, os campos se estendendo até a baía lá embaixo.

- Para que serve este lugar? - ela perguntou.
- É pra cá que venho quando quero sumir.
- Sua ilha na ilha?
- Ele fez que sim com a cabeça. Encostou a testa no vidro da janela. Viu o avô parado diante do galpão de abate, aquecendo as mãos num braseiro.
- Por que você fugiu? - perguntou Neve.
- Tenho de dizer o tempo todo que não fugi. Eu queria vir pra cá. É daqui que vem minha família, sabe? Os dois, pai e mãe. Mas eu não conheci meu pai.

Neve assentiu com a cabeça. ali, parada naquela ilha secreta, pensou nela e em Mike como dois garotos que haviam passados por duros sofrimentos. Ele nunca conhecera o pai; a mãe o criara sozinha. Os pais dela tinham tido um divórcio terrível; a mãe se casara com um imbecil. E também a morte de Fred. A doença de Sarah. Cambaleando só de pensar nisso tudo, Neve deixou-se cair no colchão.

- Como os jovens normais se viram? Não ficam entediados? - perguntou.
- Que quer dizer?
- Eu e você poderíamos manter dois psiquiatras trabalhando horas extras pelos próximos dez anos.

Mike riu.

- Já mandaram você para algum psicanalista?
- Claro. Logo depois que Fred se afogou, depois novamente durante o divórcio. E Sarah mandou você?
- Ela tentou, mas eu quase nunca ia.
- Você me perguntou se me *mandaram* - corrigiu-o Neve. - Eu não disse que *fui*. Bem, na verdade fui durante algum tempo, mas tinha a falsa gripe. Fingia estar doente. - Deu-lhe uma amostra de ataque de tosse falso. - O seu era psiquiatra?

- Era. O Dr. Darrow, e ele ficava o tempo todo sentado ali com...

- O Dr. Darrow? - interrompeu Neve. - O Dr. Darrow? Um cara alto? Com o alfinete preso embaixo da gravata? Nunca diz uma palavra?

- Com todos aqueles diplomas pendurados logo atrás da mesa dele para a gente não deixar de ver que esteve em Princeton e Cornell? - completou Mike.

- Isso! E os retratos dele e da mulher de férias nas Bahamas com aqueles filhos gêmeos perfeitos.

- É. Todo mundo rindo na foto, para a gente não deixar de ver como os Darrow parecem felizes se comparados à nossa família. - Mike ria sem parar. - Não dá pra acreditar que você também foi ao Dr. Darrow.

- Por que Sarah mandou você pela primeira vez?

- Tive um problema na escola.

- Com notas? - perguntou Neve.

- Não. Frequência. Já quer descer? - perguntou Mike.

- De jeito nenhum - disse Neve, recostando-se de lado na parede - Estou ouvindo você.

Os dois se refestelaram, dando risadas, até ficarem com dor nos flancos. Batendo os ombros um no outro, perdiam-se na hilaridade de terem sido pacientes do mesmo psiquiatra mudo em Fort Cromwell.

George esperava Sarah na cozinha do porão para abrir o caixote de lagostas. Tão linda, uma beldade igual à mãe. A pele da filha pareceu-lhe tão acetinada e macia. Ela nascera naquela mesma casa, logo acima, no segundo andar. O próprio George fervera a água no fogão que permanecia ali atrás dele, na cozinha. Segurara-a com uma só mão; Sarah era quase do mesmo tamanho de um ganso pequeno. Os dois se entreolharam, e nada mais.

Ele enrubesceu, colhido no devaneio sobre o passado. Como haviam sido felizes, os três. George, Rose e Sarah. Aquela era a ilha deles.

- Você tem lembranças felizes? - o pai esforçou-se para perguntar.

- Oh, papai - disse Sarah, sorrindo. - As melhores.

- É mesmo?

Ela fez que sim com a cabeça. Pondo os braços em volta dele, apoiou a cabeça em seu ombro. Fizera aquilo tantas vezes quando menina. No jipe, passeando pela ilha, no barco quando saíam para pescar. Ele sentiu um enorme nó na garganta e não conseguia engoli-lo.

O sol começava a se pôr. Era sábado, o último dia inteiro deles na ilha Elk. Sarah, parada diante da janela da cozinha, contemplava as sombras violáceas que se alongavam pelo campo coberto de neve, até a baía, lá embaixo. Viu o pai coxeando pelo pátio com Gelsey, agitando os braços e enxotando os gansos para que entrassem no celeiro. Gelsey latia, coxeando igual ao dono. Os gansos gingavam à frente, grasnando estridentes.

Lentamente, Sarah subiu os degraus da cozinha. A casa caíra em silêncio. Tia Bess tirava seu cochilo da tarde, e os garotos conversavam, animados, no sótão. Ela ouvia música tocando, os ruídos de Mike e Neve às gargalhadas. Sentindo-se meio clandestina, bateu à porta de Will.

- Entre - ele gritou.

Ela entrou de mansinho, deixando a porta fechar-se atrás de si sem fazer barulho. O quarto estava escuro, a única luz vinha das janelas que davam para o mar. Viu Will deitado na cama. Talvez tivesse lido e caído no sono; tinha um livro aberto ao seu lado na cama.

- Tudo bem? - ele perguntou.

Assentindo com a cabeça, Sarah parou diante da cama.

Will sentou-se e estendeu a mão. Sarah deitou-se ao lado dele, que a envolveu nos braços.

- Sabe o que é impressionante? - ele perguntou, acariciando as costas dela.

- O quê?

- Eu estava torcendo para que você viesse até aqui.

- Estava? Me senti meio engraçada entrando de fininho no seu quarto.

- Eu sei - ele disse, apertando-a. - A gente está agindo de maneira mais infatil do que as próprias crianças. - Beijou-lhe a testa, a face. - Quanto tempo a gente tem até o jantar?

- Horas. Pelo menos duas.

Ele tirou o suéter pela cabeça, e ela desabotoou a camisa de camurça dele. Os dois se atrapalharam tirando as roupas um do outro, e logo se enfiaram embaixo das cobertas. A cama estava quente, aquecida pelo corpo dele. Ela sentiu os dedos dele percorrerem suas costas. Beijaram-se.

Will foi deslizando as mãos pelos ombros de Sarah, até encontrar a cicatriz. Ela gelou no momento em que ele a tocou. Ele arregalou os olhos, fazendo-a sentir-se envergonhada.

- Finja que não existe isso aí - pediu.

- Mas é parte de você, e é linda.

Ela balançou a cabeça. Ninguém que não fosse médico ou enfermeiro vira antes suas cicatrizes. Durante aqueles longos tratamentos de radiação ela contraíra uma infecção no couro cabeludo que se espalhara até o crânio, transformando-se numa osteomielite. O Dr. Goodacre tivera de fragmentar o osso e remover parte de seu cérebro. Tivera de fazer uma grande colisão para chegar ao cérebro e criar uma fonte de suprimento de sangue que era tirado das costas. Embora Sarah tivesse se submetido a uma cirurgia plástica, as cicatrizes das costas continuavam ali.

- Mostre-me. Você pode, Sarah.

Ela passou por cima dele, ficando do outro lado da cama. Acendeu o abajur da mesinha da cabeceira. Segurando-a com um dos braços, Will recostou-se para olhar. Ela o ouviu respirar fundo.

- Oh, Sarah! - exclamou.

Era horrível. Curvando o rosto, ele beijou-lhe as costas, os ombros, a curva do pescoço dela. Sarah sentiu as lágrimas escorrendo pelo rosto úmido de Will, ao virar-se para beijá-lo.

- É medonho, não é? - perguntou.

- Isso salvou sua vida, não salvou? Então é lindo. Exatamente como eu disse. - Ele acariciava seu corpo, desejando que ela sentisse como a amava. Sarah percebia isso nas mãos dele. Tocavam-na como se ela fosse preciosa, como se agora fosse responsabilidade de Will nunca mais permitir que a ferissem de novo.

Aos poucos ela começou a esfregar-se. Fora tão traída por Zeke que desde então jamais confiara de verdade em alguém.

Tocando o ouvido dela com os lábios, Will sussurrou:

- Fica comigo, Sarah.

Era tudo que ela precisava ouvir. Will e ela juntos, no mesmo barco, amando-se um ao outro com o coração, a alma e o corpo; era tudo a mesma coisa, percebia agora Sarah, a grande ligação de dois espíritos apaixonados, descobrindo-se um ao outro após uma eternidade de busca. Mal notou as palavras saindo de sua boca e da de Will:

- Eu te amo.

- Eu te amo.

Na ilha Elk, só havia uma maneira de preparar lagostas: cozidas no vapor com algas. Era hora de preamar, assim Mike e Neve se ofereceram para ir até a baía pegar algas e mexilhões. Todo mundo provocou Mike, dizendo-lhe que não esquecesse de pôr um colete salva-vidas. Sarah sentia-se contente e surpresa, por vê-lo aguentar a brincadeira com espírito esportivo.

- É uma nova modalidade de esporte - ele disse. - Vou para as próximas olimpíadas.

- Caminhada no lago! - disse Neve. - Mike Talbot arremata a medalha de ouro pela caminhada no lago - continuou, usando um saleiro como microfone.

- Talez - disse Mike -; a de ouro tem de ser dada ao sei pai.

Espantada, Sarah nada disse.

- Muito simpático de sua parte o comentário - disse George. - Mas a maré continua subindo, e se vocês andarem depressa, não vão pegar as algas.

- Venha com a gente, George - disse Neve, puxando-o pela mão... Mostre o melhor lugar para catar mexilhões. Vamos dar um passeio.

Com grossas botas de borracha, Mike entrou patinando na poça da maré e encheu uma cesta de mexilhões. Ali estavam eles, quase no ponto mais norte que se pode chegar na costa do Atlântico, e o mar ainda conservava calor. Os velhos pescadores de lagosta lhe haviam dito que a Corrente do Golfo desembocavam ali.

Mike não se interessava pela pesca de lagostas, mas às vezes pensava em tornar-se oceanógrafo. Amava tanto o mar. Queria estudar as marés, as correntes, as lagostas e as baleias. Tinha muitos sonhos. O avô fora assinante da *National Geographic*, e ele passava horas lendo exemplares antigos. Também era enorme a atração que sentia por antropologia cultural. Mas talvez acabasse apenas assumindo o controle da fazenda.

- Ei! - o avô gritou para Neve. - Chegue até aqui.

Ela atravessou chapinhando a poça rasa.

- Mexilhões! - exclamou, quase ficando sem ar.

- A maior colônia da ilha. Não conte a ninguém.

Mike sorriu. O avô era impressionante. Governava sua ilha como um rei. Sabia onde estava tudo. Os mexilhões eram de um azul muito escuro, da cor do céu ao anoitecer. Cada um deles pegou alguns, jogando-os numa cesta separada das algas. Mike sentia que aquela vida de catar mexilhões à beira do Atlântico também podia ser dele.

- Olhem, olhem! - berrou o avô.

Pararam o que estavam fazendo e ergueram os olhos para o céu, que dançava em faixas e arcos brilhantes coloridos. Ali, ao norte, logo acima da casa, surgira a aurora boreal.

- Que é aquilo? - perguntou Neve, com o tom de voz irreverente.

- Nunca viu antes? - perguntou George.

Balançando a cabeça, ela não respondeu. Mike aproximou-se. O ar tremeluzia, lançando clarões dourados e verdes. "Se eu fosse oceanógrafo", pensou Mike, "podia estudar o fenômeno." Qualquer atividade voltada para o mar, mesmo atmosférica, seria fácil.

- Que é aquilo? - perguntou mais uma vez Neve.

- As luzes do norte - explicou Mike. - A aurora boreal.

- Impossível! - disse Neve. - A aurora boreal! - Esforçou-se para enxergar as horas no relógio de pulso. Estava escuro demais para enxergar, mas continuou tentando.

Mike avançou. A mãe lhe dera um Timex legítimo quando ele fizera quinze anos. Só precisava apertar um botão, e as horas apareciam inundadas de luz azul.

- Às 18:00 horas! - disse Neve. - Hoje foi a primeira vez que vi as luzes do norte às 18:00 horas, dia trinta de dezembro. - Continuava segurando o pulso de Mike, mesmo depois de ter visto as horas.

- Vamos chamar sua mãe - disse o avô, já se dirigindo de volta para casa. Mike retardou-se atrás. Neve ficou com ele, vendo o avô afastar-se.

- Neve - chamou Mike.

- Sim? - ela perguntou, sem ar.

- Nada - disse Mike, curvando-se para beijá-la. Não era a primeira vez que beijava uma garota, mas era a primeira vez que beijava Neve. Nada de aurora boreal: ele estava vendo estrelas.

Momentos depois, toda a família saía para ver as luzes do norte diante da casa, mas graças a Deus ninguém tinha como ler a mente de Neve. Ela pensava: "Meu primeiro beijo, primeiro beijo, Mike Talbot." Parada entre o pai e Sarah, apenas alguns passos à frente de Mike, não conseguia tirar aquele sorriso do rosto.

- Oh, minha nossa - não parava de dizer Tia Bess, cerrando as mãos velhas.

- Não é que a gente não veja isso muitas vezes - disse George.

- Toda vez parece que é a primeira - complementou Bess.

- Você não é nenhuma mocinha, Bess - retrucou o irmão, carrancudo. - A gente não vê muitas vezes, Mike?

- Todas as vezes é sempre assombroso, vovô.

Neve sorriu, percebendo a diplomacia de Mike. Era tão maduro. Avançando devagar para junto dele, tocou-lhe os dedos.

Mike entrelaçou os dedos nos dela.

- A gente vai continuar vendo a aurora boreal até abril aqui no norte, não é, Mike? - perguntou George, olhando fixamente para as mãos dele e de Neve, como se tivesse olhos de raio X e quisesse pulverizar a ligação.

- Não sei, vovô. No ano passado a gente viu até maio. - Mike não fazia nenhuma promessa de ficar na ilha.

- E vai ver de novo! - exclamou George. - A primavera vai chegar, e a gente aqui vai continuar olhando para o céu, enquanto aquela pobre gente lá no estado de Nova York vai estar contemplando só poluição. Certo, Mike?

- Aurora é um bom nome - disse Neve, em parte para livrar Mike da armadilha. Ainda não decidira como ia chamar-se em seguida. Gostava de Aurora, mas o nome não tinha nenhuma ligação com Fred.

- Certo, Mike? - perguntou mais uma vez George, com a voz tensa.

Tia Bess bateu palmas.

- Muito bem, pessoal! - disse. - Temos lagostas para cozinhar. Vamos voltar para dentro.

Primeiro prepararam os moluscos e os mexilhões, empilhados numa panela a vapor e servidos na mesa com potes de manteiga derretida. As lagostas vieram em seguida, acompanhadas de batatas assadas para todos.

- Lagostas do Maine, batatas do Maine. Já estiveram em Aroostook? - perguntou George.

- Eu, não - respondeu Neve.

- Tem muitas fazendas de plantação de batatas lá em Aroostook - disse George, curvando-se para dirigir-se apenas ao neto. - Vou levar você lá quando a primavera chegar. A gente arrebanha os gatos extras e os solta por lá.

- Quais são os gatos extras? - perguntou Neve, com delicadeza, olhando em volta da cozinha.

Gatos de todos os tamanhos e cores formigavam, escondidos à espreita nas sombras em volta, sentindo o cheiro das lagostas.

- Esses gatos são todos descendentes de Desdêmoda, a gata que minha mãe tinha quando era moça - disse, desfiando um pedaço de carne de lagosta e o dando ao gato preto e magricela.

- Eu vi - disse George, ameaçador.

- Só um pedacinho... - disse Sarah.

- Alimentar animais sempre foi nossa especialidade - grunhiu o pai.

- Quais são os gatos extras? - perguntou mais uma vez Neve, parecendo contrariada.

- São todos extras - disse George. - Se caíssem um por um no poço, para mim seria simplesmente ótimo.

Sarah pressentiu o mau humor do pai se aproximando depressa demais. Era o último jantar deles juntos, e ele já começava a demonstrar ressentimento. O velho deu uma mordida na garra da lagosta, fazendo careta.

- Argh! - exclamou. - Puro lixo. Hillyer sabe que as lagostas fêmeas são mais macias. Aqui, gatinha - chamou, pondo o prato no chão.

- George! - exclamou Bess, consternada.

- Achei que nessa casa a gente não devia dar comida aos gatos, vovô - disse Mike, em tom brincalhão.

- Que é que você tem a ver com isso? - perguntou o avô, empurrando irritado a cadeira para trás. - Não venha me dizer quais são as regras daqui, a não ser que esteja planejando ficar nessa casa.

- Vovô... - começou Mike, enrubescendo.

- Pai - disse Sarah, a voz suave. - Que foi que deu em você?

- Que foi que deu nele? - perguntou George. - É o que você devia querer saber!

- Nada, vovô. - Por favor, vamos terminar o jantar.

- Por quê? Em consideração ao fato de ser seu último jantar aqui?

Mike não respondeu. Sarah sentiu o coração martelar-lhe o peito. O filho decidira. Dava para ela ver pela maneira como olhava para o avô com tanto amor e remorso.

- Vovô...

- Aqui, o amor mete a gente em enrascadas - disse George, lançando um olhar furioso em direção a Mike e desviando-o para Neve. - Dirigiu-se depois a Sarah. - Não é verdade, Sarah? Diga a eles.

- Papai, chega. Mike tem de terminar os estudos. Quer isso para ele, não quer? Sabe como é importante.

- É isso que você quer, Mike? - perguntou George, os olhos endurecidos. - Quer mais escola?

Mike deu de ombros.

- Talvez.

- É mesmo, meu bem? - perguntou Sarah ao filho, o coração se inundando de surpresa.

- É. Tenho pensado que talvez eu deva voltar a estudar.

Sarah não conseguia tirar os olhos do filho.

- Isso é maravilhoso - exultou Tia Bess. - Terminar o segundo grau é muito bom, e ter uma educação universitária é inestimável.

- Achei que se sentia feliz na fazenda - disse George.

- Eu me sinto, vovô. Tudo o que eu mais queria era vir para o Maine, conhecer o lugar onde viveram meus pais. Estava cheio da escola e cheio da...

- De quê? - perguntou George.

- Da vida - disse Mike, parecendo desculpar-se com Sarah.

- Quem não ficaria, sem nenhum mar por perto? - perguntou o avô.

- Quando cheguei aqui, fiquei interessado - disse Mike. - É tudo que sei. A gente era apenas esta ilha no meio do nada, isso é tão incrível! A pessoa tem que ser quase um cientista para pescar lagostas aqui. E as luzes do norte... Todo

mundo acha que acontecem quando a temperatura está muito fria. Mas em maio do ano passado, quando elas surgiram, faziam 18 graus...

- Elas ocorrem em altas latitudes geográficas - explicou George, carrancudo. - A aurora boreal não tem nada a ver com a temperatura.

- É exatamente esse tipo de coisa que quero dizer, vovô. Você me ensina tudo isso, e eu quero aprender mais.

Sarah piscou os olhos, incapaz de mover-se.

- Como suas *National Geographics*, vovô... São tão interessantes.

- Fico contente que sejam de alguma utilidade para você. Vá para o sótão e leia o quanto quiser.

- Eu vou voltar, vovô. Este é o meu plano. Quero ir para a faculdade e depois voltar para cá e cuidar da fazenda.

- Quando a gente já estiver morto?

- Você parece muito bem de saúde, George - disse Will.

Lágrimas corriam pela face de Sarah. Sentia-se acabrunhada. Mike ia voltar para casa. Era tudo que queria, mas não suportava ver como o pai ficara ferido. Curvou-se para ele e disse.

- Obrigada, papai.

- Por quê?

- Por ajudar Mike da maneira como ajudou.

Capítulo 06

Chegara o dia. Era hora de partir da ilha. Foi o primeiro pensamento de Sarah. O segundo foi perceber que estava com febre. O sono não lhe aliviara a dor nas costas. Lutara contra isso a semana inteira. Tomara vitaminas e sucos, respirara ar puro e se apaixonara. Um canto escuro de sua mente alimentava temores de câncer, mas tudo lhe parecia ser mais uma gripe. A iminência da partida diminuía sua resistência. Apavorava-a a tristeza de deixar mais uma vez o pai e Tia Bess.

Pelo menos Mike ia voltar com ela. Levantando-se da cama quente, encontrou os chinelos no chão gelado. Tinha um frasco de tylenol. Decidiu tomar mais um comprimido, apenas para diminuir as pontadas de dor nas costas. Iam levantar voo dali a apenas duas horas.

George estava na cozinha esperando a água do café ferver. O fogo na lareira apagara-se durante a noite, deixando o lugar frio como um túmulo. Se fosse segunda-feira, já teria começado seus afazeres, abatendo gansos para os restaurantes de toda Nova Inglaterra. E já teria esquecido todo aquele rolo de Sarah e Mike.

Borbulhando com violência, o café começou a espirrar por todo o fogão. George tirou-o pouco antes de derramar. Um momento depois, sem sequer se dar ao trabalho de vestir o casaco, abriu a porta da cozinha e saiu para inspecionar os gansos. Andava muito aborrecido pelo terreno congelado. Só pensar num longo inverno sem Mike para ajudá-lo já o fazia andar mais devagar. Chegando à porta do celeiro, segurou a maçaneta. O trinco estava congelado.

- Que inferno! - ele praguejou, puxando-o com força.

Fincou os pés nas ripas de madeira, tentando puxá-lo com mais força, inclinando-se para trás. Lançou-se com todo o peso do corpo num último puxão e caiu estalando as costas.

- Você está bem, vovô? - perguntou Mike, olhando-o de cima.

- Estou ótimo.

Mike estendeu-lhe a mão. Segurando-a firme, George levantou-se com um impulso do corpo. Mike desviou o olhar, fitando o sol nascente e fingindo que nada tinha acontecido. George ficou furioso consigo mesmo, sentindo-se sem graça e velho. Enquanto o avô batia as mãos na roupa, retirando o gelo, Mike abriu a porta do celeiro.

- O que está fazendo aqui? - perguntou George.

- Vim dar comida aos gansos, vovô - disse Mike, entrando no celeiro sem acrescentar mais uma palavra.

Um por um, todos se serviram no desjejum. Havia uma grande caçarola com mingau de aveia num bico de gás por trás do fogão, uma jarra de suco de laranja sobre a bancada da pia e o maltratado bule velho de café. Will tomou o seu sozinho, numa das cabeceiras da mesa da cozinha, contemplando, através da neve, o mar defronte. Dali a mais ou menos uma hora levantariam vôo. Ele já partira do Atlântico antes, mas desta vez era diferente.

Contemplando o mar, sentia a presença do filho ali, junto a si. Com a vinda para o Maine, apaixonara-se por Sarah Talbot. Passara um bom tempo como Neve, quatro dias inteiros, pela primeira vez desde o divórcio. Mas, em certos aspectos, aquela viagem tivera tanto a ver com Fred quanto com qualquer outra pessoa. Will encontrara o caminho de volta ao filho.

Empurrando a cadeira para trás, levantou-se e lavou o pote de cereais e a caneca de café, deixando-os ao lado da pia de louça para secar. Todos se achavam ocupados, cada qual com sua atividade, preparando-se para partir ou ficar, e despedir-se. Ouvia passos no andar de cima. A voz suave de Neve, no fundo do corredor. Tia Bess arrumara uma pilha de acolchoados de pena e deixara-a perto da porta. Will vestiu o casaco de couro e levou-os para o jipe. O avião voaria mais cheio naquela viagem, com Mike e os edredons.

Sarah entrou no quarto onde Will dormira. Vira-o embaixo, carregando o jipe. Foi direto até a cômoda de mogno, e pegou o retrato de casamento da mãe.

- Mãe - disse em voz alta. Sabia que era loucura, mas havia alguma coisa no ar. Sentia que não estava sozinha.

Sentada à beira da cama, olhou em volta. Fora ali que a mãe se deitara. As coisas que via eram as mesmas que a mãe vira, o mesmo papel de parede, os quadros pendurados, as cortinas brancas.

Levantou-se e foi até a janela. Curvando-se sobre o estreito parapeito, viu o sol matinal derramando sua luz alaranjada sobre a neve. O feriado do Dia de Ação de Graças chegara ao fim. EM apenas algumas semanas viria o Natal, a festa preferida da mãe.

Em seu último Natal ela já estava doente demais para levantar-se da cama, quanto mais sair do quarto. Sarah falara com o pai para enfeitar uma árvore. Cheio de ressentimento e raiva, ele dissera que não ficaria bem, que Rose de qualquer modo não poderia descer até a sala para vê-la. Mas Sarah queria uma árvore em casa. Naquela noite de Natal, viera para o quarto da mãe. Após encostar uma cadeira no parapeito, apoiara a mãe para a caminhada dolorosamente difícil até a janela.

Lembrava-se da mãe arquejando. Ficara ali parada, comprimindo os dedos entre os lábios. A filha pusera velas na neve e nos galhos da árvore branca bem podada. O caminho resplandecia desde a porta dos fundos, e a própria árvore brilhava com cinquenta lâmpadas pequeninas piscando.

- Nosso Natal, mamãe - dizia agora diante da janela, a lembrar-se. Beijou o retrato da mãe e respirou fundo. Desceu então a escada ao encontro do filho para levá-lo para casa.

Tia Bes decidira ficar em casa, e assim todos se despediram dela no vestíbulo. Ela manteve a dignidade, abraçando Mike apenas por alguns segundos mais que os outros, e dizendo-lhe que não deixasse de escrever.

Taciturno, George entulhava a parte de trás do jipe com a bagagem. Gelsey precisou de uma ajudinha para entrar, e George deu-lhe um pequeno empurrão no traseiro. Subindo por trás do volante, ficou ali sentado, sem nada dizer, como um motorista relutante. Will entrou atrás, com Mike e Neve. Sarah foi na frente com Gelsey no colo.

O carro partiu para atravessar a ilha. Sarah via a paisagem passar e distanciar-se atrás, cheia de sentimentos ambivalentes. Seria querer muito desejar que o pai visse aquilo pelos olhos dela e se sentisse feliz?

- Pai - disse em voz baixa.

- Hum - grunhiu George.

- Ele vai voltar.

Nenhum comentário. George apertou o volante e pisou com mais força no pedal.

- Chegamos! - exclamou Neve, ao virarem na última curva, com o avião surgindo no campo visual.

George parou o jipe, e Will e Mike o descarregaram. A febre de Sarah parecia piorar um pouco. As costas doíam. Tylenol, sopa de galinha e cama, ela pensava, observando todo mundo a movimentar-se em volta do aeroplano.

Mike arrumara os volumes com todo o cuidado no bagageiro do avião. Queria fazer tudo certo, para que ficassem bem acondicionados. Ouvira falar em malas se desprendendo quando aviões pequenos encontram turbulência. Mas nos aviões pequenos é que a gente tem mesmo a sensação de estar voando, como um pássaro pairando dentro das nuvens. Ao pensar em pássaros, Mike ergueu os olhos e viu a águia.

- Mãe - chamou-a sorrindo.

Ela continuava no jipe. Retribuiu o sorriso e acenou-lhe com a mão. Ele apontou o céu.

Sarah olhou para cima. Seu semblante exprimia um sentimento eloqüente, como se dissesse: *Que fiz eu para merecer coisa tão maravilhosa como essa?* Era aquele olhar que só ela tinha. Mike sentiu um nó na garganta. Preocupava-o saber o quanto a mãe estivera doente. Sentiu o sorriso desaparecer do rosto. Ela parecia tão feliz. Só queria cuidar para que o filho não se tornasse um perdedor. Mike entendia isso.

- Ei, onde está a sua? - perguntou Will, contando as malas. - Tem o mesmo número de quando viemos pra cá.

- Eu sei - disse Mike.

A mãe saltou do carro, andando devagar. Neve aproximou-se saltitando e passou o braço em volta do ombro dela, levando-a até o avião quase como se dançasse.

- É melhor ir logo - disse o avô.

O dia parecia perfeito. O céu azul, muito claro, o sol resplandecente. Mike sabia que seria um belo vôo de volta a Fort Cromwell. Fitando fixamente o avô, percebeu que ele não podia dar conta daquilo tudo sozinho. Naquela manhã, quando o vira caído no gelo, compreendera como era difícil.

- O que está acontecendo? - perguntou Will, baixando o tom da voz.

- Eu não vou mais - disse Mike.

- Olhe - disse Will, ríspido -, não faça isso com sua mãe. Ela acha que você vai para casa com a gente.

- Não posso.

Para ele, o problema era apenas esse. Não poderia viver consigo mesmo se entrasse no avião e deixasse o avô e Tia Bess sozinhos. Morreriam naquele inverno sem ele.

Will lançou-lhe um olhar como se quisesse matá-lo, os olhos faiscando e os músculos do queixo retorcidos.

- Então diga a ela - ordenou Will. - Não a deixe esperando. Diga a ela agora mesmo.

Mike assentiu com a cabeça. Ao virar-se, a primeira pessoa que viu foi Neve. Lembrou-se do beijo da noite anterior. Enrubescou, e Neve percebeu, abrindo-lhe um enorme sorriso.

Will ficou entre Mike e a mãe. Passou o braço em volta dela. Vendo a expressão sombria e vigilante de Will, Mike sentiu-se aliviado por ela não estar sozinha.

- Não vou mais - disse Mike.

A mãe não respondeu. Curvou um pouco a cabeça, como se não o houvesse escutado direito. Mas Neve entendeu de imediato. O sorriso desapareceu de seu rosto.

- Mas você tem de ir - ela disse.

- Mike? - perguntou a mãe.

- Sinto muito, mãe. - ele avançou um passo, querendo fazê-la sentir-se melhor. Queria abraçá-la ou pegar nas mãos dela, mas tudo o que pôde fazer foi ficar onde estava, parado.

- E quanto à escola, meu bem? - perguntou Sarah, com a voz trêmula. - Você disse que queria terminar os estudos. E seu futuro, querido?

- Eu vou terminar, mãe.

- Quando?

- Em breve.

- É a sua vida que você está jogando fora. Será que não vê isso, Mike? A vida é tão curta... Você acha que tem tempo, mas passará um ano e você jamais voltará.

- Calma, Sarah - disse Will, puxando-a mais para junto de si. - Ele vai ficar bem.

- Não vai nada - ela disse, afastando-o.

Aproximou-se de Mike e pegou as mãos dele. O filho não agüentava mais ver as lágrimas correrem no rosto da mãe.

- Você devia ouvir o que sua mãe diz - disse o avô, num tom de voz indiferente. - Termine seus estudos.

- Venha com a gente - implorou Neve. - Vai ser divertido.

- Não posso. Vou ficar na ilha.

A mãe não estava se mostrando forte de modo algum. Soltara as mãos das do filho, levava-as em concha ao rosto, curvara a cabeça e caíra em prantos, até molhar as mãos de lágrimas. Will mais uma vez a segurava. Neve não se mexia, cabisbaixa, fitando os pés. Mike foi até o bagageiro do avião e pegou uma pequena bolsa de pano que enfiou na mochila de Neve.

- Tome - ele disse a Neve.

- Que é isso? - ela perguntou, aborrecida.

- Um dos gatos extras.

Não conseguindo conter-se, Neve meteu a mão na mochila e tirou da bolsa de pano um filhote de gato preto. Foi o menor que Mike encontrara, com o pescoço branco e olhos azuis-claros.

- Uau! - exclamou Neve, beijando o nariz do gatinho. - Como é o nome dela?

- Não sei. Você que é boa para nomes. E não é ela, é um menino.

- Dr. Darrow - ela disse, o sorriso voltando a iluminar-lhe todo o rosto.

- É... grande nome! - aprovou Mike, retribuindo-lhe o sorriso. Quando olhou para a mãe o sorriso desapareceu de seus lábios. Achou-a muito pálida, os olhos tristes.

- Sarah, tudo bem com você? - perguntava Will.

- Minhas costas doem um pouco.

- Mãe... eu vou terminar a escola. Prometo. Nem que seja só um diploma de supletivo. Vou escrever para o ginásio. Tenho tempo de sobra.

Os olhos dela voltaram a ficar rasos d'água. Fitava o rosto de Mike como se quisesse memorizar cada detalhe dele.

- Quero que você fique bem, que dê tudo certo na sua vida, meu bem.

Mike fez que sim com a cabeça.

- Tchau, mãe - ele disse, beijando-a na face.

Ela puxou-a para junto de si. Deu-lhe um abraço tão apertado que Mike quase não conseguiu acreditar que ela tivesse toda aquela força, e disse alguma coisa que ele não ouviu direito.

- Como?

- Quero lhe dizer uma coisa - disse Sarah, devagar. - Jamais amei alguém tanto quanto amo você.

- Mãe...

- Ninguém, Mike. Foi assim desde o primeiro minuto que o vi. Você mudou meu mundo.

- Sei. - Mike tinha a voz embargada, porque também tinha uma coisa pra fazer, mas não sabia o que era.

- Sei que você me ama - ela disse. - Não pense que não sei.

Viajavam todos calados. Sentada na parte de trás do avião, Neve brincava com Dr. Darrow, desejando que Mike estivesse ao seu lado. Via coisas pela janela e imaginava como seria maravilhoso se os dois as contemplassem juntos.

Sarah, toda contraída, não se mexia.

Dr. Darrow animara Neve. Era tão lindo o gatinho, do tamanho de uma caneca de café com pernas. Ela o ergueu e encostou-o no pescoço, apoiando o corpo do bichinho em seu ombro. Era gostoso e quente ali. Fechou os olhos e sentiu Dr. Darro ronronar. Quando tornou a abri-los, acabavam de deixar de trás o litoral. Neve teve de virar-se para ver o Atlântico distanciando-se até transformar-se numa fina linha dourada.

Quando estraram no interior do estado, ela sentiu a respiração começando a ficar ruidosa e vasculhou o bolso à procura do inalador. O peito a apertava.

Pararam para reabastecer em Lebanon, no estado de New Hampshire. Todos entraram no hangar para usar os banheiros e tomar café, ou chocolate quente. Sarah tinha a sensação de que mergulhara na neblina. A cabeça parecia oca, estupidificada, de tantas lágrimas que verteza. Todas as vezes que pensava em Mike, seus olhos marejavam. Will trouxe café. Ela sorriu quando seus dedos se tocaram. Odiava a maneira como se comportara. Desde que saíra da ilha Elk, não conseguira dar uma palavra.

- Desculpe - disse ela.

- Por quê? - perguntou Will.

- Por estar assim tão... desconsolada - ela balançava a cabeça, pesarosa.

- Não a censuro por isso. Ele não é meu filho e eu me sinto da mesma maneira. Tive vontade de amarrá-lo ao assento de trás e levá-lo até em casa, gostasse ou não.

Sarah não pôde tomar o café. Não querendo ferir os sentimentos de Will, pegou a xícara. Estava lívida, e sabia que tinha gotas de suor na testa. A dor nas costas piorava cada vez mais.

- Que foi? - perguntou Will.

Tirou a xícara de papel da mão dela e a pôs no parapeito da janela. O ar estava frio de enregelar, mesmo dentro do hangar. Sarah tiritava, descontrolada.

- Nda - disse, esforçando-se para sorrir.
Ele a abraçou.
- Vamos. Quanto mais cedo eu decolar, mais rápido chegaremos a sua casa. Aliás, vou entrar com você.
- Não precisa. Você já passou os últimos quatro dias comigo. Não está farto de mim?
- Nem um pouquinho - disse Will, ainda a abraçá-la.

Decolando pouco antes do meio-dia, pegaram ventos de proa.
- Segurem-se - disse Will. - Vamos voar aos solavancos.
- Ai! - gemeu Sarah.
- Que foi? - Will assustou-se. Quando virou a cabeça para olhá-la, viu que o rosto estava branco como papel. Contraída, agarrava-se ao assento. - Sarah! - ele chamou, alarmado.
- Minhas costas doem - ela disse, baixinho. - É só isso.
- Você fez algum esforço? Carregou malas ou qualquer coisa assim?
- Não sei. Acho que não.

A dor era imensa. Os quadris dela estavam dormentes, e as pernas formigavam. Pensou no Dr. Goodacre. Na última visita que lhe fizera antes de viajar sentira-se tão tranquilizada. Que dizsiera ele sobre dormência?

Novas lágrimas inundaram-lhe os olhos. Chorara toda a manhã por causa de Mike, mas agora chorava por outro motivo. Lutara com tanto esforço, enchera-se de esperança. O passeio de avião no aniversário fora um sonho - sobrevoar aquelas montanhas com Will, tão agradecida por estar viva, por sentir-se mais uma vez saudável. Imaginara que seria assim sempre.

Will olhou para baixo e viu Fort Cromwell. Chamou a torre do campo Brielmann pelo rádio.

- Aqui é Tango, 2132. Chegando às 15:00h. Precisamos de autorização para pouso.

- Já o localizamos, Tango, 2132. Usando pista de pouso número um hoje.

Ao acionar o trem de pouso, Will reparou que só uma das luzes verdes de que precisava se acendeu no painel. A luz do trem de aterrissagem principal se acendera, indicando que já descera e estava em posição de pouso, mas não conseguia a confirmação luminosa do trem do bico do avião.

Não disse nada. Agora via o aeroporto; já se divisava a negra pista reluzindo ao sol. Percorrendo o painel de controles com a mão, encontrou um fio e sacudiu-o. Nenhuma luz. Respirando fundo, olhou para Sarah.

- Sarah, já estamos quase em casa.

- Depressa - ela disse. Sentia dores terríveis.

"Tudo bem, fique calmo", ele disse a si mesmo. O mecanismo hidráulico do bico do avião não queria funcionar. Mas ainda tinha um tanque de dióxido de carbono para fazer o trem de pouso descer manualmente. Pegou a alavanca. Como sabia que esse método funcionava melhor com a aeronave em progressão lenta, reduziu a aceleração até diminuir ao máximo a velocidade de descida.

- Pai, acho melhor aterrizar logo - disse Neve, parecendo apavorada. - Sarah está muito mal.

- Eu sei - retrucou Will, com a voz rouca.

Embora Sarah estivesse calada, a expressão em seu rosto era excruciante. Will tentava concentrar-se. Diminuíra a velocidade o máximo que podia, mas puxara a alavanca cedo demais. O tanque disparou. Nada aconteceu.

- Droga - exclamou.

- Qual o problema, papai? - perguntou Neve. - Que está acontecendo.

Ele a ignorou. As palmas de suas mãos suavam.

- Campo Briellmann, aqui é Tando 2132. Estou tendo problemas com o trem de pouso do bico. Não consigo luz verde.

- Voe perto da torre, Will. Vamos dar uma olhada.

Inclinando-se para fazer uma curva à direita, Will rumou de volta ao aeroporto. Avistou seu próprio andar, Aviação Burke. Viu um carro parado no estacionamento. E lá estava a torre controlada pelos amigos Ralph e Dave. Viu Dave na janela e examinar o avião que sobrevoava perto.

- O trem de pouso principal já baixou, Will - transmitiu Dave pelo rádio. - O do bico está pendendo frouxo; não parece completamente aberto.

- Que quer dizer isso? - perguntou Neve.

Will não respondeu.

O indicador de combustível registrava menos de um quarto de tanque, e o ponteiro descia rápido. Ele precisava gastar combustível, mas não todo. Sem o trem de pouso do bico, a aterrissagem ia ser difícil, um baque violento. Haveria muitas fagulhas, e a possibilidade de um incêndio. Tudo o que queria era pousar por causa de Sarah, mas naquele momento para salvar-lhe a vida, tinha que continuar a voar.

Cada turbulência da aeronave transmitia descargas que desciam pela espinha de Sarah. Ela perdera toda a sensibilidade nas penas, mas a dor nas costas a deixara em estado de choque. Will fizera um grande loop ao norte, e agora estavam para entrar na pista.

- Preparem-se - disse o piloto.

- Ai, papai... - Neve chorava.

Apontando para a pista de pouso, Will olhava fixamente para frente. Sarah via luzes piscando em toda parte. Patrulhas de polícia, carros de bombeiros e ambulâncias. A neve sobria o solo e uma camada de espuma branca revestia a pista.

- Tudo bem - disse Will. - Abaixem a cabeça.

Neve soluçava.

- Papi, Dr. Darrow escorregou da minha mão!

- Deixe-o - disse Will, cortante.

Sarah teve a impressão de que Neve estendia o banco de trás à procura do gatinho. Will deu uma bofetada no assento para chamar a atenção da filha.

- Susan, deixe o gato para lá. Abaixem a cabeça! Ponha os braços sobre a cabeça, está me ouvindo?

- Estou apavorada! - gritou Neve, aos prantos.
- Vai passar daqui a um minuto - disse Will. - Vamos ficar bem.
- Papai... - ela disse, a voz entrecortada.
- Estão me ouvindo? Assim que pararmos, soltem os cintos de segurança.

E saiam depressa, corram o mais rápido possível, certo? As duas estão me ouvindo?

- Certo, papai - disse Neve. - Nós ouvimos.

Sarah deve ter falado, mas não sabia. Achava-se imersa em tamanha agonia que qualquer curvatura para frente lhe machucava a coluna e tornava as pontadas mais profundas e lancinantes.

- Sarah... Neve... Eu amo vocês - disse Will.
- Amo você, papai - respondeu Neve.

"Amo você", pensou Sarah. O avião bateu com estrondo no chão. Pousou com um bramido surdo, derrapou arranhando a superfície áspera, patinou à esquerda e à direita. Will segurou-o firme com os braços esticados, como se fossem de ferro. Sarah ouviu-o praguejar e rezar, ao som horrível de metal retorcendo-se. Os vidros se estilhaçaram. Chispas luminosas voaram para todos os lados.

Então, finalmente, o avião parou.

Will saltara antes de Sarah erguer a cabeça. Neve descera aos trambolhões para a pista, o gatinho no colo. Will empurrou-a, ordenando aos berros que corresse. Contornou a frente da aeronave até o lado de Sarah e, como um raio, abriu a porta. Ela viu a espuma borrifando no ar. Ouviu os bombeiros gritando para que todos saíssem logo dali.

- Vamos, Sarah - disse Will, soltando-lhe o cinto de segurança.
- Fora daqui, Will! - ordenou um dos bombeiros.

Ele continuou perto dela.

- Ande logo, Will! O avião vai explodir!

Ele ficou imóvel, como se tivesse todo o tempo do mundo. Estendeu a mão e agachou-se para pôr o rosto junto do de Sarah.

- Não posso mexer as pernas - ela disse, olhando fixo no fundo dos olhos azuis dele.

- Tudo bem.

Entrou no avião e, movendo-se com a maior delicadeza possível, puxou os braços de Sarah e os pôs em volta de seu pescoço. Ergueu-a, e ela apoiou o rosto em seu peito.

Os três assisiam ao noticiário noturno na televisão. Sentada na biblioteca, coberta por uma manta e com Dr. Darrow no colo, Neve assistia à coisa toda. O Canal 3 filmara-os desde o momento em que o avião começara a sobrevoar o aeroporto em círculos. Neve reparava na entonação de desastre na voz do repórter.

- Eles deviam pensar que a gente ia morrer - ela disse, fascinada.

- Não diga isso - queixou-se a mãe. - Foi terrível. Julian e eu aqui, esperando você chegar em casa, quando a torre ligou para nos dizer o que estava acontecendo. Não pude acreditar.

- Ligamos o Canal 3 na mesma hora - disse Julian.

- A gente pousou muito bem, apesar do baque - disse Neve, fazendo festas em Dr. Darrow.

- Graças a Deus - disse a mãe.

- Achamos que ia ser um grande *eu-bem-que-avissei* - disse Julian.

- Que quer dizer isso? - perguntou Neve, o olhar fulminante.

- Você sabe, foge de casa, e coisas ruins acontecem. Eu bem que avisei - ele disse, sorrindo.

Neve queria ignorá-lo. Desviou o olhar e fixou-o na TV. A mãe estava sendo legal - ainda não a pusera de castigo, nem dissera nada desprezível sobre o gatinho, mas Julian já queria criar uma briga. Sentiu um ataque de tosse chegando.

- Eu não fugi. Estava com meu pai.

- Olha lá o Will! - exclamou a mãe, parecendo estranhamente emocionada, como se acabasse de localizar seu astro de cinema.

Através do *zoom* na imagem, Neve pôde ver o pai nos controles, bonito e compenetrado. A câmera demorou-se no rosto dele. Não conseguia acreditar em como ele parecia estar calmo.

- Na verdade, não foi assim como a gente vê na televisão - disse Neve, maravilhada. - Foi apavorante, horrível. Mas olha só...

A câmera moveu-se e focalizou o rosto de Sarah, com o seblante contorcido. Neve não percebera que ela estava sentindo tanta dor.

- Ela não tem sangue-frio - riu sozinho Julian. - Está em pânico.

- Ela foi tão valente quanto papai - disparou Neve, indignada.

- É a namorada dele? - indagou Alice.

- Não sei - Neve respondeu, sem intenção de responder nada.

- Alguma coisa deve estar acontecendo. Ele não sai do lado dela - comentou a mãe de Neve.

Neve apenas assentiu com a cabeça. A mãe e Julian a haviam apanhado no hospital, porque Sarah pinçara um nervo ou qualquer coisa assim, e o pouso do avião piorara muito a dor.

- Tão senhor de si e controlado - disse a mãe, quando a câmera voltou para Will. - Ele sempre foi assim. Mesmo nas piores emergências.

Neve achou estranho ouvir a mãe falando daquele jeito do pai na frente de Julian.

- Que quer dizer, mãe?

- Olhe só para ele - disse Alice. - Devia achar que estava prestes a cair com a filha a bordo, e mantém a calma.

- Como no dia em que Freddie morreu - disse Neve.

- Ninguém morreu hoje - retrucou Julian.

A mãe balançou, ignorando-o.

- Como naquele dia - ela disse. - Achei que ele estivesse mais nevorso, arrasado, mas olhe...

- Minha pequena franguinha emotiva - troçou Julian, puxando Alice pela mão.

Ela venceu a tenta com um ar reprovador. Estendendo o braço para o sofá em frente, pegou a mão da filha e disse:

- Eu o subestimei. Subestimei mesmo.

- Papai não é frio.

- Ele passou por aquele treinamento na marinha. A gente não, você e eu, por isso perdemos o controle. Não foi, querida?

- É, perdemos. - Neve estava realmente espantada. Sempre quisera conversar sobre o Dia de Fred, mas a mãe nunca lhe dera espaço.

- Ele é um perigo - disse Julian, cheia de ressentimento. - Ainda tenho o nariz torto para provar isso. Como se sentiu lá no avião.

- Apavorada? - atalhou a mãe.

- Sim.

- Tenho toda a certeza de que seu pai também se sentiu apavorado - disse Alice. - Embora nunca demonstre.

- Algumas pessoas desmoronam depois de consumado o fato - disse Julian. - Quer dizer, quando não se seguram por causa da mulher e da filha.

- Ele se controlou - disse Neve. - Ele se segurou por mim e por você, não foi, mãe? - Sentia pontadas no peito, a garganta queimava.

A mãe curvou a cabeça. Quando tornou a erguê-la para a tela da TV, balançou-a. Os olhos pareciam tristes, mas também tinham uma ponta de raiva.

- Não, Susan, ele não se segurou.

Neve passou a respirar com intensidade, fazendo ruído. As patinhas de Dr. Darrow garatujavam seu suéter, prendendo-se nos fios.

- Meu Deus, Susan! - exclamou a mãe, pegando Dr. Darrow. - Você é alérgica a esse animal.

- Devolva meu gatinho - Neve rogou.

- É ridículo - vociferou Julian. - Deixá-la trazer um gato para casa. Naquela ilha não tinha nenhum adulto? Não viram que você sofre de uma doença respiratória grave?

- Me... dê... ele... de... volta - implorou Neve.

A mãe estendeu-lhe o inalador. Neve o bombeou, prendeu-o na boca e curvou-se, esticando a mão para pegar o gatinho. A TV mostrava mais uma vez o acidente. O avião batia no chão com força, lançando espuma para todos os lados. As faíscas enchiam a tela. Hipnotizada, a mãe passou o gatinho para Neve. Julian deu um suspiro.

- Ainda dói muito? - perguntou Will.

- Estou melhor - disse Sarah, deitada imóvel.

Será que ela estava falando a verdade? Fitando-a, ele tentava descobrir. Ela ainda não tinha andado. Embora vestisse uma camisola azul do hospital, ele a

achara linda. Will teve vontade de tomá-la nos braços e levá-la para casa naquele mesmo momento. Ficar no hospital o deixava nervoso.

- Já ligaram para ele? - perguntou Will.

As enfermeiras precisavam da autorização do Dr. Goodacre, o principal médico de Sarah, para deixá-la ir para casa. Haviam-lhe ministrado Demorol para combater a dor aguda nas costas. O radiologista diagnosticara que ela tinha um nervo pinçado. E a febre se devia ao inchaço. Nada sério.

- Sim, já chamaram o Dr. Goodacre.

- Quanto tempo ele leva pra chegar, normalmente? - perguntou Will. Sentado à beira da cama de Sarah, segurava-lhe as mãos.

- Às vezes - disse Sarah, pondo os braços à sua volta - muito tempo. Ele é bastante ocupado.

- Eu também - disse Will. - Quero levá-la para casa.

- Parece uma idéia muito boa - disse Sarah.

Will olhou no fundo dos olhos dela. Brilhavam quase que com demasiada intensidade.

A porta abriu-se. O Dr. Goodacre entrou, com um ar de excecivo. Com seu escuro e gravata amarela, mais parecia um baqueiro.

- Dr. Goodacre! - saudou-o Sarah, maravilhada em vê-lo.

- Sarah!

- Este é Will Burke. O herói! Tenho certeza que ouviu falar no acidente do avião. Bem, ele é aquele que...

O Dr. Goodacre ergueu as sobrancelhas. Não apertou a mão de Will.

- Vou sair - disse Will.

O Dr. Goodacre assentiu com a cabeça, mas Sarah estendeu a mão.

- Não, não vá - ela pediu, com um tom quase brincalhão. - Fique, por favor.

- Claro - disse Will, chegando-se mais perto do que antes.

- Sarah, eu vi suas chapas - disse o médico.

- Lamento arrastá-lo até aqui por causa de um nervo pinçado. Você vive tão ocupado para isso... Tudo que posso dizer é que fiquei angustiada com meu filho. Acho que fiquei tão tensa que...

O Dr. Goodacre permaneceu estática, com as mãos entrelaçadas, ouvindo as palavras alvoroçadas de Sarah. Will não tirava os olhos dele. Dava compaixão ver como ele detestava dizer o que tinha para falar.

Após pigarrear, ele anunciou finalmente:

- A varredura da tomografia computadorizada revelou o que vinhamos temendo. O tumor voltou.

O sorriso de Sarah não se alterou.

- Não - ela disse.

- Sinto muito, Sarah. Há um nervo pinçado, sim. O tumor está localizado na região inferior de sua coluna.

- Disseminou-se por metástase - disse Sarah, com os olhos cheios de pavos.

O Dr. Goodacre confirmou com a cabeça.

- Sinto muito, Sarah - disse mais uma vez.

Will levantou-se. Encarou o médico, olhos nos olhos.

- E o que fazemos? - perguntou.

O Dr. Goodacre desviou o olhar para Sarah.

- Já conversamos sobre isso.

- É como... o que conversamos? - indagou ela.

- É extensivo. As chapas mostram que se disseminou para o fígado e para o sistema linfático. Eu gostaria de fazer uma série de imagens de ressonância magnética, para checar se há ocorrência no cérebro.

- Mas o que vamos fazer? - insistiu Will.

- Cirurgia? - perguntou Sarah.

O médico balançou a cabeça e explicou:

- Não. O câncer é invasivo demais. Está se alastrando muito depressa, como um cipó em torno da espinha dorsal.

- Está dizendo que não? - perguntou Will. - Ela quer que a opere e você está dizendo não?

O Dr. Goodacre não respondeu.

Will não podia acreditar naquilo. Sentiu vontade de agarrar o médico e de imprensá-lo com violência contra a parede. Aquele homem queria acabar de vez com a existência de Sarah, após dar-lhe uma notícia daquelas? Seu coração martelava.

"Acalme-se", aconselhou a si mesmo.

Sarah tinha os olhos úmidos.

- Quanto tempo? - Will ouviu-a perguntar. A pergunta deixou-o sem ar.

- Duas semanas - disse o Dr. Goodacre.

A noite foi longa; parecia jamais chegar ao fim. As enfermeiras entravam e saíam, surpresa por encontrar Sarah acordada enquanto cumpriam suas obrigações. Deitada na cama, ela as cumprimentava. Faziam-lhe um aceno com a cabeça e sorriam.

Sarah pediu um copo d'água. A enfermeira que o trouxe pareceu-lhe conhecida.

- Não consegue dormir?

- Não, acho que não.

- Posso lhe dar alguma coisa pra dormir - ofereceu a enfermeira, examinando a ficha médica. - O Dr. Goodacre deixou receitado.

Sarah queria ficar o mais alerta possível.

- Não, obrigada. Como é seu nome?

- É Louise. Desculpe, esta noite não encontrei meu crachá em lugar algum.

Sorriu, esperando Sarah dizer mais alguma coisa. Mas foi só aquilo. Queria apenas saber o nome dela. Aprendera que chamar as pessoas pelo nome era uma das coisas mais importantes que podia fazer naquela situação, pois a fazia sentir-se ligada, viva.

Sarah fechou os olhos. Por algum motivo pensou em sua loja, a Sétimo Céu. Adorava o nome, achava-o bem-aventurado e cheio de esperança. Escolhera-o porque a fazia lembrar-se de sua mãe, enviando-lhe bençãos do

céu. Ela própria desenhara a logomarca, um sete dourado sobre uma linda nuvem de verão.

- Li sua ficha médica- disse Louise.

Sarah acenou com a cabeça.

- É muito complicada. Já conversou com sua oncologista, discutiu as opções que tem? Hoje em dia há muitas modalidades de quimioterapia, e o tempo todo os médicos estão conseguindo melhores resultados.

Sarah suspirou. A medicina não podia salvá-la do seu próprio corpo. Não queria ficar atrelada a máquinas, nem fazer parte de novos experimentos.

- Durante todo esse tempo, achei que eu saberia quando chegasse a hora.

- Saberia o quê? - perguntou Louise com delicadeza.

- Como... partir.

- É mesmo?

Sarah fez que sim com a cabeça. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto e molhavam os cantos da boca.

- Como devo partir?

Tremia agora, sentada com aquela bondosa estranha no quarto de um andar de hospital, onde todos os demais dormiam. Louise tomou a mão dela. Ao morder os lábios, Sarah sentiu o gosto de sal e a dor a lhe queimar todo o corpo desde aquela última fígada. Pensava em Mike, pensava em Will.

Will não dormira. Não conseguia parar de pensar em Sarah. Quisera ficar com ela, sentado à beira de sua cama até terminar o horário de visitas. A enfermeira hesitara, decidindo pô-lo para fora.

- Não viu a ficha médica dela? - ele teve vontade de perguntar. - Não temos muito tempo. Só duas semanas.

Mas o regulamento venceu. A enfermeira pediu-lhe que se retirasse, e Sarah não tentou detê-lo.

Logo após o amanhecer, Will se levantou. Só pensava em chegar logo ao hospital, mudar a decisão de Sarah. Duas semanas não eram suficientes. Ele precisava de muito mais tempo com ela. Os dois chegariam aos quarenta, cinquenta, sessenta, setenta juntos, se ela ficasse saudável.

Secou-se após o banho, conferiu as horas e viu que eram quase 7:00h. Ainda faltavam três longas horas para poder visitá-la. Será que a notícia da aterrissagem de emergência do avião tinha chegado à ilha Elk? Precisando de uma ligação com Sarah, pegou o telefone e ligou para a família dela.

Ao chegar à escola naquela manhã de segunda-feira, Neve não se dera conta de que ia ser só meio período. Como os professores tinham uma reunião geral de âmbito estadual, avisaram que as aulas se encerrariam pouco antes do almoço. Guiando sua bicicleta rumo à cidade, ela se perguntava por que a escola se dera o trabalho de abrir naquele dia.

Todas as lojas exibiam decorações natalinas. Viam-se guirlandas, coroas de flores e luzes brancas piscando por todo lado. Neve parou diante da Sétimo Céu e olhou a vitrina escura. Sem luzes e sem enfeites. Ficou surpresa; achava

que Sarah ia decorá-la assim que chegasse. Ainda estaria no hospital? Do lado de dentro da vitrina havia um papel preso com fita adesiva. Neve leu o bilhete: “A Sétimo Céu ficará fechada até a segunda-feira depois do Dia de Ação de Graças. Até lá, aqueçam-se bem e tenham lindos sonhos!”

Neve franziu as sobrancelhas. Sarah escrevera aquele bilhete antes de eles viajarem para a ilha Elk, o que significava que ela continuava no hospital. Suas costas estariam tão ruins assim? Ela própria ficara com alguns ematemas do choque do avião na aterrissagem forçada, mas nada muito sério. De repente, passou-lhe pela cabeça um pensamento horrível. Será que a doença de Sarah tinha voltado? Saltando na bicicleta, pedalou o mais rápido que pôde para casa.

Subiu zunindo pela cortina Windemere, rezando para que tudo estivesse bem. Todas as suas inseguranças a invadiam com violência e a enchiam de tamanho pavor que ela achou que quando chegasse ao topo desabaria em colapso na porta da frente. Achou o inalador, aspirou-o e entrou em casa.

- Chegou cedo - disse a mãe.

- Oi... mãe - disse Neve, respirando com dificuldade. - Reunião de professores.

Alice cruzou os braços, à espera.

Resfolegando, Neve tentava respirar fundo. Queria encontrar um modo de dizer à mãe que estava apavorada. Mas com a sensação de que ela não ia gostar de Sarah, não queria entrar no assunto com demasiado ímpeto. Exalou alto e disse:

- Mãe, você conhece Sarah Talbot? Estou meio preocupada com ela. Passei na loja e ela não estava lá. Acha que ainda não saiu do hospital?

- Você passou na loja dela vindo pra casa? - perguntou a mãe, com a expressão reprovadora. - Pediu permissão? Susan, quando vai aprender que tem de me dizer onde está? Deus do céu! E se sofresse um acidente, ou se alguém a agarrasse, como eu ia saber? Você está de castigo, não pode sair de casa, Susan. Eu ia esperar Julian para lhe dizer, mas agora parece um bom momento.

- De castigo?

- Por acaso tem a mínima idéia do quanto me deixou preocupada? - perguntou a mãe; o rosto ficara vermelho. - Quando não veio para casa naquela quarta-feira?: E depois, com aquele telefonema de New Hampshire que me deu? Você se lembra que foi para uma ilha com uma família que eu não conheço, que *nunca* vi na vida?

- Você conhece o papai.

A mãe balançou a cabeça.

- Não seja descarada. Vá para o quarto e pense nisso. Não estou colocando você de castigo porque isso me diverte. Amo você mais do que tudo, Susan. E Julian...

- Chega... Não quero nem ouvir esse nome - cortou Neve, bruscamente, dando-lhe as costas e afastando-se.

- Vou dizer, sim, Susan. Julian é seu padrasto. É meu marido. Pode não gostar dele, mas ele se preocupa com você.

- Argh! - ela tapou os ouvidos com as mãos.

- Ele se preocupa, sim. Sabe como tem sido difícil para nós? Ele é seu padrasto, meu bem. Pode não ser perfeito, mas se esforça muito para ser seu amigo. Sabe o que ele disse sobre o gato? "Deixe ela ficar com ele." Fiquei furiosa.

- Dr. Darrow? - perguntou Neve. - Onde ele está?

- Levei-o para o depósito municipal - disse a mãe. - Você é alérgica, não pode ter gatos. Sabe que não pode.

- O depósito municipal? - Aquelas palavras dilaceraram seu peito. Ela não quis ouvir o resto. Deu as costas, subiu a escada como um foguete e entrou no quarto.

Sarah o esperava. Embora o conhecesse há muito pouco tempo, passara a contar com ele. Quando Will cruzou a porta, ela recostou a cabeça no travesseiro e sorriu. só o fato de vê-lo a fez sentir-se contente e suspirar.

- Olá - disse ele, aproximando-se para se sentar ao lado dela.

- Oi, Will.

- Como você está? A dor continua forte?

- Não. - Tomara a medicação.

- Já viu o médico.

- Sim. Esteve aqui de manhã. Fiz o exame de ressonância magnética; acho que ele vai voltar mais tarde. Senti sua falta.

- Só Deus sabe como eu também senti a sua, garota. - Will a abraçou. Sarah sentiu a força dele. Por nada no mundo queria se separar dele.

- Ligou para o Mike? - perguntou ele.

- Psss... - ela o interrompeu, abraçando-o com mais força.

- Porque eu liguei.

Sarah arregalou os olhos de repente.

- Você não... contou para ele, contou?

- Conteí.

- Will! - Sarah se esforçou para sentar. - Você está brincando, não é?

- Por que brincaria, Sarah? Eu...

- Você não podia contar ao Mike um coisa dessas. Não quero que ele se afaste ainda mais de mim, logo agora que mal comecei a trazê-lo de volta.

- Ele queria vir. Pra ver você.

- Queria? Vir de Fort Cromwell? - perguntou Sarah, já debulhada em lágrimas.

- Sim. E seu pai também.

- Oh, Will... - Ela mal podia imaginar. Mike voltando para casa e o pai saindo da ilha.

- Se você quiser que eles venham, vou buscá-los. Mas eu vinha pensando em outra coisa.

- Em quê?

- Sei que sente dores. Sei que seria muito pedir para ficar sentada durante toda a viagem, mas se você quisesse, Sarah, eu gostaria de levá-la para casa.

Uma hora depois, a oncologista, Dra. Boswell, deu-lhe baixa da internação e permissão para viajar, e aumentou a dosagem do analgésico para a jornada, substituindo-o por morfina, porque as dores podiam piorar. Will era agora um homem com uma missão. Ouvira as instruções da médica. Telefonara para Meg Ferguson, que viera às pressas até o hospital e lhe transmitia todas as orientações, enquanto as enfermeiras aprontavam Sarah para o voo.

- Não se preocupe se está lhe dando medicação demais - disse Meg chorando. - Se ela pedir, dê. Quando chegarem à ilha, vai ter alguma enfermeira à espera?

- A tia de Sarah está cuidando disso agora. Ligou para um sanatório no Maine, que vai tomar todas as providências para arranjar uma enfermeira particular.

- Bom. sanatório, Will? Uma enfermeira de sanatório para Sarah? Sabe que isso significa que ela é uma doente terminal, não?

- Sei, Meg - respondeu Will, com paciência.

Meg falava em tom autoritário e meio ríspido, mas enxuga as lágrimas com as mãos.

- Que maldição, Will. Pensei que ela ia ficar bem.

- Ela também.

- Venho carregando isto comigo há um mês - disse Meg, enfiando a mão na bolsa e tirando uma fotografia. - Pretendia dar à Sarah.

Entregou a Will. A foto mostrava ele e Sarah na feira, no quiosque de cachorro-quente. Os dois abraçados, como amantes que não se viam há muito tempo. A expressão em seus próprios olhos impressionou Will. Parecia loucamente apaixonado, mesmo naquela época.

- Foi Mimi quem tirou - disse Meg.

Will observou a fotografia.

- Posso ficar com ela?

- Claro - Meg respondeu, chorosa.

- Que mais preciso saber?

Os dois estavam no corredor do hospital, e ele não tirava os olhos da porta de Sarah, esperando a enfermeira sair e avisar que ela já estava pronta para ir.

- Não vai ser fácil - lembrou Meg.

- Eu vou perder Sarah. - A rispidez na voz de Will se igualou de repente à dela. - Não quero que seja fácil, Meg.

A caminho do aeroporto, Sarah voltou o olhar para Will e lhe disse.

- Quero me despedir de Neve.

Will tomou as mãos dela ao pararem no sinal. As drogas se apossavam dela. Ela teve de se esforçar para apurar a visão embaçada.

- Ela vai querer ir com a gente - ele disse.

- Eu sei. Mas tenho de me despedir dela.

- Sarah, o voo já vai ser bastante duro. Vê-la só vai lhe fazer mal. E vai também fazer mal a ela.

- Por favor, Will. - Ela não tinha forças para discutir. - Neve não chegou a se despedir de Fred. Pense em como vai se sentir em relação a mim.

- Papai! - gritou Neve, irrompendo na biblioteca. - Eles levaram Dr. Darrow para o depósito!

- Meu bem - disse Will, detendo-a de chofre. Pôs as mãos nos ombros da filha e a encarou nos olhos.

- Que foi, papai? - Só então Neve viu Sarah sentada no sofá de veludo borgonhês de dois lugares, debaixo do retrato do avô de Julian. Atravessou a sala.

- Oi, Sarah!

- Oi, Neve.

- De novo juntas, até que enfim! - disse Neve, radiante. Ao lado dela, de pé, Julian e a mãe da garota pareciam magoados; Will estampava uma expressão grave no rosto.

- É, até que enfim. - Sarah sorriu.

- Ouviu o que eu disse sobre Dr. Darrow? Minha mãe acha que sou alérgica a ele, mas não sou.

- Susan, você tem alergias terríveis - disse Julian, com um tom de voz de senhor absoluto da casa. - Acho que todos nós já sabemos disso.

- O exame dela não acusou alergia a gatos - retrucou o pai. - Sabe que eu não a deixaria trazer um gato para casa se ela fosse alérgica a eles.

- Vou pegá-lo de volta - disse Neve, dirigindo-se diretamente à Sarah, como se a tranquilizasse saber que o gatinho da ilha Elk seria tratado com amor, apesar daquele trepidante regresso ao lar.

De repente, ao passar os olhos pela biblioteca, ficou impressionada com a cena extraordinária que viu: todos os adultos importantes de sua vida estavam ali reunidos. Sorrindo, espantada, captou o olhar de Sarah, riu alto e perguntou:

- Mas não é estranho vocês todos aqui juntos?

Sarah respondeu:

- Não acho. Estamos aqui por sua causa.

Neve percebeu que alguma coisa estava acontecendo.

- Mas isso não tem nada a ver com Dr. Darrow, tem?

Sarah balançou a cabeça.

Pela primeira vez, Neve reparou como ela estava pálida.

- Então, o que houve?

- Vim me despedir - disse Sarah.

- Aonde você vai?

- Vou voltar para a ilha.

O pai avançou um passo e anunciou:

- Ela vai comigo.

- Como? - Neve olhou em volta e suplicou: - Posso ir? Tenho de ir. Se você vai, eu também vou. Diga que sim, papai. Mamãe, diga ao papai que você me deixa ir...

Sarah pôs a mão no pulso de Neve.

Não, Neve, não pode.

- Que quer dizer? Por que você está indo?
- Susan... - começou Alice. Julian pôs a mão no ombro da esposa.
- A minha doença voltou - disse Sarah.
- Não! - gritou Neve, levando instintivamente as mãos à boca.
- Quero ficar em Mike, e seu pai vai me levar de avião.
- Isso não é justo.

Sarah era a única que sabia o que Neve queria dizer. Não se referia à sua ida para a ilha, mas à injustiça do destino que representava a volta da doença.

Mais uma vez, Sarah estendeu-lhe a mão. Nave reparou como os cabelos dela estavam deslumbrantes. Pareciam um véu de prata podia, sedoso e macio.

- Seus cabelos estão lindos - disse, entrelaçando os dedos nos de Sarah.
- Obrigada.

Neve baixou a cabeça.

- Vou ver você de novo? - perguntou, tão baixinho que só Sarah ouviu.

Acho que não.

Neve balançou a cabeça. Com os olhos fechados, saboreava a presença de Sarah. "Ela está bem aqui", pensou. "Logo vai embora, mas por enquanto ainda está *bem aqui*." não pudera experimentar um momento como aquele com Fred.

- Tenho sempre algumas coisas do meu irmão comigo. - Apertou a mão de Sarah com mais força. - Os nomes têm sido importantes. - Mantinha a voz firme. - Para me lembrarem dele. Eu adorava neve..

- Eu sei.

- Tenho me perguntado qual vai ser meu próximo nome. Precisa começar com S, porque isso me dá serenidade. Ando pensando em me chamar Sarah - agora Neve segurava com força as duas mãos de Sarah. - Sei que você não conheceu Fred, mas parece que o conhece. Quando a gente viu aquela baleia lá na ilha, quando eu disse que ela tinha asas de anjo, você sabia que eu estava pensando em Fred.

- Sim, sabia. - Sarah segurava as mãos de Neve com a mesma intensidade.
- Você teria adorado Fred.
- Estou certa que sim.

- Não fique doente, Sarah. - Mal foram pronunciadas, tais palavras fizeram Neve cair em prantos. Ela se curvou, pousando a cabeça sobre o colo de Sarah, abraçando-a firme na altura dos quadris.

Chorou muito por alguns minutos antes de se levantar.

- Quero ser chamada de Sarah - declarou. - É o seu nome, mas também tem a ver com Fred.

- Fico muito honrada. Mas como seria se, em vez de Sarah, você usasse outro nome?

- Qual?
- Que tal Susan?
- Susan? - Neve arregalou os olhos.
- É um lindo nome.

- Mas não basta. Não me faz lembrar de ninguém.
- Fred conhecia você como Susan - disse Sarah, com carinho.
- Mas eu sinto falta dele. E, Sarah... eu vou sentir sua falta.
- Ah, eu sei - disse ela, sorrindo. - Foi por isso que eu quis ver você.

Porque também vou sentir sua falta.

Neve mordeu o lábio. Os olhos de Sarah cintilavam, e ela quis que aquele brilho durasse para sempre. Mas quando tornou a erguer a cabeça, as nuvens haviam voltado. Só algumas, meio cinzentas, à distância, bem no fundo dos olhos zaus de Sarah.

- Precisamos ir - disse o pai, estendendo o braço e tocando o ombro da filha com a mão.

Alice se aproximou de Neve. Também tocou no ombro dela.

- Meu bem? - disse, sem nenhum traço de ciúme no olhar. Tampouco sentia qualquer insegurança em relação a Julian. Sentia apenas amor, puro e simples, por sua única filha.

Neve se sentiu tomada por uma sensação de paz. Mergulhando no fundo dos olhos de Sarah, viu a ilha Elk, a baía escura, as luzes do norte, Mike.

O grande carrilhão no vestibulo: "1400", pensou, referindo-se ao seu código pessoal para exprimir as 14:00h.

- Meu bem? - insistiu a mãe.

- Meu nome é Susan - disse a garota baixinho, dando o último abraço em Sarah, talvez o mais intenso que já dera, antes de soltar as mãos da amiga e deixar que os pais a ajudassem a se levantar.

Capítulo 07

Lar. A palavra manteve Sarah integrada, conservou sua atenção, encheu sua mente durante todo aquele percurso de Fort Cromwell à ilha Elk. As drogas a deixavam grogue. As enfermeiras do hospital haviam instalado uma bolsinha em seu braço, com um pequeno cateter intravenoso portátil, que ficava oculta debaixo da manga. Meg enchera-a com uma bombinha de morfina. Quando as dores voltavam, Will fizera a mesma coisa. – “Lar”, pensou Sarah. “Lar.”

- Estamos chegando? – perguntou, reparando na estridência da própria voz.

Pusera uma das mãos no joelho e outra na janela fria. Sentia o frio nas pontas dos dedos, mas nenhuma dor nas costas ou em qualquer outro lugar.

- Sim, Sarah, estamos quase chegando.

Sua voz ressonante se fundiu com o barulho do motor de uma maneira que a fazia lembrar dos sonhos, de filmes estranhos da década de 60. Porque tomara drogas, esse era o motivo. Sentia-se alta como uma pipa.

- Isso tem de parar – disse.

- O quê?

Sarah soube que assustara Will, pelo modo brusco como ele virou a cabeça, embora não tivesse percebido quando falara. Sentia-se envolta em névoa, a língua grossa, as pálpebras pesadas. O mar se abria ao campo visual, mas ela se achava entorpecida demais para interessar-se.

- Chega de drogas.
- Sarah, a dor será forte demais.
- Quero ficar desperta.

Will não concordou nem discordou. Apenas continuou a pilotar.

Os dois tiveram um grupo de boas-vindas. Will aterrissou o avião com o máximo de suavidade possível, atento ao fato de que a medicação dela devia estar perdendo o efeito depressa. Esperavam-nos George e Bess; a fisionomia dos dois era no mínimo sinistra. Atrás deles, sem chapéu, Mike tentava sorrir. Uma enfermeira impassível estava ao lado dele, envergando um casaco azul-marinho sobre o vestido branco, as mãos apoiadas nos puxadores de uma cadeira de rodas.

Ao ajudar Sarah a saltar do avião, Will sentiu os braços dela em volta do pescoço e sua respiração no rosto. Quando a baixou para assentá-la na cadeira de rodas, beijou-lhe os cabelos.

- Sarah... – George tinha a voz muito grave e o rosto parecendo cem anos mais velho.

- Oi, pai. Tia Bess...

- Sarah, querida. – Tia Bess curvou-se para um abraço. Quando a tia tornou a erguer-se, Sarah sorriu para Mike e disse:

- Bem, aqui estou.

- Oi, mãe – disse Mike.

Continuou parado diante dela, com as sobrancelhas franzidas e um ar tímido. Will quis cumprimentá-lo. Sarah abriu os braços. Com relutância, Mike se curvou. Mas a meio caminho seu abraço tornou-se verdadeiro, e Will percebeu que ele não queria soltá-la.

- Como ela está se saindo com os medicamentos? – perguntou a enfermeira a Will. Tinha uns cinquenta anos; era baixa e corpulenta, de cabelos grisalhos.

- Não quer tomar mais nada.

A mulher se agachou ao lado de Sarah.

- Oh, a enfermeira – disse Sarah com confiança nos olhos.

- Está pronta para outra dose de medicação? – perguntou Martha.

- Não quero mais nenhuma. – Sarah olhava direto nos olhos de Martha, como se esperasse que a enfermeira tentasse dissuadi-la.

- Muitas pessoas decidem não tomar mais – Martha comentou.

- Tem certeza, querida?

- Tenho, sim, Tia Bess – e Will viu-a fitando Mike.

Durante o entardecer, Martha a examinou várias vezes. Ou fora sua mãe? A dor pregava peças misteriosas. Enquanto dormia, Sarah sentiu a mão fria em sua testa quente. Dedos finos acariciavam-lhe os cabelos.

- Dói muito – disse, chorando.

- Eu sei, meu amor – consolou-a a mulher.

Viu pela janela que a lua era cheia. Brilhava na neve recente, delineando uma vereda prateada baía afora. Faixas incandescentes de verde-dourado resplandeciam no mar. O pinheiro que Sarah enfeitara tantos anos antes, para a mãe, crescera muito, mas cintilava com velhinhas acesas de cima para baixo, mais uma vez decorado para o Natal.

A dor era insuportável. Tentáculos alastravam-se por seus ossos e órgãos num aperto mortal. Ela gritou, estendendo o braço à procura da mão macia da mulher.

- Por favor, faça isso parar.
- Vou fazer, querida, vou fazer parar logo.

Quando Will subiu após o jantar, encontrou Sarah de pé, diante da janela. Usava uma camisola de dormir branca e tinha os olhos fixos no mar ao longe. Vê-la de pé causou-lhe um choque.

- Sarah! – exclamou.

Ela virou-se, tão linda quanto da primeira vez em que a vira. Sua pele reluzia. Por um momento, vendo-a à luz do luar, achou que via um fantasma. Mas ela avançou até ele e o beijou com paixão humana.

- A dor passou. Não sei por quê, mas passou.

Levando-o para a cama, Sarah o empurrou delicadamente para baixo. Despiram-se, a princípio devagar, e depois, como Will se sentiu mais confiante de que não ia machucá-la, com mais urgência. Achou a pele de Sarah muito quente, como se ela estivesse com febre. E quando ela puxou-o para junto de si, ele entregou-se por inteiro, desejando transmitir-lhe tudo que sentia, do fundo do coração.

Quando começavam a adormecer, um suspirava a meia voz o nome do outro.

- Will... – murmurou Sarah.

- Olá – ele respondeu, mais uma vez desperto. Ouviram-se quatro badaladas no relógio de parede do avô, no andar de baixo. Os dois mantiveram-se acordados a noite inteira.

- Não consigo dormir. Não quero dormir.

- Eu também não. – Ele não queria desperdiçar um minuto.

- Tive um sonho estranho com minha mãe, Will. Parecia tão real... Martha esteve aqui em cima?

- Uma ou duas vezes – ele disse, acariciando-lhe os cabelos. Sarah parecia tão contente e despreocupada que era como se a doença houvesse desaparecido.

- Talvez fosse Martha, mas acho que não. Acho que foi minha mãe.

- Talvez tenha sido. – Will não parava de admirar a beleza dela, afetuosa e entorpecida. Lembrava-se da primeira vez em que a vira. O vôo de aniversário sobre as montanhas outonais. Já saberia então? Já a amava? Quase lhe pareceu possível que aquilo tudo fosse predestinado desde o início. Retirando mais uma vez as cobertas, tomou-a nos braços.

- Pode ficar de pé? – ele perguntou.

- Sim, mas, por quê?

Saindo da cama, Will arrastou a coberta forrada de penas. Apertou Sarah nos braços, puxou a coberta e passou-a em volta dos dois. Seu coração se acelerou quando a levou para perto da janela. Juntos, ficaram ali imóveis, sentindo o ar frio envolvê-los.

- É tão lindo – ela sussurrou, fitando o rastro prateado que o reflexo da lua desenhava na baía escura como breu.

- Você é linda. Minha Sarah...

Ela ergueu os olhos imensos e luminosos.

- Quer casar comigo? – ele perguntou.

- Oh, Will...

- Na capela da ilha. Hoje. Casa comigo?

- Eu gostaria de estar lá – sussurrou Susan, consternada demais para falar com a voz normal.

- Estamos muito contentes por ter você aqui – disse Julian.

Ele se esforçava tanto para agradá-la que Susan não ousava sequer lançar-lhe um olhar furioso. Sentados à mesa da cozinha, os três olhavam, sem comer, para suas tigelas de mingau de aveia. O bebê urso, a mamãe urso e o padrasto urso imbecil. Susan conferiu as horas no relógio de pulso e disse:

- Tenho de ir para a escola.

- Não, não tem, não – retrucou Julian.

- Vamos mantê-la em casa hoje – disse a mãe, em voz baixa.

- Por quê? – Susan sentiu um frio no estômago. – Souberam de alguma coisa sobre Sarah?

- Não – apressou-se em dizer Julian. – Teríamos avisado você, caso soubéssemos de alguma coisa.

- Marcamos uma consulta para você, Susan – disse Alice. – Com o Dr. Darrow.

- Por favor, não – disse Susan com horror, imaginando aqueles gêmeos assustadores, as fotos da família Darrow penduradas na parede.

- Andei meio cega – disse a mãe.

- A mudança para cá... – começou Julian – Ter um novo padrasto... Sabemos que não deve ter sido tudo um carnaval.

- Tudo? Que tal anda? – disparou Susan a meia voz. Em menos de dez segundos, estava mais uma vez a trocar o nome para Neve. Talvez passasse a ser Geada. – Você não sabe nem da metade, Julian.

- Conte-me, então.

- MF, divórcio, ganhar um novo gatinho e vê-lo sendo levado para o depósito municipal.

- Que é MF? – perguntou Julian, em tom sério.

- Morte de Fred – respondeu a mocinha.

- Eu gostaria de tê-lo conhecido.

- Muita gente gostaria – disse Susan, cabisbaixa, olhando para as meias brancas muito curtas. Eram as que Fred usava com *jeans* preto.

- Aquele gatinho – disse Julian – era muito bonitinho.
- Dr. Darrow... – Susan murmurou, ressentida. – Eles confiaram em mim, quando me deram Dr. Darrow. A tataravó da avó dele se chamava Desdêmona.
- Boa linhagem – comentou Julian, misturando o mingau.
- Talvez a gente tenha agido de forma meio precipitada – disse a mãe. – Seu pai tem razão. Seus testes não indicaram alergia a gatos.
Susan ergueu a cabeça num movimento abrupto.
- Quer dizer que posso ter ele de volta?
A mãe assentiu com a cabeça.
- Oh, mãe, obrigada!
- Por nada, meu bem.
- A gente pode ir agora mesmo? – Susan levantou-se da cadeira num salto.
A mãe sorriu.
- A gente o apanha a caminho do Dr. Darrow real.
- Ah, não – disse Susan. – Está me obrigando a ir?
A mãe fez que sim com a cabeça.
- Se sua mãe diz que você tem que ir, é melhor vestir o casaco.

Sarah acordou. Achava-se no meio de um milagre, e sabia disso. Aquele era o dia de seu casamento. Will acordara uma hora antes, se é que chegara a dormir. Beijara-a, descendo em seguida para preparar tudo. Esgueirando-se, ela examinou o corpo. A dor não voltara. Foi até a janela e a cada passo se via mais consciente. “Vou morrer hoje.”

A luminosidade brilhante da véspera se dissipara, e o céu parecia próximo o bastante para que fosse tocado. Um céu de neve, rendado com delicadas nuvens. Ao som de uma batida na porta, Sarah virou-se para trás. Tia Bess abria uma fresta. Ao vê-la de pé, entrou no quarto com uma caixa grande.

- Sarah, querida! – disse a tia, com o rosto afogueado. – Quando Will nos contou a novidade, fiquei pasma. Mas estamos tão felizes! Todos nós. – Pôs a caixa na cama e foi até a janela.

- Obrigada, Tia Bess – ela disse, recebendo a tia nos braços.

- Will é um amor de rapaz. Eu o adoro.

- Eu também.

- Esperei muito tempo por este dia – disse Tia Bess, indo até a cama. Abriu a caixa. – Sua mãe era tão linda – continuou, tirando o vestido de cetim branco da caixa e erguendo-o.

Sarah deu um suspiro. Tocou o tecido do vestido de núpcias da mãe. O cetim branco e macio deslizou com leveza por sua pele.

- Espero que caiba em mim – sussurrou, segurando o vestido diante do corpo magro.

- Vai caber.

- Tia Bess, minha dor desapareceu – disse Sarah, de repente.

- Eu sei, querida.

- Que quer dizer com isso?

- Quer dizer que você tem uma coisa importante a fazer.

Os gansos grasnavam e gingavam pelo terreno. Parados junto ao jipe, George e Mike esperavam Sarah, Bess e a enfermeira saírem, metidos em roupas de festa. Will andava de um lado para o outro na alameda. Parecia um piloto da marinha com sua jaqueta de combate.

- Você pensou um pouco nisso? – perguntou George.

- Pensei muito.

- Não o bastante para lembrar de trazer um terno. – George estreitou os olhos.

- Tinha algumas coisas mais sérias em mente quando parti de Fort Cromwell.

- Ela é minha única filha! – explodiu George.

- Vovô – disse Mike. – Ela quer casar com ele.

- É, eu sei – gaguejou George, expelindo perdigotos. – Nem sempre ela foi muito sensata em relação aos homens que arranjou no passado. Agora você entra a toda em nossas vidas, e tudo fica virado de pernas para o ar.

- O que virou de pernas para o ar? – perguntou Will.

- Bem, o fato de quase a matar numa queda de avião, por exemplo.

- Foi uma falha mecânica. O trem de aterrissagem não se encaixou.

- Você não cuida da manutenção de seus aviões?

- Cuido de meus aviões, sim, George. Lamento muito, certo?

- Não, não tem nada certo. Acha que um pedido de desculpas vai compensar todo o resto?

- O acidente com o avião, e o que mais?

- Ela adoeceu de novo – berrou George. – É isso! Não chega?

Will ficou imóvel. George o chocara, com certeza.

- Ficou perturbada, isso sim – disse George, desmoronando. – Foi isso que aconteceu. O sistema dela simplesmente não agüentou. – Ele se virou de costas para que não o vissem chorando. Perdera Rose da mesma maneira. Tentara mantê-la deitada, livre de emoções, mas não, ela quisera envolver-se em tudo.

- Senhor? – insistiu Will.

- Que é? – retrucou George bruscamente.

- Esqueci de pedir uma coisa.

George se recompôs. A garganta lhe doía. Virou-se e lançou um ríspido sinal com a cabeça para que Will prosseguisse.

- George, eu gostaria de lhe pedir a mão de sua filha em casamento.

Ali parado, os pés plantados na neve, George piscou os olhos ao erguer a cabeça e captar a luz do céu. A neve começava a cair.

- Por favor, George – disse Will, em tom ameno.

Com movimentos vagarosos, George assentiu com a cabeça.

- Sim. Recebam minha benção.

- Eu amo sua filha.

George franziu os olhos para Will Burke.

- Sei que ama, filho – ouviu-se dizendo.

Puxou o futuro genro para junto de si, e deu-lhe um abraço com tapa nas costas e tudo, no momento em que a porta se abria e Sarah saía. Will chorava e George virou-o de costas para a noiva.

Afinal, como o pai sabia, dava azar o noivo ver a noiva antes do casamento.

Quando atravessaram a ilha, a neve caía pesadamente. A capela de pedras escuras ficava à beira mar, mais abaixo do terreno, e a coroa verde continuava suspensa na porta. George conduziu Will até entrarem na igreja. O noivo ainda não vira Sarah. Bess fizera uma grande produção, fazendo-o sentar-se no banco da frente do jipe, enquanto instalava a sobrinha no de trás.

Agora ela se achava no carro, sentada ao lado do filho; os demais já aguardavam dentro da igrejinha.

- Tudo bem, mãe? – perguntou Mike. – Está bem agasalhada?

- Sim – respondeu, embora tremesse de frio.

- Rodei com o jipe um pouco antes, para ligar os aquecedores.

Sarah virou-se e disse:

- Você é muito atencioso.

Mike deu de ombros.

- Neve queria vir. Sei que adoraria falar com você.

- Talvez eu ligue para ela – disse Mike.

Sarah assentiu com a cabeça.

- Ela gosta de você – a mãe disse, e foi nesse momento que teve plena consciência de tudo. Não estaria mais ali para saber o que acontecia. Não veria Mike fazer 18 anos, não saberia se ele voltaria para a escola ou não. Se o filho se apaixonasse por Susan, ela também não estaria presente para ver.

- Mike – ela disse, fitando-o.

- Que foi, mãe?

- Meu bem, eu quero...

- Eu sei, mãe.

- Não, você... – Ela fez uma pausa para recuperar um fio de domínio sobre si mesma. – Seja feliz, Mike – conseguiu dizer.

Ele a olhou preocupado. A expressão no rosto da mãe revelava tudo. Sempre fora assim. Ela se vestira para o casamento, pusera um pouco de pintura, mas não podia disfarçar o que estava acontecendo.

Mike saltou do jipe, contornou-o até o lado da mãe e ajudou-a a sair. Subiram a entrada de pedras. Parando diante dos degraus, Sarah abraçou o filho. Ele a apoiava com os braços fortes, mantendo-a firme.

- Mike, você vai falar... – Alguma coisa nos olhos dele a faz saber que podia perguntar. – Você vai falar de mim para os seus filhos?

- Oh, mãe – murmurou, esforçando-se muito para sorrir. – Veja onde estou. Estou na ilha Elk. É onde quero ficar, e isso por sua causa. Adoro este lugar, mãe. É o nosso lar. – Abraçou-a mais fortes, depois tomou-lhe a mão. – Que é isso? – ele disse com a voz embargada, mas amorosa. – Vamos entrar.

Abriram a porta. Ao entrar, Sarah respirou fundo.

Lá estava ele, Will, de pé junto ao altar. Tinha os ombros tão largos que seus músculos insinuavam-se sob a jaqueta, e curvara-se ligeiramente para frente, numa posição de expectativa e desejo.

Também no altar, de paramentos pretos e roxos, o reverendo Dunston sorria. Sentadas na primeira fila, Tia Bess e Martha também sorriam, radiantes.

O pai de Sarah avançou das sombras até ela e enlaçou-lhe o braço esquerdo.

- O vestido de Rose – disse baixinho, baixando a testa para tocar na da filha. – Está pronta, querida?

- Sim, papai.

- Tudo bem, mãe – disse Mike. – Lá vamos nós.

O tema era de Bach. Antigas e lindas, as notas tocadas alto e em palheta saíam de um velho gravador de fitas. A fumaça das velas enchia a capela, misturando-se ao incenso. Um milagre trouxera Sarah até ali. Achava-se tão perto, não tinha muito mais que prosseguir.

Seus olhos encontraram os de Will.

Muito devagar, Sarah começou a atravessar a nave, com o pai de um lado e o filho do outro, os braços solidamente apoiados nos deles.

Amor. Sarah Talbot sentia-o em todo o coração. As velas cintilavam à sua volta. A fraca luz da neve entrava pelos vitrais azuis; os santos viam tudo. Tinha dois homens fortes ao seu lado. Faltavam só mais alguns passos. Sarah mantinha os olhos focados em Will. Via os olhos dele, de um lindo azul-escuro, lagos de amor e pesar. *Seja feliz*, quis gritar. *Esse é o dia do nosso casamento!* A vida era tão curta. E cada momento, precioso.

Chegando ao altar, Mike e o pai se detiveram. Sarah fitou o pai no fundo dos olhos. Ela o ouviu murmurar ao beijá-la:

- Minha linda filha.

Voltou-se para receber o beijo de Mike, dizendo:

- Meu lindo filho...

Will tomou sua mão. Os dois se olharam profundamente, e Sarah sentiu o amor dele inundá-la até as profundezas da alma. Seu corpo tremia, descontrolado. Tomando-a nos braços, Will a manteve firme.

- Sarah – disse o sacerdote. – William.

Will assentiu com a cabeça.

- Amem um ao outro, mas não tornem o amor uma servidão. Deixem-no antes ser um mar em movimento entre as praias de suas almas.

O tempo corria depressa. “Tanto amor, tanta alegria exultante e alarmante”, pensava Sarah. Sua família reunida em volta. Sentia o corpo cansado, pesado. Vacilando, apoiou-se em Will, percebendo então a imensa tristeza em seus olhos.

O reverendo Dunston desviou o olhar de Sarah para Will.

- William, aceita Sarah, a quem segura pela mão, como seu legítima esposa, para amá-la, honrá-la e estimá-la na alegria e na dor, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

- Aceito.

- E você, Sarah, aceita William, a quem segura pela mão, como seu legítimo marido, para amá-lo, honrá-lo e estimá-lo na alegria e na dor, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

- Aceito – sussurrou Sarah. Lágrimas escorriam-lhe pela face; ela fitava Will.

- Fique – ela murmurou, como se não pudesse mais se conter.

Era ele quem devia ser valente. O homem forte, o noivo fingindo felicidade por Sarah. Ela estava morrendo, deixando-o, e ele tinha de ser estóico e corajoso.

Sarah soluçou. *Até que a morte os separe.* Ela sentiu-a chegando. Era calma... e terrível.

- Que sinais têm para simbolizar seu amor e respeito um pelo outro? – perguntou o reverendo.

O pai de Sarah entregou a Will a aliança de casamento de ouro que fora da mãe dela. Will pôs o anel no dedo de Sarah. Repetindo as palavras que o reverendo Dunston disse:

- Com este anel eu a esposo, e com todo meu amor eu o dou a você.

Tia Bess adiantou-se e pôs um objeto rígido na mão de Sarah.

- Querida – ela sussurrou, - pertenceu ao seu tio Arthur.

- Deus a abençoe, Tia Bess – disse Sarah. Deslizando o anel pelo dedo de Will, segurou-lhe na mão dizendo:

- Com este anel eu o esposo, e com todo meu amor eu o dou a você.

Os dois se deram as mãos, e Sarah sentiu o coração elevar-se. Sorriam e sorriam, um para o outro. Ela não ia desistir jamais.

- Sarah e William – recomeçou o reverendo Dunston. – Pelo poder em mim investido pela igreja e o estado do Maine, agora os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Curvando a cabeça para trás, Sarah sentiu Will beijar-lhe os lábios. O beijo foi suave. Seus lábios encontraram os deles e os braços de Will envolveram seu corpo. Agora eram marido e mulher.

- Will – ela disse, sorrindo.

- Marido e mulher – disse Will, dando um sorriso largo, trazendo-lhe à mente a imagem dele naquela primeira vez em que os dois se encontraram, no vôo de aniversário. O passeio durara um longo tempo, mais tempo do que devia, mas o tempo deles chegava quase ao fim. O tempo fora uma dádiva, e ela e Will haviam amado cada minuto daquela viagem, daquele caminho secreto que, para Sarah, fora uma volta ao lar.

O filho estava ali, parado atrás deles. “Susan”, pensou Sarah. “Neve. Onde quer que esteja, olá, minha filha.” O coração palpitava. Asas de anjos a transportavam pelo ar. Tinha a mãe ao seu lado, e Fred. Sarah mal podia respirar. Lágrimas toldavam-lhe a visão. Vida... Oh, a vida.

- Até que a morte os separe – sussurrou Sarah.

- Para todo o sempre – disse Will.

- Para todo o sempre – disse Sarah. Olhava fixo o marido para memorizar seu rosto. Para todo o sempre.

Epílogo

Era o Dia do Trabalho, e todos os gramados da ilha resplandeciam, dourados. Faziam cócegas nas pernas de Susan ao longo da caminhada. Saída da casa quase uma hora antes, atravessando os lugares que vira pela primeira vez em novembro passado, quando a ilha se achava coberta de neve.

A capela ficava logo à frente. Sentiase nervosa com o que fazia, embora tivesse planejado aquilo durante todo o tempo. A mochila parecia pesada, batendo-lhe nas costas a cada passo. O desconforto não a incomodava.

A capela surgiu linda no campo visual, o campanário de pedras escuras da torre se erguia varando o céu azul. Amarrado à porta, ela viu um buquê de flores silvestres e se perguntou quem o pusera ali. Atravessou pelo lado, cruzando o portão que dava no pequeno cemitério. Sentia-se tímida, como se fosse encontrar alguém importante pela primeira vez. Com as palmas das mãos úmidas, enxugou-as nas laterais do *jeans*.

Olhou o pequeno grupo de sepulturas. Uma lápide era tão mais nova que as outras que Susan não teve dúvidas. Dirigiu-se para aquela. Correu os dedos pela superfície de granito liso, retirando a areia, e ajoelhou-se.

- Olá, Sarah – disse.

A lápide era pequena e simples, e a obra de entalhe, incisiva e profunda. A visão do nome gravado na pedra tornou tudo real. Sarah Talbot Burke. A amada da ilha.

- Não apenas da ilha – disse Susan, franzindo as sobrancelhas. Por acaso achava que a ilha era o único lugar onde Sarah fora amada? Sentiu o ressentimento, um grande nó no estômago. Mas de repente quase chegou a ouvir a carinhosa risada de Sarah.

- Senti sua falta – disse Susan, os olhos fixos no nome de Sarah. Acalmando-se, tirou a mochila das costas. Um buquê, idêntico ao da porta da igreja, estava estendido na base da lápide. Projetava-se debaixo do emaranhado de ástreas, virgas-áureas e cenouras silvestres, um bilhete com a caligrafia de seu pai.

- Papai também esteve aqui – disse Susan. – Sei que veio para cá esta manhã. Ouvi-o saindo de casa. Ele também sente a sua falta, Sarah. – Sentindo um aperto no coração, ela curvou-se para frente e chorou. – Muito – disse mais uma vez, quando conseguiu falar. – Meu pai anda meio calado, fechado em si mesmo, já há algum tempo. Nem eu consigo chegar até ele. Mas Sarah... – engolindo com força, Susan tocou a pedra de novo, desenhando com os dedos as letras esculpidas. – Ele tinha de sofrer essa dor até o fim, esgotá-la. Explicou tudo para mim quando a gente vinha para a ilha. É parecido com o que eu sofri por causa de Fred. O amor é a maior benção que existe, e quando a gente ama alguém como ele a amou, não consegue aceitar a dor da perda com muita leveza. Simplesmente não consegue.

Will e Susan tinham vindo buscar Mike. Será que Sarah já sabia? Estaria sentada em algum lugar, radiante e sorridente, porque Mike decidira concluir o último ano da escola, morar com Will até o verão seguinte?

- Seu pai a princípio teve um ataque – disse Susan, sorrindo. – Ele e meu pai travaram aquelas guerras telefônicas interurbanas. Pobre Tia Bess. Ligava de volta quando George saía de perto, para pedir desculpas.

Rindo, Susan curvou a cabeça.

- O engraçado foi que no fim ele acabou aceitando. Bom velho George!

As mãos tremiam um pouco quando ela abriu o fecho da mochila. Tirando a placa com todo o cuidado, deu um suspiro.

- Todo mundo ama você – começou Susan. – Todo mundo. Seu pai, Tia Bess, Mike, meu pai e eu. Sarah, meu pai a ama tanto, você foi uma dádiva tão grande para ele! Não imagina o quanto me ensinou... A amar e, mais ainda, a ter esperança. Meu pai tem tanta esperança agora... Acorda todos os dias e vive para você.

Susan recuperava o fôlego.

- Você se lembra, Sarah? A primeira vez que a gente se viu? Quer dizer, eu tinha visto você no vôo de seu aniversário, mas só a conheci de verdade naquele dia na loja, quando entrei morrendo de frio. – Uma sombra percorreu a sepultura. Susan gostaria que fosse uma águia, mas era apenas uma nuvem deslizando pelo sol brilhante. – Eu queria você toda minha. Quando aquelas universitárias entraram, senti ciúmes. Mas você é minha. Você me conhecia, Sarah. Me conhecia de verdade.

Abrindo espaço ao lado das flores do pai, Susan apoiou a placa que fizera na lápide. Era um pequeno pedaço de madeira oval, pintada de azul, uma nuvem mágica com um sete dourado, penas caindo como flocos de neve – uma pequena lápide da tabuleta da loja de Sarah.

- Meu pai me ajudou a fazer – disse. – A gente fez na oficina dele, no aeroporto, no inverno passado, logo depois que você morreu.

Por um minuto ela se lembrou do hangar frio, do silêncio enquanto cortavam a madeira na longa bancada de ferramentas, os dois sentindo a perda de Sarah. Mas quando a tabuleta ficou pronta para pintura, a primavera já havia enchido os pomares ao redor do campo do aeroporto com flores de maçã e de pêra. Susan e o pai haviam passado todas aquelas longas horas juntos.

- Na época em que eu estava fazendo a tabuleta – disse Susan, as lágrimas contidas fazendo sua garganta doer -, eu achava que aquele era o nosso lugar, sua loja, Sétimo Céu. Mas, Sarah... – Ela olhou em volta. Ondas se quebravam sobre as pedras lá embaixo, e as águias gritavam, exultantes. – Você está comigo o tempo todo. Isso é incrível. Na Sétimo Céu foi só onde a gente se conheceu, mas trago você comigo sempre. – Leu mais uma vez em voz alta a lápide de Sarah: - Sarah Talbot Burke. A amada da ilha.

Erguendo os olhos, Susan avistou uma águia. Ela sobrevoou uma vez em círculo, descrevendo uma curva fechada. Depois pairou sobre o ancoradouro, ao redor da baía, mergulhando bom no fundo, ao longe, antes de desaparecer do campo de visão de Susan. Não importava. Susan sabia que ela ia volta. Ela e o pai iam levar Mike para casa, e no verão seguinte voltariam todos para a ilha. E Sarah também.

Autora dos bestsellers · *A minha verdade é o amor* · *Espero por ti este Inverno*

LUANNE RICE

NO SÉTIMO CÉU

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

Romance

*Nunca é demasiado tarde
para encontrar o verdadeiro amor
ou dizer finalmente adeus
a quem partiu para sempre*



Quinta Essência*

Levantando-se, Susan retirou pedacinhos de grama das palmas das mãos. Conferiu a placa para ver se estava bem fincada na sepultura de Sarah, para fazer-lhe companhia enquanto Mike, ela e o pai estivessem longe. Não tinha como sair dali.

- A amada – sussurrou Susan, tocando mais uma vez as letras – da ilha. Desta vez, não lhe pareceu difícil pronunciar as palavras.

Digitalização e Arranjo

André Luiz – myvirtualdisk@yahoo.com.br